MISADVENTURES WITH A PROFESSOR



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

SIERRA SIMONE



Tradução e Revisão: Seraph Wings

Leitura Final: Mika Hanazuki

Formatação: Aurora Wings

04/2020

Sempre agradecendo ao grupo Pepper Girls por nos ter apresentado tantas autoras maravilhosas.

Sierra Simone é uma delas!

Pepper Girl para sempre será lembrado!

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Wings Traduções (WT), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WT poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Zandy Lynch nunca planejou ir para a pós-graduação virgem. Então, quando seu pai professor encontra um emprego no exterior como assistente de pesquisa no verão antes de começar seu programa de mestrado, ela vê sua chance. Ela tem uma noite em Londres para perder sua virgindade para uma versão do Sr. Darcy antes de se juntar a algum velho professor no interior.

Oliver Graeme não está ansioso para ter uma universitária americana pairando ao redor enquanto está tentando trabalhar, mas ele deve ao pai dela o favor, e além disso, seu escritório é uma bagunça desordenada de pesquisa não catalogada. Ele precisa de ajuda. Ainda assim, ele decide aliviar sua frustração enquanto visita um colega em Londres, e acaba tendo a noite mais sexy e doce de sua vida com uma estranha, que desaparece pela manhã sem deixar rastros...

Para o choque de Zandy quando ela chega na casa do Professor Graeme um dia depois, a porta não é aberta por um velho estudioso exigente, mas pelo homem selvagem e apaixonado que ela conheceu em Londres. Frio e reservado durante o dia, Oliver é ferozmente ganancioso com ela à noite, e não demorou muito para Zandy se apaixonar por ambas as versões dele — o professor distante e o generoso e áspero amante. O problema é que o verão dura pouco tempo, e Zandy já tem uma passagem de avião esperando para levá-la para casa...

**** Misadventures é uma série de romances autônomos picantes, cada um escrito ou co-escrito por alguns dos melhores nomes do romance. As histórias são escandalosas, refrescantes e, claro, incrivelmente sexy. São a leitura de cabeceira perfeita, um "rubor rápido" para o leitor que ama um romance intrigante.**

UM

ZANDY

Eu esqueci o guarda-chuva.

Lembrei-me do carregador de bateria reserva, batom, preservativos, meu passaporte, uma escova de dente descartável e uma quantidade adequada de dinheiro em caso de emergência. Passei horas ajeitando meu cabelo e maquiagem em um visual que proclamava a mistura perfeita de experiência sexual e social. Eu pesquisei minha rota e destino e revi minhas anotações para o plano.

Eu estava preparado para todas as contingências - exceto a mais óbvia, que às vezes chove na Inglaterra.

Ok, muitas vezes. Chove na Inglaterra *muitas vezes*. E esqueci o maldito guarda-chuva no meu quarto de hotel.

Olho de soslaio para a placa da rua do prédio ao meu lado e depois volto para o meu telefone, tentando me orientar. Infelizmente, a chuva tornou quase impossível visualizar o aplicativo na minha tela e, ainda mais, tenho certeza de que nunca me deparei com esta rua em todo meu planejamento e preparação, o que significa que estou definitivamente perdida - embora seja difícil dizer, dado que as ruas de Londres mudam de nome em intervalos surpreendentemente aleatórios.

E é enquanto estou parado, tentando esfregar minha tela respingada pela chuva no meu vestido igualmente respingado, que a garoa prateada

decide se tornar uma chuva torrencial, enegrecendo a noite já escura e encharcando meu vestido e cabelo em questão de segundos.

— Merda! — Eu murmuro, colocando a mão sobre meus olhos, tentando espiar através da cortina de chuva gelada. Nem consigo ver do outro lado da rua, e muito menos tentar me orientar.

— Merda, merda, merda.

Um táxi preto buzina, enviando uma onda de água por cima do meu único par de sapatos de salto alto - comprado especialmente para esta noite e o plano - e é a gota d'água. Dane-se me situar. Eu quero me *secar*. Começo a andar, meus saltos fazendo ruído enquanto avanço, e em um acesso de raiva, arranco-os e começo a correr descalça pela calçada escorregadia, me perguntando como minha agenda perfeitamente orquestrada ficou tão fora de ordem.

Quando meu pai providenciou que eu passasse o verão com um velho amigo dele como assistente de pesquisa, eu fiquei excitada. Um verão inteiro no interior da Inglaterra catalogando livros antigos e anotando metadados[1]? Basicamente o paraíso para mim.

Mas minha verdadeira empolgação veio quando percebi que passaria uma noite sozinha em Londres antes de ir à casa do professor Graeme. Uma única noite em uma das melhores cidades do mundo para resolver um problema muito sério:

---

[1] Metadados são "dados que fornecem informações sobre outros dados". Em outras palavras, são "dados sobre dados". Existem muitos tipos distintos de metadados, incluindo metadados descritivos, estruturais, estruturais, administrativos, de referência e estatísticos.

Eu, Zandy Lynch, vinte e dois anos e estudante de pós-graduação em breve, sou virgem. E isso não é mais aceitável.

Estou cansada de terminar minhas noites com uma margarita light e um vibrador. Estou cansada de encontros que não levam a lugar algum, de voltar para casa sozinha, de deitar na cama com uma *dor* oca que nenhuma quantidade de pilha pode afastar. E foi quando estava lendo minha carta de aceitação na faculdade de biblioteconomia que percebi que me tornei aquele velho estereótipo bobo: a bibliotecária solteirona. A nerd virgem.

Ugh.

Isso não é *justo*. Eu nunca pedi para ser virgem aos 22 anos! Eu nunca pedi para ser solteirona! Tudo o que pedi foi um cara bonito com um pênis disposto.

Ok, bem, e uma educação universitária - de preferência nível de pós - graduação ou superior.

E um bom trabalho - de preferência no meio acadêmico ou em um campo relacionado.

E uma extensa lista compartilhada de interesses comuns - incluindo, entre outros, literatura moderna, literatura pré-moderna, literatura pós-moderna, marginalia[2] em Tolkien[3], palavras cruzadas, animais, café, viajar para lugares onde druidas sacrificam virgens e variações de torta de frutas.

Talvez meus padrões fossem um pouco altos.

---

[2] Marginalia são marcas feitas nas margens de um livro ou outro documento. Podem ser rabiscos, comentários, glosas, críticas, rabiscos ou iluminações.

[3] John Ronald Reuel Tolkien CBE FRSL foi um escritor, poeta, filólogo e acadêmico inglês. Ele foi o autor das obras clássicas de alta fantasia O Hobbit e O Senhor dos Anéis

Comecei o plano do jeito que começo tudo - com uma ida à biblioteca. Delineei meus objetivos, decidi minha metodologia de pesquisa e criei uma linha do tempo. Devorei livros, artigos, estudos e indícios sobre como superar meu obstáculo, o hímen e, depois de tudo isso, cheguei a uma conclusão muito certa.

Eu estava fazendo tudo errado.

O sexo deve ser espontâneo, não forçado, iniciado mutuamente. Não posso planejar meu caminho para a cama de alguém... mas *posso* planejar o ambiente perfeito para facilitar essa ação. Então, quando papai me surpreendeu com as férias de pesquisa, sabia que essa noite em Londres era minha chance de encontrar o ambiente perfeito para agir.

Só que agora está chovendo e estou perdida e descalça, e o plano rapidamente se transformou em um desastre frio e úmido.

Certo, Zandy, foco.

Havia uma estação de metrô marcada no mapa do meu telefone antes que a água tornasse totalmente impossível navegar – talvez seja passando a próxima rua? Vou me esconder, sair da chuva, fazer meu telefone funcionar novamente e pensar nos meus próximos passos. E verificar minha maquiagem.

Afinal, eu só tenho essa noite, e não estou pronta para desistir, com guarda-chuva ou não.

Retomo minha corrida, minha cabeça inclinada para proteger meus olhos do pior da chuva, a bainha ensopada e molhada do meu vestido batendo e grudando nas minhas

coxas, quando colido com um peito firme e solto um oof. Algo parecido com um grunhido sai do peito dele.

Mãos quentes agarram meus cotovelos para me firmar, e olho para um rosto pálido marcado por sobrancelhas escuras, maçãs do rosto altas e uma mandíbula quadrada e barbeada. Seus olhos na noite chuvosa parecem ter todos os tipos de cores, claros e escuros, marrons, azuis e verdes, e são emoldurados pelos cílios mais longos e mais sedutores que já vi em um homem.

Mas é a sua boca que me fascina - um pouco larga demais e um pouco fina demais, mas assustadoramente bonita, com picos perfeitamente formados no lábio superior e uma sugestão tentadora de plenitude no lábio inferior. A chuva escorre de suas bochechas e das pontas compridas de seus cabelos escuros se prendendo ao longo das bordas afiadas dos lábios e se reunindo no arco tentador de seu sulco.

E com uma repentina emoção ilícita, percebo que quero lamber a água da chuva daqueles lábios. Eu quero beijá-los até que estejam quentes e macios sob os meus. Quero sentir o formato da sua boca debaixo da minha, murmurando meu nome - exceto...

Aquela boca perfeita e molhada pela chuva está atualmente enrugada em uma carranca dura e infeliz.

DOIS

OLIVER

Ela está tremendo.

Levo um momento para perceber, pois ainda estou processando como alguém emergiu dessa tempestade bem na minha frente. Também ainda estou processando como esse alguém em questão é uma criatura de pele pálida, cabelo escuro e uma boca pecaminosamente vermelha e exuberante. Como uma vampira diretamente de um livro de história, mas com os olhos mais incongruentemente inocentes que já vi.

Ela também é jovem, ensopada até os ossos e completamente, totalmente inadequadamente vestida para uma noite como essa.

— Por que você não está usando um casaco? — Eu exijo sobre o rugido da chuva, e seu olhar pisca para mim - que é quando percebo que ela está olhando para minha boca. Um chute de calor vai direto para o meu pau.

Eu ignoro isso.

— E por que você está com os pés descalços?

Seus olhos voltam para minha boca franzida, e sua própria boca se abre levemente, como se minha carranca de mau humor a fascinasse. Sua língua desliza sobre o lábio inferior, lambendo uma gota de água da chuva que cai sobre o batom vermelho vivo, e acho que quero que ela faça isso de novo. E de novo. E de novo.

Eu podia vê-la lambendo a chuva dos lábios pelo resto da minha vida.

— Estou procurando o Goose and Gander, — ela finalmente diz. É difícil ouvi-la sobre a chuva, e, no entanto, mesmo com o ruído da enxurrada, eu posso ouvir seu sotaque. Alto e aberto e um pouco monótono, estilo televisão americana.

Eu sei onde é o Goose and Gander. Acabei de vir de lá, na verdade, tendo suportado uma refeição desconstruída em diferentes frascos de pedreiro[4] e servida em uma prancha de madeira para ver alguns velhos amigos. Mas eu tinha imposto limites sobre coquetéis muito caros, decantados quimicamente em pipetas e optado por voltar para o meu hotel.

É onde quero estar - na minha cama seca, com roupas secas e cobertores secos e um livro seco - e não na chuva encharcando uma americana descalça. Não importa quão vermelho sejam seus lábios. Ou quão sedutoramente seu vestido molhado se agarra ao seu corpo.

Eu faço uma careta novamente.

— É por ali, — eu digo, apontando para trás. — Virando a esquina.

— O que? — Ela pergunta, claramente incapaz de me ouvir.

— É lá atrás... Oh, foda-se, — murmuro, pegando-a pelo cotovelo e puxando-a para a entrada profunda de uma loja

---

[4] Um **frasco de pedreiro**, em homenagem a John Landis **Mason,** que o inventou e patenteou em 1858, é um **frasco de** vidro moldado usado em **conservas** para conservar alimentos. Aboca **da jarra** possui uma rosca em seu perímetro externo para aceitar um anel de metal (ou "faixa").

fechada. A ausência da chuva é quase tão chocante quanto a presença dela, embora ainda se precipite ao nosso lado em um rugido maçante e prateado.

— É logo virando a esquina, — eu digo novamente, e na cova protegida da porta, ela finalmente consegue ouvir minhas palavras. — À esquerda no semáforo, depois apenas uma rua abaixo.

— Oh, bom, — diz ela, parecendo genuinamente satisfeita. E também genuinamente com frio. Arrepios percorrem seus braços e o peito nus, e faço um enorme esforço para não notar seus mamilos tensos sob o vestido.

Um esforço muito grande. Eu falho, é claro.

Os dentes dela batem quando ela diz: — Obrigada! Meu telefone não funcionou na chuva e pensei ter memorizado o caminho, mas tudo parecia diferente quando cheguei aqui, e então a chuva tornou tão difícil enxergar... — Seus calafrios quebram suas palavras, e por algum motivo isso me deixa inexplicavelmente irritado.

— Aqui, — eu digo rispidamente, tirando a jaqueta e colocando-a sobre seus ombros. Ela agita a mão em sinal de protesto, mas sua mão para assim que o interior quente e seco da jaqueta toca seus ombros. Ela praticamente se encolhe na jaqueta, então faz aquela coisa onde esfrega a bochecha contra a gola, e eu sei que é para ficar seca - *eu sei disso* -, mas foda-se se não parece que ela está se aconchegando nela. Como um gatinho contra a palma quente de seu dono.

— Obrigada, — diz a garota, seus olhos enormes poças de azul profundo. Percebo com uma estranha onda de satisfação que ela não está tremendo tanto agora.

— Por que você não está usando um casaco? — Exijo novamente, sabendo que pareço grosseiro, mas não me importo a mínima. Todo mundo na minha vida me classifica como um bastardo miserável e me ignoram como tal - essa garota também pode achar.

Com isso, sua boca se transforma em um biquinho defensivo. —É *junho*, — diz ela. — Eu não deveria precisar de um casaco em *junho*.

Eu a encaro como se ela fosse louca, o que talvez ela seja. — E os pés descalços?

— Meus pés ficaram molhados, — diz ela, como se essa fosse uma explicação totalmente adequada. — Eu não gostei.

— Você percebe que eles ficaram ainda mais molhados sem sapatos.

— É melhor assim, — ela insiste, acenando com os sapatos para mim. Depois de vê-los, tenho que concordar. Não vejo como alguém poderia andar nisso através da loja de sapatos, muito menos ao longo de uma calçada escorregadia e irregular.

— Espero que quem você vá encontrar a envie para casa em um táxi, — murmuro.

— Oh, eu não vou encontrar ninguém, — diz ela.

— O que?

Ela estende a mão para afastar uma mecha de cabelo molhado da bochecha, mas a venci nisto. Não sei por que, mas é instintivo, como respirar, como piscar. Tocá-la.

As pontas dos meus dedos permanecem em sua bochecha depois que afasto o cabelo, e ela me olha com algo muito próximo a confiança. Eu afasto minha mão.

— Eu só tenho uma noite em Londres, — diz ela, toda a confiança e olhos enormes sedutores substituída por algo prosaico e totalmente prático. — E passei dias pesquisando onde ir tomar uma bebida hoje à noite. Tinha que ser a uma curta distância do meu hotel, tinha que ter várias avaliações cinco estrelas em vários sites de classificação de restaurantes e precisava ser antigo para ter clientes regulares, mas novo o suficiente para estar na moda. O Goose and Gander cumpriu todos esses requisitos.

Bem, é aí que a pesquisa a levará. Uma detestável caverna moderna de lâmpadas Edison e madeira recuperada.

— E por que esse critério específico? — Eu pergunto, mas já estou olhando de volta para a chuva, me perguntando se parou o suficiente para que eu possa deixar essa garota louca e trêmula seguir seu caminho. Voltar para a minha noite. Minha noite em uma cama seca com meu livro, sozinho.

De alguma forma, não parece tão apetitoso quanto a alguns minutos atrás.

— Oh, — ela diz, como se estivesse satisfeita por eu ter perguntado. — Eu queria encontrar um homem com quem dormir.

Leva um momento para que as palavras dela se desdobrem no meu cérebro, e ainda estou olhando a chuva quando o significado se torna claro. Um raio desagradável de *algo* me atinge com um baque abafado.

Minha cabeça gira lentamente para que eu possa olhar para ela. — Perdão?

Seu rosto está animado agora, todos os lábios vermelhos, sobrancelhas altas e cílios escuros na noite sombria e chuvosa. — Bem, eu tenho um plano, e acho que é um plano muito bom, mas infelizmente minhas circunstâncias se restringem a essa noite em particular...

— Um *plano*.

Ela assente, com um olhar satisfeito novamente, como se eu fosse seu pupilo brilhante.

Foda-se isso. *Eu sou* o professor aqui e tenho uma súbita vontade de lhe dizer isso. Pressioná-la contra a parede e colocar meus lábios em seu ouvido e murmurar todas as maneiras que ela deve respeitar minha autoridade e experiência.

Meu pau responde à imagem, esticando pleno e pesado com o pensamento de tocá-la. Ensiná-la. Puni-la.

— Você vê, — diz ela, totalmente alheia à luxúria perversa que me golpeia, — eu realmente preciso de um homem com um pênis disposto ou acho que devo dizer um homem disposto com um pênis, mas quando digo assim, parece muito desdenhoso de... Você está carrancudo novamente.

Ela está certa. — Então o que você está dizendo é que tem um plano de ir a um lugar onde nunca esteve, em uma cidade

que nunca visitou, para encontrar um homem que não conhece para transar com você? — Minha voz é fria, quase cruel, e a vejo empalidecer.

— Isso é muito crítico, — ela repreende, mas não posso ser repreendido. Não agora, porque eu repreendo, faço as regras e, quanto mais cedo ela aprender isso...

Espere, não, o que eu estou pensando? Ela não vai aprender nada comigo. Eu não vou lhe ensinar nada. Eu não vou nem passar mais dez minutos com essa garota louca e enlameada.

Mesmo que ela tenha o tipo de cabelo comprido e grosso que implora para ser enrolado em um punho. Mesmo que ela tenha um corpo gelado da chuva, implorando para estar quente novamente.

Mesmo que ela tenha o tipo de lábios vermelhos macios, feitos para enlouquecer os homens. Mas eu já estive nesse caminho antes e sei o que há no fim disso. Memórias amargas e uma vida deixada em pedaços.

Nunca mais.

— Sou crítico porque é uma ideia idiota, — respondo com uma voz aguda. — Você tem alguma ideia de como isso é inseguro? Uma tolice?

Mesmo no escuro, vejo como o calor brilha em seus olhos, e ela enfia um dedo no meu peito como se estivesse prestes a me dar uma palestra assustadora. Quando ela o faz, o seu braço deixa os limites quentes da minha jaqueta e revela um delicado pulso circulado por uma fina tira de couro.

Um relógio.

Não sei por que isso acontece, mas algo se desencadeia dentro da minha mente, fazendo meu controle colidir e sair dos trilhos.

— Onde fica o seu hotel? — Eu pergunto antes que ela possa começar o que estava prestes a dizer.

Suas sobrancelhas se unem e sua boca se fecha. Abre novamente. — Por quê? — Ela pergunta desconfiada.

— Porque eu vou te levar de volta para lá.

— Por quê? — Ela pergunta, genuinamente confusa agora.

— Porque não há a mínima chance que vou deixá-la ir até um bar encontrar um estranho para transar com você, — eu digo. E dou-lhe uma breve olhada, meus olhos traçando onde o tecido de seu vestido se agarra aos seios, à barriga firme e aos quadris dolorosamente modelados. Não há segredos nesse tecido molhado, e essas curvas chocantemente abundantes estão à mostra para qualquer pessoa com olhos. Para os, sem dúvida, muitos pênis dispostos no bar.

O pensamento faz meu peito apertar com algo incivilizado e ciumento.

— Especialmente não parecendo assim, — acrescento.

Suas bochechas ficam escuras o suficiente para serem visíveis mesmo nas sombras da noite, e percebo tarde demais que ela pensa que estou zombando dela, não a alertando.

Bem. Que assim seja. Se é isso que é necessário para salvá-la dos burros gananciosos do Goose and Gander, então pagarei o preço. — Que hotel? — Eu repito.

Ela prende o lábio inferior entre os dentes, e esse simples ato faz minha ereção pulsar contra o tecido úmido da minha calça, implorando para se libertar, implorando para jogar. E oh, como ele poderia jogar ao longo das linhas suaves de sua boca e sobre o rosa úmido de sua língua. Quão rude e áspero pareceria contra os punhados transbordantes de seus peitos...

— O Douglass, — diz ela finalmente.

— Estou ficando no Douglass também, — digo antes que possa me conter, e então o horror se espalha pelo meu peito.

Ela está muito perto.

Real demais.

Muito... *viável.*

Seria tão ruim assim? Uma voz sussurra em minha mente. *Apenas uma noite com uma garota que você nunca mais verá?*

Sim, droga. Sim, seria.

Enquanto isso, a garota parece estar tendo algum tipo de visão. Algum tipo de epifania selvagem. — Você, — ela diz lentamente.

— O que?

— Você! — Seu rosto inteiro se ilumina. — Você pode ser ele!

Eu a encaro. — Você está brincando.

Ela está animada demais para entender a natureza retórica da minha afirmação, já pulando na ponta dos pés. Ela é tão baixa que, mesmo na ponta dos pés, o topo da sua cabeça quase não chega ao meu queixo. — Eu não estou brincando! É perfeito, você não vê? Estamos até ficando no mesmo

hotel! Você pode fazer sexo comigo e depois voltar para o seu quarto! — Ela sorri para mim, como se esperasse algum tipo de aprovação para resolver esse seu problema.

— Você não pode estar falando sério, — eu digo em algo muito próximo de uma gagueira, o que me irrita. Eu não sou inseguro, sei como me sinto sobre tudo sempre, e sei como me sinto sobre isso: a menina é louca e estou partindo.

— *Estou* falando sério, — diz ela, franzindo a testa, como se estivesse confusa sobre o motivo pelo qual isso me ocorreria. — Eu gostaria de fazer sexo com alguém hoje à noite, e você é bonito e está aqui.

E é aí que percebo que ela não está louca. Ela é algo muito, muito pior - ela é inocente. E disposta.

Eu me viro para partir, e ela pega meu braço, seu pequeno relógio piscando no brilho cintilante das luzes da rua. Um pequeno relógio estúpido que aposto que ela coloca todas as manhãs para não se atrasar para quaisquer palhaçadas burlescas que ela inventou para o dia. Aposto que ela chega na hora certa em tudo. Aposto que chegou cedo em todas as aulas, reuniões ou turnos, sentada com as costas retas e com um lápis preso entre os dentes, um lápis sobressalente espetado em um coque de cabelos macios e brilhantes...

Porra.

Eu me afasto do braço dela. — Fique com a jaqueta, — murmuro, voltando para a chuva e me afastando dessa criatura que parece ter sido construída a partir de minhas

tentações mais vergonhosas, cada centímetro de mim protestando com a distância entre nós, por me afastar dela.

Mas não tem outro jeito. Pelo bem da sua alma e da minha, eu deveria ficar longe dela, de seu pequeno relógio e seu corpo devasso, com suas curvas suaves e mamilos carentes.

A chuva gelada que escorre é um alívio, me encharcando sem a jaqueta e sufocando o calor dentro do meu sangue apenas o suficiente para que eu possa pensar novamente. Para que eu me lembre da vida que construí, livre de tentações, livre de caos, livre de pecado.

Eu respiro fundo, com chuva. Vai ficar tudo bem. Fui testado e consegui nota máxima. E agora, para minha recompensa, que é uma noite sem caos. Sozinho.

Porra, que conforto frio. Conforto ainda mais frio do que a chuva me encharcando.

Mas o custo de ceder aos meus desejos tornaria minha vida ainda mais fria.

— Você não é casado, não é? — Uma voz vem do meu lado.

Olho para a garota me seguindo. Ela olha atentamente para mim através da chuva. — Namorada? Namorado?

— Eu não sou casado e não estou saindo com ninguém. *Não que isso importe*.

Eu tento andar mais rápido, enfiando as mãos nos bolsos e abaixando a cabeça na chuva, mas ela continua, quase correndo agora. Minha jaqueta está aberta o suficiente para

que eu possa ver o efeito que a corrida causa nos contornos reluzentes de seus seios espiando por cima do corpete.

Cristo.

— Eu também não, — diz ela. — Casada ou namorando, quero dizer.

— Não importa.

— Você acha que sou bonita o suficiente para fazer sexo? — Ela diz, sua voz ficando mais alta quando um ônibus passa.

— O que?

— Quero dizer, se você não está atraído por mim, eu entendo totalmente. — Ela pula sobre uma poça em um movimento conveniente e inconsciente que quase me faz sorrir.

— A maioria dos homens não se sente atraído por mim. É por isso que tive que vir até Londres para... — Ela para, apertando a jaqueta com mais força. — Enfim, — ela continua com uma voz derrotada. — Eu entenderia se você não estivesse.

A nota solitária em sua voz me atrai, embora a segurança do nosso hotel brilhe doce como uma miragem do outro lado da rua.

Eu me viro para ela na chuva. — Você acha que não estou atraído por você?

— Bem, a maioria dos caras...

— Eu não sou a maioria dos *caras,* — eu rosno, e seu lábio inferior está entre os dentes novamente. Mas não com medo como deveria.

Com interesse. Com desejo. Ela é inocente demais sem dúvida.

— Você acha que os homens não a desejam? — Eu pergunto em voz baixa, dando um passo à frente. Ela me observa com uma ansiedade ávida, e isso me deixa mais duro do que achava ser possível. — Tudo no seu corpo lembra a um homem de sexo. Seus peitos, sua boca, esses quadris absurdos. Mesmo esses seus grandes olhos azuis fazem um homem se perguntar como pareceriam com você de joelhos. Olhando-o por cima do seu ombro enquanto ele a inclina sobre a mesa dele. — Paro abruptamente, minhas palavras ficando muito pessoais, muito adequadas às minhas próprias necessidades fodidas.

Ela solta o lábio inferior, e estou quase desfeito por quão aberta ela parece, quão vulnerável. Quero envolvê-la em meus braços e cobrir toda essa vulnerabilidade com meu corpo - protegê-la do mundo, mesmo quando me recuso a protegê-la de mim mesmo.

Controle-se, Oliver.

Isso não pode acontecer.

Mas e se pudesse? Eu nunca vou ter que ver essa garota novamente. Ela não é minha aluna.

Ela não é Rosie, a voz me lembra. *Ela não pode te machucar.*

— Bem, então é simples, — diz a garota, como se pudesse ler meus pensamentos. — Se você está atraído pelo meu corpo e está descomprometido...

— É complicado, — eu digo, passando por ela para desfrutar do hotel. Ela não tem ideia do quão complicado.

Ela não tem ideia do quão *errado*.

Como antes, ela me segue. — Por favor. Eu prometo que não sou louca. Só estou cansada de... — ela para, parecendo mudar a palavra. — Cansada de não fazer sexo. Por favor.

— É para o seu próprio bem, — murmuro, mesmo que todo o meu corpo esteja girando com a necessidade de lhe dar o que é *realmente* para o seu próprio bem, que é ela no meu colo, esperneando adoravelmente, enquanto deixo sua bunda vermelha com a palma da minha mão.

Eu estou tão duro agora. Duro o suficiente para que seja óbvio. Duro o suficiente para não ligar. Duro o suficiente para que, no momento em que deslize para dentro do meu quarto de hotel, tenha uma mão apoiada na porta enquanto a outra empunhe meu pau.

— Como você sabe o que é para o meu próprio bem? — A garota pergunta, e é o jeito que ela pergunta que faz meus passos vacilarem. Ela não exige como a maioria das mulheres exigiria, e não nega que eu *possa*. Que eu possa saber o que é para o bem dela e que saiba o suficiente para lhe dizer.

Não.

Não.

— Nós não vamos fazer isso, — digo a ela quando chegamos às portas do Douglass, e reconheço o quão ridículo é estar segurando a porta aberta para essa mulher enquanto estou tentando afastá-la. — Você terá que confiar em mim.

Ela entra, e está tão iluminado que meus olhos demoram um momento para se ajustar. Quando o fazem, vejo que ela está empurrando minha jaqueta para mim.

— Aqui. Obrigada por isso e aceite de volta. E para constar, eu *não* confio em você, e por que deveria? Sou uma mulher crescida e não te conheço - e também fiz muita pesquisa sobre sexo, por isso tenho certeza de que sei do que estou falando.

Ela está gesticulando agora, a mão ainda segurando os sapatos, agitando-os, mas eu não estou vendo os sapatos, estou olhando para *ela* - as curvas quase embaraçosamente generosas dela. Não embaraçosa por causa da generosidade, mas por causa da quase devassidão delas. Os pensamentos ilícitos que essas curvas evocam mesmo completamente vestida como está.

É claro que, *totalmente vestida,* é um termo enganoso no momento, porque sim, essa cintura pequena e esses seios e quadris exuberantes estão cobertos de tecido, mas o vestido molhado se agarra a todos os contornos e desvios de seu corpo. Eu posso até ver a curva suave do umbigo, o lugar onde suas coxas encontram seu corpo. Os doces mamilos projetados.

Mesmo o resto do seu corpo é devasso: o longo arco do pescoço, ainda escorregadio pela chuva, seus ombros largos expostos, os longos cabelos molhados que ondulam em teias escuras por suas costas e pela linha elegante da clavícula.

Até sua raiva inocente parece tentadora. Mesmo o casulo de inexperiência ao seu redor me deixa louco.

Até esse maldito relógio é irresistível.

Pego minha jaqueta e começo a caminhar para o elevador. Eu tenho que colocar algum espaço entre nós ou minha pele vai pegar fogo.

— Por favor? — Ela pede uma última vez. — *Por favor?*

— Não. — Estou quase nas portas do elevador agora, estou quase seguro. Ou melhor, *ela está* quase segura.

— Então eu vou ao Goose and Gander, — diz ela, frustrada. — Ou a *qualquer lugar*. Mas não vou desistir, não quando só tenho uma noite aqui.

Eu já apertei o botão do elevador quando ela pronunciou as palavras, mas não é tarde demais para girar e encará-la. — O que você acabou de dizer? — Eu pergunto em voz baixa.

Ela já está se virando, e percebo com uma mistura de fúria, horror e luxúria que ela está *falando sério*. Ela vai voltar para aquele vendaval. Para encontrar outro homem.

Minha mão encontra seu cotovelo, e eu a puxo para dentro de mim com um grunhido. — Você não vai a lugar nenhum.

Ela me lança um olhar tão turbulento quanto o meu, pressionando suas curvas molhadas contra mim em algo entre um desafio e um pedido.

— O que exatamente você vai fazer sobre isso? — Ela desafia.

Meu pau é uma barra quente de aço entre nós, empurrando a costura da minha calça, e não posso deixar de pressioná-lo em sua barriga. E minha boca está seca, muito seca, por desejá-la. — Garotas que desobedecem são punidas, — eu aviso.

— Por você?

— Por mim.

De repente, percebo que não estou a segurando tanto contra mim quanto ela está se pressionando, seus saltos altos caindo no chão em um barulho abafado enquanto seus dedos encontram a superfície do meu peito sob o meu suéter fino.

— Punir garotas más... É você sendo excêntrico ou um serial killer? — Ela pergunta, aquela boca vermelha curvada no que só poderia ser chamado de impertinência.

Eu mal posso respirar. E não posso nem imaginar dizer a palavra *excêntrico* como ela acabou de dizer, como dizer *alto* ou *pronunciar*. Como se não fosse nada. Como se não fosse grande coisa.

Como se ela quisesse.

Tudo o que falo engasgado é um rouco: — Eu não sou um assassino.

Ela não tem motivos para acreditar em mim, não há motivos para acreditar que sou seguro, e é exatamente por isso que eu não a queria procurando homens estranhos no meio de Londres.

E todos os pensamentos chiam e desaparecem em um instante abrasador, porque ela colocou os braços atrás do meu pescoço e pressionou-se para a minha boca.

Porque ela está me beijando com lábios vermelhos e salpicados de chuva.

E estou acabado.

TRÊS

ZANDY

Ele tem gosto de menta.

Não menta de pasta de dente, mas menta fresca, direto do jardim, ervas e com um pequeno toque frio. Eu gemo no minuto em que provo, no minuto em que nossas línguas se unem, e seu gemido de resposta me faz jogar todas as dúvidas remanescentes no chão junto com meus sapatos idiotas.

Eu não ligo por não conhecê-lo. Não me importa que ele não esteja no plano. Eu quero que seja ele. Ele com suas recusas irritantes. Ele com suas ameaças sombrias. Ele com aqueles olhos hipnóticos de todas as cores e aquela boca em algum lugar entre elegância e crueldade.

Suas mãos estão espalmadas grandes e possessivas nas minhas costas agora, me mantendo tão pressionada contra ele que posso sentir cada superfície dura de seu peito e estômago. Eu posso sentir a ereção pesada em suas calças que me diz que ele falou sério antes na chuva.

Tudo no seu corpo lembra a um homem de sexo.

É a primeira vez que penso no meu corpo dessa maneira - sexy em vez de pesado, desejável em vez de suavemente bagunçado. E eu gosto. Eu gosto de como seus olhos arderam sobre minhas curvas, como se ele já estivesse planejando coisas que o levariam direto para o inferno.

Eu quero que seja ele.

E quase como se lesse minha mente, ele nos vira e começa a me levar de costas para o elevador, parando apenas para se abaixar e pegar meus sapatos. Uma vez que atravessamos as portas do elevador, ele pega minhas coxas e me levanta como se eu não pesasse nada, ainda me beijando com aqueles lábios macios e mentolados o tempo todo.

Bem, não beijar, realmente. *Devorar* é mais parecido com isso, como se ele não tivesse beijado uma mulher há anos - como se ele não tivesse *tocado* ninguém em anos. Ele parece tão faminto por isso. Mas mesmo nova no sexo como sou, sei que você não beija como ele sem vasta experiência, então certamente ele não está muito desesperado por isso? Certamente alguém como ele, bonito, misterioso e cativante, tem alguém em sua cama todas as noites?

Engraçado como a observação me deixa com ciúmes, já que nem o conheço. Eu nem sei o nome dele. Mas, mesmo com inveja de toda a experiência desmentida por sua capacidade de lidar comigo, também sou grata por isso.

Grata pela maneira fácil e experiente de suas mãos trabalharem em meu corpo, me prendendo entre seu corpo magro e musculoso e a parede do elevador.

Grata pela maneira especialista que ele combina nossos corpos, deslizando-me para que minha boceta coberta de renda moa sobre a parte grossa dele que palpita por mim.

Grata pela maneira suave que ele aprofunda nosso beijo, explorando minha boca, mordendo meus lábios e minha mandíbula, e me deixando uma bagunça contorcida e molhada.

— Qual andar? — Ele rosna na minha boca.

— O quê?

— Faremos isso no seu quarto, — diz ele, e sempre foi meu plano trazer alguém para o meu quarto por razões de segurança, por isso digo a ele.

— Nono.

Ele bate o punho contra a parede de botões, e então volta a saquear minha boca, sem me persuadir muito a abrir para pegar o que ele quer, e Deus, é como nada que já imaginei. Eu já conheci a luxúria. Eu sei o que é sentir meu corpo doendo pela necessidade de atrito e plenitude, mas nunca imaginei *isso*. A onda de poder e puro frenesi biológico de sentir *a* luxúria de outra *pessoa*. A maneira como ela atravessa meu próprio desejo como um fio de cobre quente. A maneira como me faz querer mais, mais, mais.

E mais.

Eu quase não tenho controle sobre mim neste momento, apertando meu núcleo necessitado contra ele, esfregando meus seios contra seu peito, puxando seu suéter por toda parte, seus braços e ombros firmes e o seu cabelo úmido - muito curto para ser longo, mas muito longo para ser outra coisa senão despenteado.

Ele me deixa puxar e apalpar, e isso o deixa cada vez mais louco - seus beijos ficando mais selvagens, seu aperto mais impiedoso, até que as portas do elevador se abrem e ele me coloca de pé, me puxando pelo corredor antes que eu possa encontrar meu equilíbrio.

— Novecentos e treze, — eu digo, mexendo na minha bolsa procurando o meu telefone enquanto sou puxada pelo corredor, e em seguida, emergindo pouco antes de ser esmagada contra a minha porta e beijada ao meu último suspiro.

— Tire uma foto minha, — diz ele sem fôlego contra os meus lábios.

— O quê?

Ele se afasta apenas o suficiente para que eu possa ver que está falando sério. Aqueles olhos castanho-esverdeados cintilam com algo tempestuoso e dolorido. — Tire uma foto minha e envie para alguém em quem você confia. — E então ele recita uma série de números. Seu aniversário.

— Por quê? — Eu pergunto novamente, apesar de suspeitar o porquê.

— Certamente, — diz ele, levantando uma mão quente para agarrar minha mandíbula e me puxar para outro beijo duro, — com toda a sua pesquisa, você sabe o por quê.

— Então alguém saberá que estou com você.

— Então você estará segura, — ele corrige suavemente, beliscando meu pescoço e, em seguida, encontrando meu olhar. — Eu não sei se posso perdoá-la por ser tão descuidada consigo mesma.

Eu rio – meio por suas palavras autoritárias e meio pelo novo lampejo de sua língua ao longo da concha da minha orelha. — Meu corpo é meu para ser descuidado.

— Hoje não, não é, — ele sussurra. — Esta noite ele é meu.

Eu envio a foto dele para um amigo meu, junto com o aniversário e o nome dele - *Oliver Markham* - e depois uso o aplicativo do hotel no meu telefone para abrir a porta.

— Qual o seu nome? — Ele pergunta enquanto nos beijamos no quarto. Eu deixei uma luz acesa quando saí mais cedo, então tento desligar porque o sexo acontece no escuro, eu sei disso, mas ele pega meu pulso antes que eu possa fazê-lo. — As luzes ficam acesas, — ele diz rouco. — E eu quero o seu nome. Eu te disse o meu.

Ele disse, e inferno, se Oliver Markham não soava tão chique e inglês que eu mal podia suportar. De repente, fico com vergonha do meu próprio nome, o que parece me deixar mais jovem do que os dez anos que agora sei nos separar.

— Amanda, — eu digo, lhe dando meu nome verdadeiro. Ninguém me chama assim - eu sou Zandy desde o momento em que nasci - mas eu declaro os impostos como Amanda, e isso soa muito mais adulto. Como o tipo de nome com o qual Oliver combinaria.

Oliver e Amanda parecem perfeitos. *Oliver e Zandy* parecem uma piada.

— Amanda, — ele murmura enquanto suas mãos seguram meu rosto, seus polegares traçando linhas suaves ao longo das sobrancelhas. — O que você quer hoje à noite?

— Eu quero que você faça sexo comigo. — E é tudo o que ele precisa.

Suas mãos caem para a minha saia, e puxam o tecido molhado facilmente, amontoando tudo na minha cintura, e então ele segura minha boceta com uma mão elegante. — Você precisa ser fodida aqui? Hmm?

— Sim, — eu suspiro, tentando pressionar em sua mão. É tão bom, tão bom, e eu nunca cheguei tão longe... nunca tive só um pedaço de renda entre meu vazio dolorido e o toque possessivo de um homem.

Mas então seu toque deixa minha boceta, e eu choramingo. Ele pega o zíper do meu vestido e, com um movimento praticado, puxa-o para baixo. Antes que eu possa processar completamente o que está acontecendo, estou nua até a cintura, com apenas a seda fina do meu sutiã entre os segredos do meu corpo e seus olhos famintos.

— Mas isso também precisa de mim, não é? — Ele diz, suas mãos alisando os contornos dos meus seios, moldando seu peso e tamanho. Apesar do seu tom frio e brusco e a versão igualmente fria e aristocrática de suas feições, há algo quase juvenil em seu olhar enquanto ele me segura e acaricia. Algo reverente e ganancioso. Ele desliza as alças do meu sutiã sobre meus ombros e depois tira as taças de seda úmidas da minha pele.

— Cristo, — ele murmura para si mesmo quando meus mamilos surgem e meus seios se derramam sobre o resto das taças. — Jesus Cristo.

E antes que eu possa dizer alguma coisa ou até me cobrir, como meus instintos exigem, sua boca está se fechando quente e úmida sobre a ponta carente de um seio, e solto um ruído

que é quase embaraçoso em sua honestidade chocada. Não é o arrulhar ensaiado de uma mulher em um vídeo pornô - é um barulho que sai direto da minha barriga, um gemido baixo de desejo não filtrado.

Eu não tinha ideia de que poderia ser tão bom.

Nenhuma ideia.

Sua boca é lisa e quente, sugando todos os meus desejos secretos e sujos até a superfície da minha pele enquanto me trabalha e ataca meu mamilo com beliscões e puxões ásperos.

Sinto a resposta molhada entre minhas pernas como nunca senti antes. Quero dizer, molhada depois de alguns minutos com uso de pilhas, claro, mas molhada da boca de um estranho movendo-se avidamente sobre meus seios? Molhada pelo olhar multicolorido de um homem que não conheço, enquanto ele rasga meu vestido pelos meus quadris e depois resmunga sobre a minha forma exposta?

— Você é demais, — diz ele acusadoramente. — Você é demais *pra caralho.*

Eu sempre soube disso. Eu sempre fui demais. Sou a garota que levanta a mão no final da aula porque não suporta que acabe. A garota que faz todas as tarefas extra creditadas e depois pede mais porque quer que a professora goste dela. Sou curvilínea, ansiosa e implacavelmente enérgica, e sou essas coisas desde que me lembro.

E, no entanto, nunca soou *muito* como estava soando agora.

Como se eu fosse um tesouro e uma maldição ao mesmo tempo. Como se ele me amasse e odiasse.

Como se eu o estivesse matando simplesmente por ser eu mesma e ele não desejasse de qualquer outra maneira.

Oliver me circunda agora, como um predador, como um lobo, e quando recuo e coloco os braços sobre mim em uma onda de autoconsciência, suas mãos estão em mim novamente, unindo meus pulsos nas costas e trancando-os lá com dedos fortes.

— Garota má, — ele murmura no meu ouvido, de pé atrás de mim, de modo que tudo o que tenho dele é aquela voz inglesa deliciosamente refinada e o aperto quente de sua mão. — Garota muito má.

— Eu não sou uma garota má, — protesto, porque suas palavras se prenderam em algum lugar dentro de mim, em algum lugar dentro da queridinha do professor que se chama Zandy Lynch. Tarde demais, lembro que deveria ser Amanda, alguém mais velha e mais sofisticada, alguém que já andou por aí e não está tão ansiosa para agradar.

Mas isso não parece importar. Minha vontade de ser uma boa garota para ele parece gratificante, porque ele morde meu ombro com um barulho satisfeito.

— Você quer ser uma boa menina para mim? — Ele pergunta. — Você quer me fazer feliz?

— Eu quero, — suspiro. — Eu quero muito.

Ele rosna de aprovação no meu ouvido.

Estou debruçada sobre a cama sem nem um aviso; a única concessão para o meu conforto é a pausa que ele me dá para virar a cabeça para que eu possa respirar com

facilidade. E então minha calcinha é puxada pelos tornozelos e descartada.

— Vermelho significa parar, — diz ele e chuta minhas pernas separadas.

Eu prendo a respiração, esperando por isso... por algo... por dedos ou palmadas ou que ele apenas empurre seu pau bem dentro de mim. E, merda, se ele vai fazer isso, precisa de um preservativo. Mas quando estou prestes a lhe dizer isso, algo completamente inesperado e totalmente mágico acontece.

Ele passa a língua macia e escorregadia pela fenda entre as minhas pernas, e eu quase pulo da cama. Um tapa ardente na minha bunda me faz congelar.

— Boas garotas ficam *quietas,* — Oliver avisa atrás de mim. Eu posso sentir o hálito quente de suas palavras contra a minha boceta, um lembrete sombrio de que ele é capaz de ver, cheirar e provar uma parte minha que ninguém nunca viu, cheirou ou provou antes, e não consigo lidar com isso. Eu não posso nem fingir lidar com isso. Eu me contorço contra a cama.

— Oliver, — eu gemo, e isso acontece novamente. A língua dele. Sua língua e seus lábios e a pressão íntima de seu nariz em mim, e eu poderia me partir de vergonha, mas ele coloca a mão na parte de baixo das minhas costas e me mantém curvada sobre a cama enquanto me prova.

Estou presa. Presa entre as mãos dele, que me segura ou me abre, dependendo da vontade dele. Presa entre a cama e sua boca faminta. Presa entre o meu constrangimento e o quão

insanamente delicioso é. Delicioso porque ele acha que eu sou deliciosa. Delicioso porque é íntimo, úmido e quente.

Delicioso porque não é nada como a massagem familiar das minhas mãos ou o zumbido plástico de um vibrador. É humano, bagunçado e sujo. Não é a coisa mansa que achei que seria.

Isso é selvagem. É primordial. Como uma leoa sendo presa e mordida por seu macho. Como uma mulher das cavernas sendo atirada sobre o ombro de um homem das cavernas vigoroso. Eu pensei que sabia os limites disso. Achei que minha pesquisa tornaria o ato planejado e civilizado...

Não há nada civilizado sobre isso. E apesar de seu suéter requintado e seu sotaque ainda mais requintado, não há nada de civilizado sobre Oliver.

— Eu amo o seu gosto, — ele me diz, se afastando para morder minha bunda. — Como o verão. Fresco, picante e rico.

— Eu... — Eu não tenho palavras para isso. Nunca em mil anos enquanto planejava e fantasiava sobre finalmente fazer sexo, imaginei como seria - não apenas sua boca no meu clitóris, mas ouvi-lo falar sobre meu corpo com tanto prazer, sabendo que meus segredos não são mais secretos.

E nunca imaginaria que ele sentaria na cama e me colocaria no colo como uma criança, sua mão alisando a curva da minha bunda.

Eu o encaro, e ele olha para mim com aqueles olhos estranhamente coloridos.

— Vermelho significa parar, — ele repete.

E então ele bate a palma da mão contra a minha bunda, e eu pulo no seu colo.

— Isso é por sair sozinha em uma cidade estranha, — diz ele enquanto me prende ainda mais firme contra seu colo.

E me bate de novo. — Isso é por procurar um homem estranho para te foder.

E de novo. — E isso é por ser tão deliciosa que eu não pude dizer não quando você pediu.

Estou respirando com dificuldade no cobertor, a pele ao longo da minha bunda e coxas quase dançando com faíscas. Há calor por toda parte - na minha pele, calor profundo nos músculos, na barriga e entre as pernas.

Eu... eu não tinha ideia.

Definitivamente, esse não era o plano. O plano nunca envolveu *palmadas*. Nunca envolveu dor ou punição, e ainda... quando ele acalma a pele com a mão, esfregando suavemente... quando ele diz que sou uma *boa garota*, estou mais viva do que jamais senti. Estou tonta e bêbada, e me sinto zonza, inebriada e selvagem. Como se eu pudesse fazer qualquer coisa e ter qualquer coisa.

Ter alguém.

— Eu gostei disso, — murmuro em descrença. — Eu *gosto* disso.

Sua mão para na minha bunda. — Você gosta? — Ele pergunta quase com descrença.

Eu percebo que ele está tremendo onde me toca. Suas mãos estão tremendo, e posso sentir calafrios percorrendo seu corpo sólido de cima a abaixo.

De repente, entro em pânico por ter feito algo errado, por acidentalmente ter sido repugnante ao admitir que gostei, mas então ele se inclina sobre mim, pressionando os lábios nas minhas costas.

— Amanda, — ele geme e depois me morde. — De onde diabos você veio?

Não sei, mas de repente sou encorajada. Ele está tremendo por *minha* causa. Porque gostei do que ele fez comigo. Não posso separar meu prazer disso do prazer dele, mas talvez não deva. Talvez seja esse o ponto.

E pela primeira vez na minha vida, fico feliz em não analisar demais. Feliz por estar no momento e fazer algo que seja bom.

— Mais? — Eu pergunto, batendo os cílios por via das duvidas. — Eu sei que você já me espancou por ser uma garota má, mas talvez um pouco mais apenas por diversão?

Eu não tenho que pedir duas vezes.

Um barulho satisfeito ressoa profundamente no peito de Oliver, e ele retoma seu trabalho - um pouco mais leve desta vez, noto. Forte o bastante para picar, mas não muito para realmente doer. Logo estou arqueando e chiando a cada palmada, empurrando contra seu toque e também tentando pressionar minha boceta no comprimento firme da sua coxa. Sua ereção queima na minha barriga, mesmo através das calças, e ele está respirando com mais força do que eu - respirando como se tivesse participado de uma corrida, como se tivesse se esforçado a ponto de entrar em colapso.

E quando o colapso chega, não é o corpo dele, mas o controle que falha. Ele me pega e me joga de costas na cama, inclinando-se sobre mim como um leão de verdade.

— Diga-me que você está molhada, — diz ele, abaixando seu corpo sobre o meu e tomando um mamilo na boca. — Diga-me que você precisa, — ele murmura em volta da minha pele, deixando meu mamilo para beijar a pele macia entre meus seios e descer pelos contornos ainda mais suaves da minha barriga. — Diga-me que você não pode esperar mais um minuto. — Sua boca chega à minha boceta, e é como se todo o fogo que ele colocou no meu traseiro agora estivesse acendendo aqui, aqui, *aqui*. E quando ele desliza um dedo longo dentro de mim, seus lábios, língua e dentes, todos trabalhando para adorar meu clitóris, e é meu fim.

As pilhas não têm nada a ver com isso.

Minhas costas inclinam-se para fora da cama enquanto grito e o agarro, meus dedos passando por seus cabelos enquanto balanço e tremo contra sua boca, enquanto meu primeiro orgasmo não solo rasga através de mim com força elementar. Eu sinto isso em todos os lugares - das raízes dos meus cabelos e até as pontas dos meus pés - e enquanto sou atormentada pela agonia maravilhosa disso, ele ainda me agrada, ainda me beija e se deleita como se não suportasse parar.

E quando eu finalmente, finalmente ainda contra seus lábios, passo de chocada a flácida e feliz, ele dá um beijo final na minha boceta e fica de joelhos, tirando o suéter, arrancando os sapatos e as calças. Ele deveria parecer desajeitado, tirando

as roupas úmidas, mas dessa maneira misteriosa de Oliver, tudo parece gracioso. Poderoso. E centímetro por centímetro, seu corpo aparece. Os ombros generosamente quadrados, o peito imperceptivelmente largo e o torso sulcado pelos músculos magros e marcado por uma única linha de cabelos escuros descendo do umbigo.

E então os quadris, esbeltos e estreitos, a extensão de pelos escuros baixos, reduzidos sobre sua barriga, a parte superior das coxas firmes, e então...

Jesus, Maria e José.

O pau dele.

Ele flexiona quando o traço com o meu olhar, a espessura dos nervos, o inchaço abrupto da cabeça e o orgulho da sua dureza. Há algo tão potente e envolvente nessa parte dele; é muito masculino e bonito, e só de olhar para ele, minha barriga se agita com um novo desejo.

— Você quer isso, — diz Oliver, atraindo meu olhar para ele. Não é uma pergunta, mas eu respondo assim mesmo.

— Sim.

Ele olha para a minha boceta, espalhada e molhada, e depois para o meu rosto. Não consigo ler sua expressão, mas há algo curvando os cantos afiados dos seus lábios, e percebo que é excitação. Eu percebo que é fervor vitrificado.

Ele me quer tanto quanto o quero.

E Deus, como isso me dá um soco no estômago.

— Eu uso camisinha, — ele me informa, pegando sua carteira.

— OK.

— Sempre.

— OK.

Ele rasga o invólucro com dedos longos, ágeis e hábeis da maneira que lembra escrever ou tocar piano, e depois enrola o látex embainhando a si mesmo com uma facilidade que me fascina e me frustra.

— E irei por cima desta vez.

— Ok por mim. — E é realmente porque eu não teria ideia do que fazer se estivesse por cima. E tão exposta - não apenas com meus seios sem sutiã e minhas coxas macias, mas com minha inexperiência, com meus movimentos sem prática... Acho que ainda não estou pronta para isso. Especialmente com alguém tão perversamente sofisticado quanto Oliver.

— Alguma outra regra? — Eu provoco, mesmo que goste das regras. Eu sempre gostei de regras, e dele, não há nada mais sexy.

— Sim, — diz ele, rastejando de volta entre as minhas pernas. — Vermelho ainda significa parar. — E então ele coloca seu corpo sobre o meu, coincidindo a ponta larga com a abertura da minha boceta, e começa a empurrar para dentro.

Eu arqueio lentamente, a pressão é demais, a picada da dor é real demais e, por um momento substancial, penso em afastá-lo. Eu penso em dizer *vermelho*. Uma coisa é ler sobre o desconforto que algumas mulheres enfrentam em seus encontros inaugurais com a penetração, mas é algo totalmente diferente sentir isso. É tão estranho esse desconforto. É tão íntimo, bem no meu centro, como se eu estivesse sendo aberta pelo homem friamente cruel acima de mim.

Exceto que não é cruel.

Na verdade não.

Mesmo enquanto me espancava, ele me acalmava e brincava com minha boceta, e mesmo enquanto mete dentro de mim agora, ele afasta o cabelo do meu rosto e chupa meu pescoço. E os barulhos que ele faz enquanto range os dentes e aperta – barulhos guturais, barulhos animalescos, palavras proferidas no tom mais sujo possível: *apertada, Jesus, apertada* e *maldição, você é muito gostosa* e *tão gostosa pra caralho*.

— Vou te foder, — ele sussurra no meu pescoço enquanto sua cabeça cai no travesseiro ao lado do meu. Ele ainda está na metade do caminho. — Vou te foder até que você seja uma boa garota novamente.

Tudo isso, tudo, mas especialmente as últimas palavras, pegam a pitada de dor e a transformam em algo novo. Algo tão bom quanto a boa garota que eu quero ser para ele, e em vez de afastá-lo, minhas mãos vagam até sua bunda firme e o puxo ainda mais. Mais profundo. Até que ele esteja tão fundo quanto um homem pode estar em uma mulher.

— Oliver, — eu suspiro, porque ele está me enchendo onde eu nunca estive cheia, me aquecendo, esticando e me acariciando, e a ponta dele está beijando uma parte minha que eu nem sabia que estava lá. — Oh, Oliver. Parece... não posso acreditar como é gostoso.

Ele recua e olha para mim, aquela boca de contornos acentuados pressionada em uma linha e suas sobrancelhas franzidas. — Eu não posso acreditar como *você* é gostosa, —

ele corrige. E então ele balança a cabeça levemente, a boca mexendo em uma conversa consigo mesmo. — Você não é o que eu esperava, — diz ele. — Você não é nada como sua aparência.

— Como sou? — Eu sussurro.

Ele dá um sorriso sombrio e estende a mão passando o polegar sobre meus lábios vermelhos e depois para baixo sobre um peito cheio. — Como se você soubesse tudo o que há sobre foder.

— Eu não sei de nada, — eu admito. Nunca foi o plano revelar a minha virgindade ao meu candidato a amante, e parece estranho dizer a Oliver sobre isso agora, quando ele já está dentro de mim. Mas uma grande parte de mim quer lhe dizer, quer que ele saiba o quanto estou confiando nele, o quanto preciso que ele continue sendo essa mistura de seguro e perigoso. Mas depois acrescento: — Você tem que me mostrar. Precisa me ensinar — e seus olhos escurecem tanto, tão selvagens que decido que a conversa pode esperar até mais tarde.

Eu o quero feroz agora. Quero que ele fique assim, todo possuído e desesperado.

— Você quer que eu te ensine? — Ele grita, movendo-se entre as minhas pernas novamente. — Você quer ser minha aluna? Minha putinha?

Puta merda. Eu quase gozo só com as palavras dele – com esse jogo de professor, esse jogo de boa menina. E ainda assim ele se move, golpes longos e doces que fazem meus dedos dobrarem e minhas costas arquearem.

— Boas meninas gozam nos paus que seus professores lhes dão, — Oliver diz enquanto me fode. — Você quer ser uma boa garota, não é?

Eu aceno com veemência. É tudo que eu quero, é tudo que sempre vou querer, e preciso ser sua boa garota. Eu preciso disso, como preciso de ar, água e respiração. — Por favor, — eu choramingo. — Me ajude a ser uma boa garota, por favor, por favor.

Ele move a ponta do polegar para o meu clitóris entre nós, esfregando no ritmo de seus movimentos profundos e giratórios, e o orgasmo se constrói como nada que eu já senti. Um trem desgovernado me atingindo, uma parede de prazer suado e sujo - é tanto que tento me afastar dele, tento sair debaixo dele.

Eu não aguento. Sei que não posso. Eu morrerei se alcançar o orgasmo, porque é muito forte, tão forte que vai sacudir os ossos do meu corpo.

— Oh não, você não, — Oliver murmura, seu corpo perseguindo o meu com facilidade, o polegar na minha pérola inchada o tempo todo. — Dê-me isso primeiro. Deixe-me tê-la.

E não posso resistir a ele – não ao pau barra grosso carente dentro de mim, nem ao sotaque polido, nem ao cabelo ainda úmido emaranhado em volta do rosto. Nem a boca selvagem ou os olhos caleidoscópicos. Ele me acalma o suficiente para o clímax beliscar meus calcanhares, me derrubar e, com um gemido de pânico, sou abatida por isso.

Sou arrasada por isso.

Começa no fundo da base da minha barriga, bem ao redor da sua ponta grossa, esmagando-a e explodindo como uma bomba atômica, amarrotando-me como se eu não fosse nada além de papel em um punho forte. Eu posso sentir-me contraindo - minha barriga, coxas e as minhas partes internas - apertando e agarrando sua ereção, e ele assobia, longo e dilacerado, suas mãos pressionando com força o suficiente os travesseiros ao redor da minha cabeça que posso ouvir o estresse do tecido. E não consigo falar, não posso perguntar se a reação dele é boa ou ruim, mas há algo na rigidez do seu torso, nos músculos tensos do pescoço, que me fazem achar que é bom, que ele está recebendo prazer do meu prazer, assim como eu quando ele me bateu.

— Droga, — diz ele entre dentes. — Deus *caramba*. Eu vou... você está me fazendo... Amanda...

O último sai como um gemido irregular, e então ele está de joelhos, suas mãos apertando com força os meus quadris enquanto ele atinge seu orgasmo. Seus olhos se fecham, assim posso vê-lo em meu estado de estupefação mole enquanto ele usa meu corpo para seus próprios fins. Enquanto usa minha boceta para ultrapassar os limites. E então, com um grunhido e o aperto inviável de todos os músculos deliciosos em seus braços, peito e barriga, ele para, enterrado ao máximo, enquanto pulsa em contrações rápidas e flexíveis.

— Foda-se, — ele murmura, sua cabeça pendurada entre os ombros. Seus olhos ainda estão fechados, e eu descaradamente o absorvo: o corpo bem esculpido e a larga raiz de seu pênis quase invisível sob a elevação da minha

boceta. Os sulcos entre as sobrancelhas escuras, como se seu próprio prazer fosse um problema que ele está tentando resolver mentalmente, e seus lábios separados, como se algo sobre isso o tivesse deixado inesperadamente vulnerável. A mandíbula quase quadrada e as maçãs do rosto altas - dando ao rosto um tom geométrico normalmente visto apenas em bustos de mármore – e os cabelos vagamente despenteados ondulados sobre o pescoço e as têmporas.

Estou curiosa sobre o cabelo dele, que é lindo, mas obviamente negligenciado. Estou curiosa sobre suas mãos, fortes, mas pálidas, como se raramente vissem o sol. E estou curiosa sobre seu corpo magro, sua abnegação anterior e seu óbvio lado excêntrico.

Estou curiosa sobre *ele*. Eu quero mais *dele*.

Ah.

Ah não.

Eu li sobre isso. Eu pesquisei isso. Essa é a inevitável onda de conexão que vem de toda a oxitocina que Oliver está atiçando em meu sangue. Ele me inundou de hormônios, e agora esses hormônios estão insistindo para que eu forme um vínculo humano com ele, e é por isso que as pessoas ficam aconchegadas e grudentas depois do sexo.

Bem, isso não vai acontecer comigo. Esse não é o plano. E dado o que sei sobre Oliver, duvido que seja o plano dele também.

Eu não vou ficar curiosa.

Não vou desejá-lo.

Ele resolveu meu problema, e é isso.

Estou tão ocupada me lembrando de que todo esse carinho e vulnerabilidade são baseados em hormônios e, portanto, não é real que não percebo que ele abriu os olhos e está me encarando.

— Amanda, — ele diz com voz rouca.

Não sei o que dizer, porque a pesquisa não abordou isso. Eu digo o nome dele também? Eu lhe ofereço meu banheiro? Digo que não espero que ele fique?

Mas antes que eu possa decidir, ele circula-se com um dedo e polegar e sai de mim, e eu mordo meu lábio com o desconforto repentino.

Ele congela, e percebo que ele está olhando com preocupação pela expressão de dor no meu rosto, e então com horror lento, seu olhar vai para o seu pau.

Mesmo daqui, posso ver os restos da minha inocência manchados no preservativo.

— Oliver, — digo rapidamente. — Eu posso explicar.

QUATRO

OLIVER

Eu tenho que tirar o sangue dela de mim, e preciso - nem sei o que tenho que fazer. Limpá-la. Limpar-me. Propor açoitar minhas próprias costas. Seja o que for que se faz quando acidentalmente transa com uma virgem.

Merda.

Merda.

Faz muito sentido agora. Seus pequenos suspiros pelas mínimas coisas. Sua expressão de admiração enquanto eu lambia sua boceta. Seu olhar amplo e vulnerável quando eu lentamente a estendi. Estiquei-a pela primeira vez.

E eu vou para o inferno porque a culpa não é a primeira coisa que me atravessa.

É emoção.

É mais luxúria, endurecendo meu pau gasto.

É uma possessão sombria, rosnando e cravando garras no meu peito, me dizendo que ela é minha, *minha*.

Eu ignoro, levantando a mão para impedir as palavras dela enquanto saio da cama e me livro da camisinha. Eu esqueci o quão molhado é o sexo, o quão bagunçado, apesar do tempo que passou, fico chocado ao não me lembrar de nada.

Volto para a cama, traçando as linhas do corpo dela com os meus olhos, porque não posso evitar. Ela é uma espécie de visão assim, seu cabelo escuro emaranhado em todos os lugares em nós dos amantes e seu corpo uma topografia de

pura fantasia adolescente - exuberantes seios, cintura recortada e quadris em uma impressionante propagação feminina.

E depois há o sangue no interior de suas coxas. As perguntas em seus profundos olhos azuis. A vermelhidão persistente nas laterais de seus quadris me lembrando como ela parecia no meu colo, gritando e se contorcendo ao receber seu castigo.

Eu bati em uma *virgem*. Oh Deus.

— Vou pegar um pano para você, — eu digo. — Fique aqui. — Saiu mais severo do que eu pretendia, mais severo do que deveria, dado o que acabei de roubar dela, mas a aquiescência imediata em seu olhar cala o pedido de desculpas dos meus lábios. E o substitui por um ruído de aprovação.

Ela é uma boa aluna.

Eu rapidamente me limpo no banheiro e depois levo um pano quente para ela, pensando em entregá-lo e deixá-la se limpar, mas quando me aproximo, ela abre as pernas para mim, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Como se fosse meu dever.

Meu pau pulsa de novo, sacudindo com visões de um futuro que nunca acontecerá: dessa garota abrindo as pernas para mim sempre que eu pedir, oferecendo seu doce corpo como se fosse meu. Chupando meu pau debaixo da minha mesa enquanto trabalho. Escrevendo textos em sua própria mesa, nua e envergonhada. Rastejando sobre o meu colo sempre que eu precisar, me deixando acariciar, provocar e bater na bunda redonda até que implorar por alívio.

Não, Oliver. É um milagre que ela não tenha fugido gritando no momento em que a inclinei sobre a cama. Não há como uma garota legal como ela - uma mal ex-virgem, uma garota com um relógio - querer jogar meus jogos doentios.

Mas me permito ter esse momento enquanto a limpo. Onde a espalho ainda mais, com cuidado, apreciando sua pele macia. Rolando-a e verificando sua bunda, mesmo que eu tenha pegado bastante leve com ela. O engraçado é que, depois de todos esses anos, "bastante leve" ainda era suficiente para quase me fazer gozar nas calças. E foi ela quem fez assim. Seus pequenos gemidos gratificantes e movimentos tentadores. A maneira como ela disse, *gostei disso* com uma surpresa gratificante. Com um abandono tão inocente.

Porra.

Não é uma boa coisa a maneira que isso me faz sentir. Como se eu não estivesse tão sozinho. Como se eu pudesse ter... isso.

Ela suspira enquanto a limpo, e depois que coloco o pano sobre a barra de toalhas no banheiro para secar, me pergunto o que vem a seguir. A última vez que dormi com uma virgem, eu era um virgem atrapalhado, e o que quer que tenha seguido o ato muito curto foi obscurecido pelo constrangimento e pelo tempo que eu mal consigo me lembrar. Não tenho ideia do que fazer como homem. Como um homem educado e duvidosamente civilizado.

E então debato se devo pedir desculpas ou me vestir ou o quê, e então ela estende os braços.

— Eu sei que é apenas a oxitocina, — diz ela sonolenta. — Mas eu gostaria que você me abraçasse por um minuto. Você não precisa ficar muito tempo, apenas... — Ela boceja, aqueles lábios vermelhos se esticando hipnoticamente, sua língua tão tentadora, molhada e rosada. — Apenas por alguns minutos até que eu possa metabolizar esses hormônios.

Eu deveria hesitar. Eu *hesitaria* com qualquer outra mulher. Eu não abraço, não faço nada pós-coito, exceto sentir vergonha e arrependimento, e ainda assim, de alguma forma, estou subindo na cama com ela. De alguma forma, estou deslizando por baixo das cobertas e a aconchegando em meus braços, e de alguma forma não hesito pela maneira familiar como ela se aninha em mim, como se fosse seu lugar.

De alguma forma estou relaxando ao seu redor. De alguma forma, estou gostando do jeito que ela se parece assim, com a cabeça apoiada no meu peito, suas curvas esmagadas contra mim e sua bochecha esfregando como um gato carente.

Eu deveria sair.

Deveria dizer que sinto muito - pela surra e pela maneira bárbara em que a peguei - e depois deveria ir embora. E eu vou.

Em apenas um minuto.

Depois que apreciasse o calor dela mais um pouco. Depois de me abastecer do cheiro dela, todo floral e especiarias.

Depois de descansar meus olhos e ceder à estranha paz que ela me infectou.

Eu realmente vou sair.

Eu realmente vou…

***

A luz do sol atravessa o quarto com um calor tímido, como se estivesse com vergonha de me acordar, e é puro instinto que me faz estender a mão para a mulher na cama comigo. Bem, puro instinto e um pau dolorosamente ereto, dolorido de uma noite de sonhos com uma garota americana que gosta de levar palmadas e abrir as pernas para mim.

Mas meus dedos não encontram nada além de lençóis frios e, quando abro os olhos, vejo grogue que estou sozinho.

De repente, eu não estou tão grogue. Toda a noite vergonhosa volta à minha memória. O que fiz com Amanda, o que tirei dela. Adormecer sem ser convidado como um idiota.

Que cretino ela deve pensar que eu sou… que monstro. E ela não está errada. Eu sou um monstro.

Sento-me, e deveria aliviar qualquer pessoa ver o que vejo a seguir, que é um quarto de hotel desprovido dos pertences de seu ocupante. Não há mais mala no suporte. Nenhum laptop sobre a mesa. Quando vou ao banheiro, o espaço está tão limpo quanto deveria estar quando ela o reservou, um chuveiro e pia ainda molhados a única evidência de que ela esteve aqui.

Isso e uma nota presa no espelho.

Oliver, lê-se em letra cursiva.

Sinto muito se a noite passada lhe causou alguma preocupação, mas queria que você soubesse que foi melhor do que eu jamais poderia ter sonhado. Não vamos nos ver novamente, mas nunca esquecerei como você me fez sentir

bem. Tenho orgulho de ter sido sua garota boa e má, mesmo que apenas por uma noite.

Amanda

Meu peito está pesado com algo desconhecido, e me pego o esfregando ociosamente enquanto leio a nota. Pegando e lendo novamente.

Dobro e coloco no bolso do casaco - para que os funcionários do hotel não a encontrem, digo a mim mesmo – mas depois que me visto e saio do quarto, me pego tocando-a. Relendo enquanto pego o elevador até o meu andar para trocar de roupa e tomar banho. Passando meus dedos pelas bordas enquanto caminho para o Museu Britânico para encontrar um amigo, me ajudando com algumas pesquisas em uma das bibliotecas de lá.

Mas nunca esquecerei como você me fez sentir bem.

Tenho orgulho de ter sido sua garota boa e má.

Mesmo que seja apenas por uma noite.

Este deve ser um bom dia. Gastei um pouco de energia com uma garota que me deixou praticar todo tipo de depravação com ela e, quando acordei, ela havia partido.

Sem expectativas pendentes; sem despedidas embaraçosas. Apenas uma nota doce que pretendia me acalmar da minha culpa e fechar firmemente a porta para a possibilidade de mais.

O que é excelente, certo? A última coisa de que preciso é de uma americana cheia de curvas invadindo meus pensamentos enquanto tenho um trabalho importante a

fazer. Invadindo meu espaço querendo ser espancada e resmungando sobre oxitocina e seu maldito *relógio*.

Última coisa que eu preciso.

É muito melhor assim.

Certo.

CINCO

ZANDY

A oxitocina não está perdendo o efeito. Ou pelo menos não está se desgastando do jeito que eu pensava.

Estou franzindo a testa contra o vidro da janela do meu trem enquanto a paisagem passa - campos planos repletos de animais e postes de telefone, como no Kansas - e estou sentindo uma inquietação inconveniente, como se tivesse deixado algo importante em Londres. Algo na cama com Oliver.

Pare com isso.

Não é como se ele fosse um carregador de telefone ou um passaporte. Eu não preciso dele para mais nada enquanto estou no país, e isso... esse... *ato de sonhar* com ele é imaturo. E se há alguma vantagem em perder minha virgindade aos vinte e dois anos de idade , é que eu sabia o que estava fazendo.

Mas é estranho, esse sentimento. É imune à lógica; desafia o saber o que estava fazendo. Eu me pego sorrindo sempre que mudo de lugar e as dores secretas dentro de mim declaram o toque de Oliver. Eu me pego mordendo meu lábio enquanto repito o fogo e o frenesi de sua mão na minha bunda. E me contorço quando me lembro de suas palavras.

Boas garotas ficam quietas.

Boas meninas gozam nos paus que seus professores lhes dão.

Jesus.

Mas consigo parar de procurar por Oliver Markham nas mídias sociais. Não há sentido. Mesmo com todos esses pensamentos apaixonados ecoando pelo meu cérebro, eu sei que nunca enlouqueceria a ponto de encontrá-lo e procurá-lo. Minha pesquisa indicou que essas coisas são indesejadas. Considerado pegajoso.

Então guardo meu telefone e vejo enquanto os campos do lado de fora de Londres se transformam lentamente em mundos ricos e lentos de árvores verdes e pináculos longínquos de igrejas, e não há mais nada parecido com o Kansas na vista. E sem dever de casa e meu trabalho para o professor Graeme ainda não ter começado, me encontro na luxuosa posição de não ter nada para fazer.

Eu cochilo com a visão verde deslumbrante e o movimento lento do trem. E quando durmo, eu sonho com Oliver.

***

A chuva está dificultando a voz do meu pai. Pressiono o telefone mais perto da orelha e olho através do meu guarda-chuva transparente para a casa à minha frente - uma casa branca de palha com muitas janelas e um turbilhão de flores aglomeradas na frente.

— Eu disse, você chegou bem à casa de Graeme? — Papai repete. — Eu deveria ter feito um arranjo melhor para o momento ou pedido para ele buscá-la em Londres.

Ele parece nervoso, que é sempre como meu pai soa. Ele ensina história social vitoriana na Universidade do Kansas e

se sente mais à vontade em seu escritório desarrumado ou em frente a um quadro branco do que no mundo real, e esse tipo de situação, mesmo que indireta, tende a estressá-lo.

— O momento é bom, pai. Eu queria passar uma noite em Londres, lembra?

Ele faz um barulho preocupante. — Eu só queria que ele estivesse aí agora para ajudá-la a se instalar.

O professor Graeme marcou uma viagem de pesquisa de última hora a Londres depois que eu já havia reservado meu voo, e assegurei a papai - e pedi que dissesse ao professor - que sinceramente não me importava de ficar sozinha no fim de semana. Quero dizer, a chance de perambular por uma adorável e antiga casa de campo e explorar as belas paisagens do Peak District? Eu *pagaria* para fazer isso, então à oportunidade de fazê-lo gratuitamente não era uma dificuldade.

— Eu vou ficar bem, — eu o acalmo. — Posso encontrar o caminho para a cozinha e o banheiro, e é tudo que preciso.

— Bem, tudo bem, — diz o pai em um tom preocupado. — Você me liga se precisar de alguma coisa. Graeme é um homem bom, mas sempre foi um pouco reservado e sem nenhuma distração. Não posso imaginar que ele seja um anfitrião muito atencioso.

— Pai, você não arranjou isso para que eu pudesse provar a hospitalidade inglesa. Você o fez para que eu pudesse ter experiência prática com uma coleção particular antes de começar a faculdade de biblioteconomia. — Percorro o caminho demarcado até a porta da frente, procurando

pelo vaso azul brilhante que deveria esconder a chave. — E se eu posso lidar com você, tenho certeza que posso lidar com ele.

Seja homem ou mulher, estudiosos velhos e exigentes são todos iguais. E eu deveria saber, porque depois que minha mãe morreu, os colegas professores de meu pai basicamente se tornaram minha segunda família. Passei toda a minha vida em torno da espécie e sou incrivelmente grata pela extensa rede de colegas acadêmicos do meu pai que deu a chance de passar o verão em um dos cantos mais bonitos do mundo.

No entanto, eu ajustei minhas expectativas para incluir todas as coisas que viver com uma pessoa idosa trabalhando em um livro significa.

Terríveis programas de televisão.

Biscoitos velhos comprados em lojas.

Rigorosas e meticulosas exigências do meu tempo.

Mas valerá a pena.

Despeço-me de papai e entro na casa, deixando minha mala e o guarda-chuva molhado cuidadosamente perto da porta para não pingar água por todo o piso de lajota limpo. E então avanço pelo corredor estreito para a casa dos meus sonhos.

O corredor é revestido por estante após estante, cada uma repleta de uma combinação de livros bem gastos, volumes elegantes de couro e capa dura moderna. A coceira da bibliotecária que sinto ao examiná-los é pura alegria, pura luxúria cerebral. Eu poderia passar horas debruçada sobre essas prateleiras… e eu vou, decido nesse momento. Vou perguntar ao professor Graeme se posso arquivá-las no meu

tempo livre, enquanto não o estou ajudando a catalogar pesquisas. Levaria vários dias deliciosos para decidir sobre um método, avaliando minhas opções entre o Dewey[5] tradicional ou um esquema contemporâneo e mais intuitivo...

Eu me forço a seguir em frente, passando pela sala de estar com vista para o jardim da frente cheio de flores, pela aconchegante lareira e entro na cozinha. É enorme e dispersa, com vigas expostas e marcadas e vagamente bagunçada de uma maneira que remete a casa e coração, em vez de verdadeira desordem.

Sigo as escadas encontrando três quartos - dois dos quais são claramente quartos de hóspedes, com camas estreitas e móveis discretos, e o último é obviamente do professor Graeme. Eu me sinto um pouco culpada por espiar, mas digo a mim mesma que é simplesmente por orientação, enquanto conheço a casa. De qualquer forma, não há muito para ver. Uma cama grande com um edredom aparentemente do IKEA[6]. Uma mesa de cabeceira empilhada com livros. Chinelos de pele de carneiro dispostos ao lado da cama.

Chinelos.

Bem, se isso não é um sinal da idade avançada, não sei o que é.

É só quando saio do quarto e volto pelo corredor que percebo que não vi nenhuma foto em lugar algum. Há *pinturas* - pequenas paisagens - que têm aquele inconfundível visual

---

[5] John Dewey era um filósofo americano, psicólogo e reformador educacional cujas ideias foram influentes na educação e na reforma social. Ele é considerado um dos estudiosos americanos mais proeminentes na primeira metade do século XX.

[6] A IKEA é um grupo multinacional de origem sueca, com sede na Holanda, que projeta e vende móveis, utensílios de cozinha e acessórios para casa pronta para montar, entre outros bens úteis e ocasionalmente serviços domésticos.

“adquirido por uma avó” e um busto de Charles Dickens com anos incontáveis de poeira presos nos cachos de bronze de sua barba, mas nenhuma foto do próprio professor Graeme. Nenhuma esposa morta há muito tempo, filhos ou netos, sem porta retratos obrigatórios com sobrinhas e sobrinhos.

Nada.

Isso é um pouco estranho, certo?

Refletindo sobre isso, desço as escadas e encontro o caminho para os fundos da casa, que é dominado por seu escritório. Onde imagino que será feita a maior parte do trabalho e da catalogação. Como o gato curioso que sou, empurro a porta já entreaberta e entro.

É um erro.

A abertura da porta faz uma pilha de livros e folhetos espalhar-se pelo tapete - não que haja muito espaço para se espalhar, uma vez que existem pilhas e pilhas de livros e papel por *toda parte*.

Livros velhos. Livros novos. Livros raros. Folhetos que deveriam estar em envelopes de arquivo transparentes ou pelo menos embaixo de vidro. Pastas e pastas do que parecem ser fotocópias. E um gato que abre os olhos com minha presença, estica todas as patas na mesma direção e depois rola ficando com sua barriga no ar.

E volta a dormir.

Há uma pequena mesa ao lado - a minha, eu acho... ou será a minha - e uma mesa grande que não é menos bagunçada que o chão, mas pelo menos mostra sinais de

organização rudimentar. Uma caneta tinteiro à moda antiga fica sobre um caderno de couro fechado, um mata borrão e um tinteiro ao lado, o que não ajuda a rever minha avaliação da sua idade. E atrás da mesa, há uma ampla linha de janelas, estendendo-se quase pela largura da sala, mostrando nada além de chuva prateada no momento.

Suspiro na sala, com os livros raros deixados descuidadamente no chão, os documentos vitorianos mofando entre fotocópias e um gato sonolento, e sinto uma coceira de bibliotecária que não é tão agradável. Nenhuma dessas coisas durará se não forem tratadas adequadamente e entre organização, catalogação e - agora, eu posso ver - esforços de preservação, acho que não terei tempo para os livros no corredor.

Ou qualquer outra coisa.

Deixo os livros e o gato e, finalmente, ando por um jardim de inverno envidraçado até a parte de trás da casa, onde um gramado verde decorado com flores silvestres leva até o raso rio Wye. Mesmo na chuva, as pedras coloridas sob a água parecem brilhar e cintilar, e penso nos olhos de Oliver. Verde e azul e marrom.

E depois que lembro dos olhos dele, é impossível não lembrar da sua mão semeando fogo ao longo do meu traseiro, seus lábios na minha boca, meu pescoço e meus seios.

Seus lábios descendo.

Os sons que ele fez quando gozou.

Com um giro abrupto, deixo o rio e volto para casa pela chuva.

Em breve, haverá muito trabalho para pensar em Oliver Markham e seus olhos de todas as cores.

***

Passo o fim de semana ocupada, se não totalmente feliz. Ando cerca de um quilômetro até Bakewell e desfruto da minha primeira torta de Bakewell - ou pudim, como sou rapidamente informada de como é chamado aqui. Visito Haddon Hall e aprecio as enormes rosas florescendo com as abelhas gordas tremulando ao seu redor, e depois tomo chá em Chatsworth, apenas eu e um livro. Eu ando pelas trilhas tortuosas ao redor dos vales do Peak District, desafiador de um jeito que te faz grata por tomar uma bebida no final do dia, mas fácil o suficiente para andar com um vestido como os que costumo usar.

A gata foi deixada com muita comida, mas eu a mimo com pedaços de frango dos sanduíches que peço da cidade, e dorme no meu colo à noite enquanto leio aconchegada.

Absolutamente, positivamente, não penso em Oliver.

Não sempre que vislumbro o rio que me lembra dos seus olhos. Não quando tiro minhas roupas úmidas e penso em como foi ser despida por ele. Não na cama, onde meus dedos curiosos exploram minha dor secreta e tentam imitar a sensação da boca de um homem altivo.

Nem um pouco, de jeito nenhum, até que, finalmente, no domingo à noite, tiro minhas cobertas e saio da cama. É tarde, quase onze, mas eu não me importo. Estou cansada de me masturbar no quarto de um homem velho. Cansada de lembrar a voz fria e culta de Oliver. Doente de fingir que sou

sofisticada demais para me importar que o homem que levei para a cama também seja misterioso, inglês e bonito além da crença.

É como se Oliver fosse algum tipo de vampiro, e agora fui mordida. Agora estou condenada a desejar seu toque por toda a eternidade.

Ugh. E agora ele está me transformando no tipo de garota que faz metáforas estúpidas!

Estou parando essa merda agora. Vou colocar tantas coisas dentro do meu cérebro que não haverá espaço para Oliver Markham e seu corpo perfeito.

Papai disse que o professor Graeme não chegaria até amanhã de manhã cedo, então não me incomodo em trocar minha camiseta e shorts de dormir. Em vez disso, desço as escadas bufando para mim mesma, saltitando um pouco pelo piso frio até chegar ao escritório e seus muitos tapetes aconchegantes. A gata me segue, alheia ao piso frio, caminha até uma pilha de jornal amarelado e amassa-o inutilmente por um minuto e depois se deita.

Eu ando pela sala, cruzando meus braços para afastar o frio da noite úmida. Eu cutuco algumas das pilhas com os dedos dos pés, tentando sentir o que a pesquisa do professor parece abranger. Eu sei que ele provavelmente não quer que eu inicie nada a sério até que ele chegue, mas pelo menos posso começar a classificar algumas delas, fazer listas de tarefas e organizar os materiais para arquivar. Mas tenho que estar fazendo *alguma coisa*. Eu tenho que manter meus

pensamentos ocupados. Caso contrário, Oliver vai rastejar neles novamente, e não posso permitir isso.

O fato é que nunca tive problemas para conseguir algo em que me propus. Boas notas, oradora oficial, pós-graduação de minha escolha - tudo se resumia a pesquisa, foco e disciplina. Eu sou excelente nessas coisas. Eu sou uma excelente aluna.

Então foi fácil prometer a mim mesma que eu seria a virgem perfeita. Eu seria honesta, mas não muito, entusiasmada, mas não carente. Poderia esconder a experiência como um livro e revisitá-la com boas lembranças. Não havia razão para pensar que também não seria excelente nisso. Mas eu não sou.

O pensamento me faz embaralhar papéis e livros um pouco mais energicamente do que deveria, enchendo o ar de poeira e pilhas caindo para os lados, para grande irritação da gata, que olha para mim por cima do ombro e sacode o rabo de uma maneira deliberadamente não impressionada.

— Oh, claro, — digo a ela. — É muito fácil julgar uma garota quando tudo que você precisa fazer é dormir e comer.

Outro movimento da cauda. Eu a encaro.

— Você sabe, isso não seria uma bagunça se o seu dono limpasse de vez em quando, — eu resmungo. — Por que alguém manteria um escritório nesse estado? Ou suas pesquisas?

— Porque eu gosto dessa maneira, — diz uma voz fria atrás de mim. E me viro para ver o rosto furioso de Oliver Markham.

SEIS

OLIVER

Foi uma viagem dura para casa.

Literalmente.

Passei meu tempo no trem com as pernas cruzadas e os dentes cerrados, e então precisei de uma pequena artimanha com a jaqueta sobre o braço para cobrir minha, ah, situação, quando subi atrasado no ônibus de Matlock. E é só agora, na minha porta da frente - cansado e frustrado, uma sacola pesada cheia de fotocópias e roupas penduradas no meu ombro – que me lembro.

Que eu me lembro.

A garota. A garota do Michael Lynch.

Merda.

Lynch é um velho conhecido meu. Primeiro, meu professor, quando passei um ano estudando no exterior nos Estados Unidos durante minha graduação e, depois, um colega e amigo, enquanto nos correspondíamos de um lado para o outro sobre vários tópicos em nossos campos intimamente relacionados. Em uma conversa, fiz menção passageira de precisar de um assistente simplesmente para verificar todo o material e organizá-lo. Foi um comentário aleatório, à beira de uma piada. Até Lynch me responder, oferecendo sua filha bibliotecária pelo custo de acomodação e alimentação.

Ele falava sobre a garota com frequência – o tom afiado de um pai orgulhoso, mas não muito mais. Para ser sincero, esqueci que ela existia até ele mencioná-la.

Zandy.

Imaginei uma garota parecida com Michael - magra e de óculos - bisbilhotando minha pesquisa e fazendo todo tipo de perguntas curiosas sobre meus métodos, e quase imediatamente disse que não. Gostava de manter contato com Michael e de sua companhia, mas tirei esse maldito ano sabático do ensino exatamente para *não* precisar conversar com estranhos. E isso incluía qualquer prole tímida e sem graça de Lynch dentro de minha casa. Dentro do meu santuário.

Mas eu devo a Michael. Ele tem sido um bom amigo em todos esses anos, mesmo depois de Rosie acontecer, mesmo depois que fiz uma pausa do ensino - e, bem, eu realmente precisava da ajuda, se fosse honesto. O que começou como uma pequena pilha de pesquisas ao lado do meu laptop agora se tornou uma montanha de papel e tinta que felizmente engole o resto do meu escritório. Entrar nele está começando a me deixar de mau humor – tudo bem, péssimo humor e até mesmo a minha gata, Beatrix, parece estar perdendo a paciência com as pilhas instáveis de livros, que têm a tendência a deslizar e cair sob seus pés quando ela tenta escalá-los.

Michael merece o favor e eu mereço a ajuda.

Então eu disse que *sim* e me preparei para o pensamento de um verão com uma garota que seria tão desajeitada e

inquieta quanto seu pai. São apenas dois meses, e certamente Michael prepararia sua filha para o frio e miserável bastardo que eu sou. Certamente ela não levaria para o lado pessoal.

Eu já tinha me conformado com a presença de Zandy antes de partir para Londres, mas agora...

Agora tem Amanda.

E não há paz dentro de mim. Nenhuma mesmo.

Na noite de verão sem lua, as luzes dentro da casa queimam em um amarelo alegre e acolhedor, embora eu não possa deixar de pensar sombriamente no que vou encontrar lá dentro. Repito várias vezes para ser *legal* – ou educado, no mínimo - e lembro-me de que nada disso é culpa dela. Que eu tenha conhecido uma mulher. Que essa mulher me deixou brincar com ela. Que a mulher me deixou deflorá-la e, de alguma forma, me embalou para dormir com curvas suaves e um cheiro levemente picante.

Certamente não é culpa dela que não consigo tirar essa mulher da minha cabeça e que estou estranhamente chateado que ela tenha me deixado naquela manhã. Estranhamente incomodado com a finalidade em sua nota.

Não nos veremos novamente.

Por que isso machuca tanto?

Pelo menos meu persistente tesão se acalmou. É um pequeno conforto quando destranco a porta da frente, tiro minha bolsa do ombro e entro. Espero que Beatrix venha reclamando por comida como costuma fazer, mas o corredor da frente permanece vazio quando fecho a porta e tiro minha jaqueta.

Ela deve estar com a garota.

É tarde, quase meia-noite, e a garota deveria estar na cama. Considerando todas as luzes, no entanto, suponho que ela esteja na sala ou na cozinha, talvez lendo. Michael sempre disse que ele é uma coruja noturna, então talvez seja justo supor que Zandy é do mesmo jeito.

Quando chego a sala, ela não está lá. Nem está na cozinha. Talvez ela tenha ido para a cama e deixado as luzes acesas para mim?

Mas então eu olho para o corredor dos fundos da cozinha - a luz que vem de debaixo da porta do escritório. De repente, todo o pavor sobre esse arranjo volta rugindo. Toda a frustração sobre Amanda. E odeio que alguém esteja no meu escritório enquanto não estou lá, tocando minhas coisas sem minha permissão.

Eu ando até a porta do escritório, pronta para chutá-la e rugir como um verdadeiro Barba Azul, quando ouço uma voz baixa falando. O tom feminino, com uma pitada rouca nas bordas. Eu me pergunto se ela está falando ao telefone, mas então a ouço parar e esperar por uma resposta, e Beatrix mia.

A garota está conversando com a maldita gata.

Não deveria ficar tão irritado, realmente, por essa familiaridade com minha gata, mas fico. Ela já está no meu escritório. Ela já está tocando coisas que não deveria. E que minha única companheira seja atraída para essa flagrante violação da hospitalidade? É irritante.

Eu vou eviscerá-la por isso. Vou fazê-la se arrepender de ter posto os pés no meu espaço privado e fazer amizade com

minha gata. Eu não me importo com o quão ridículo isso soa. Ainda é proibido!

Eu começo a abrir a porta. E congelo.

Não sou recebido pela visão de uma rata de livros esquelética e coruja. Não, sou recebido por uma bunda em forma de coração que implora para ser puxada sobre o meu colo. E uma cintura estreita e seios exuberantes e - maldição - sem sutiã. Ela está apenas com uma camiseta fina e um short de dormir muito curto, movendo-se de quatro em um ângulo afastado, seus longos cabelos escuros caindo em ondas deliciosas e cercando os ombros.

Não, nada magricela. Ela é uma sereia. Ela é... ela é...

Ela se vira enquanto conversa com a gata e eu vejo seu rosto pela primeira vez. Sem batom, mas eu me lembraria daqueles lábios macios e pecaminosos em qualquer lugar.

A garota lá dentro não é filha de Michael Lynch.

Ela não pode ser.

Porque ela é Amanda.

Minha Amanda.

— Por que alguém manteria um escritório nesse estado? Ou suas pesquisas?

Minha voz é áspera. — Porque eu gosto dessa maneira.

Ela gira com um suspiro, largando o livro que estava segurando. Eu não confio em mim mesmo para dar outro passo para dentro, não tenho certeza se a colocaria sobre os joelho ou a foderia sem sentido. Mas eu sei uma coisa. Eu pensei que estava furioso antes?

Não é nada comparado a agora.

— Que porra você está fazendo aqui? — Eu exijo. — Você está me perseguindo?

Seu rosto vai de confuso a magoado em um instante. Então, furioso. — Eu acho que a verdadeira questão é o que *você* está fazendo aqui? — Ela pergunta. E então pega um dos atiçadores ainda pendurados na lareira fora de uso. Ela acena para mim. — Eu vou ligar para a polícia. E o professor. Ele deveria estar de volta a qualquer momento. Ele acabou de sair para... o mercado... e se ele voltar e encontrar um intruso, chamará a polícia com certeza! — Sua voz está aumentando em sua histeria, e eu estou tão perplexo pela situação do atiçador e pelo jeito que ela está falando comigo na terceira pessoa e com todas as *mentiras* que está contando, que levo um momento para perceber que ela não sabe que eu sou o professor Graeme.

Ela acha que eu sou o intruso. Ela acha que eu posso machucá-la. O que... não. Nunca. Eu nunca levantaria a mão contra ela.

Exceto se você a colocar sobre o joelho, uma voz sedosa me lembra. Visões de seu traseiro sob minha palma enchem minha cabeça, e eu sei que a voz está certa.

— Eu moro aqui, porra, — eu digo. — Esta é a porra da minha casa. Agora você quer explicar o que diabos você está fazendo dentro dela? Depois daquela pequena nota? “Nunca mais nos veremos?” Você roubou as informações do meu cartão de crédito também?

— Você *não* mora aqui. O professor Graeme sim, e o professor Graeme é um homem velho. Ele é amigo do meu pai e tem chinelos e tudo!

Bem, agora acho que ela ficou realmente louca. Exceto…

— Amigo do seu pai, — repito. Eu a encaro. — Seu pai é Michael Lynch?

A ponta do atiçador abaixa uma quantidade ínfima. — Sim, — ela responde, estreitando os olhos. Tem o efeito infeliz - para mim - de fazer seus cílios longos e fulminantes varrerem suas bochechas.

— Você é Zandy Lynch?

O atiçador abaixa um pouco mais. — Sim, — ela diz.

— Você me disse que seu nome era Amanda.

Ela abaixa totalmente o atiçador, mas ainda o segura, como se estivesse pronta para me atacar a qualquer momento. — É Amanda. Zandy é meu apelido.

— Não deixa de ser uma mentira.

— Não é, — ela retruca. — E você disse que seu nome era Oliver Markham!

Hesito porque ela tem razão. Também não é uma mentira, mas não era toda a verdade. — Oliver Markham Graeme, — eu digo. — Markham é um nome de família. Eu sabia… sabia que seria o suficiente para alguém me localizar, juntamente com meu aniversário e minha foto, se isso aliviar qualquer preocupação retroativa de segurança sua.

— Graeme, — ela murmura. — Você é o professor Graeme. Mas… mas você não é velho. — Suas bochechas ficam rosadas da maneira mais tentadora, e então eu noto - oh Cristo

- seus mamilos tensos sob o tecido criminalmente fino de sua camiseta.

Porra. Como ela ousa ser tão deliciosa agora? Quando estou tão furioso com ela?

Ela larga o atiçador e ele ricocheteia uma pilha de livros. — Mas você tem chinelos e tudo, — ela sussurra.

Por que ela está tão fixada nos meus malditos chinelos? E como ela sabe que eu os tenho, a menos que tenha entrado no meu quarto?

Ela esteve no meu quarto.

Uma raiva desesperada e cheia de luxúria me inunda novamente. — Diga-me uma coisa, — eu exijo. — Você realmente não sabia? Você realmente não sabia que era eu?

Ela balança a cabeça com veemência. — Esse era o propósito do plano, — diz ela, gesticulando na frente dela como se *o plano* fosse algo que pudesse traçar a forma. — Era por isso que tinha que ser Londres. Tinha que ser um estranho. Eu queria me livrar disso e continuar minha vida.

Eu a estudo. Anos de alunos mentirosos e fingidos me deram uma forte capacidade de detectar a verdade, e não há nada além de honestidade brilhando em seus olhos azuis e bochechas coradas.

Ela não sabia.

A compreensão chega, pontilhada de alívio e algo que está muito perto de decepção. — Você deve ir.

— Certo, — diz ela, alisando os cabelos. Seus seios se movem sob a camiseta com um peso de dar água na boca. —

Eu deveria ir para a cama, e depois discutiremos isso depois de dormirmos um pouco.

— Não, — eu interrompo. — Quero dizer que você deveria *partir*. Voltar para casa.

Não estou preparado para a repentina mágoa e infelicidade que inundam seu rosto. — Oliver, — diz ela.

— É o professor Graeme.

— Professor, — diz ela. — Por favor.

A proximidade dessas duas palavras juntas, saindo de uma boca como a dela, lança o calor direto na minha virilha.

Professor, por favor.

Porra.

— Eu realmente, realmente quero isso, — continua ela. — Não apenas pelo trabalho, embora seja inestimável ter no meu currículo, mas passar um verão em algum lugar novo e diferente. Se você me mandar para casa, ficarei entediada e sozinha, sem nada para fazer, e prometo ser boa se você me deixar ficar. Eu vou ser muito, muito boa, professor. Por favor.

Eu engulo em seco.

Lembrar-me novamente que sou um homem e não um monstro. — É impossível, Zandy. Certamente você vê isso. É totalmente inapropriado trabalharmos juntos agora.

Sua língua espreita para molhar o lábio inferior. — Eu não serei inapropriada, — ela sussurra. — Eu prometo.

Ela não entende? Ela é inadequada sem sequer tentar. A seriedade dela. Seu corpo extravagante. Tudo sobre Zandy Lynch é ferozmente impróprio e isso me faz desejar coisas muito impróprias. Não posso tê-la nesta casa - seu aroma

picante e florido no meu nariz, seus cabelos escuros capturando a luz do sol em meu escritório - e não querer dobrá-la sobre uma mesa. Não a querer de joelhos com a boca aberta e aqueles olhos azuis focados em mim enquanto espera pelas migalhas da minha aprovação.

E jurei não ser mais esse homem. O que quer que tenha acontecido em Londres, dane-se, vou me controlar a partir de agora.

Eu ignoro o brilho das lágrimas nos olhos dela quando digo: — Você vai embora amanhã. Nós faremos os arranjos de manhã.

Quero deixá-la lá, com minha decisão final pairando ao seu redor, mas eu tenho que parar. Não me viro para olhá-la. Eu simplesmente garanto que ela me ouça. — Não gosto quando você fala sobre sua virgindade como se fosse um fardo. Algo que você tinha que convencer um estranho a fazer. Foi um presente para mim.

Então eu a deixo entre os livros e os papéis, e quando chego ao meu quarto, puxo meu pau com mãos embaraçosamente frenéticas e me acaricio, pensando naqueles peitos sob sua camiseta. E depois que gozo com meu punho e me limpo, chuto meus chinelos debaixo da cama com um grunhido, rastejo na cama e fico acordado por horas incontáveis, Zandy Lynch assombrando meus pensamentos como um espírito assombra uma casa.

***

Eu mal durmo. E por volta das cinco, quando o sol começa a pintar o céu do outro lado do meu pequeno vale, saio

da cama. Frustrado e duro, mesmo depois de mais duas rodadas com meu punho. Rodadas silenciosas, para que ela não ouvisse, embora eu quase quisesse que ela ouvisse. Eu queria que ela rastejasse pela porta e ouvisse o que fez comigo. Eu queria que ela avançasse com tanta ousadia quanto surgiu na minha noite três dias atrás e exigisse ser fodida.

Implorasse para ser fodida.

Prometesse ser a boa garota para o seu professor.

Claro que não aconteceu, e eu gozei em uma camiseta como um maldito adolescente, o tempo todo com tesão. Eu me saí tão bem depois de Rosie - tão bem por *anos* - e agora aqui está Zandy Lynch com a boca feita para o meu pau, com a bunda implorando para ser espancada.

Resmungando, pego meus chinelos debaixo da cama, coloco uma calça com cordões sobre os quadris e visto uma camiseta limpa. Se eu não consigo dormir, posso muito bem trabalhar.

Beatrix se junta a mim enquanto tomo uma xícara de chá e pego alguns dos textos mais recentes que tenho lido, junto com meu caderno e caneta. Ela se enrola na mesa ao lado do meu caderno, alheia a quantas vezes a cutuco para dar espaço para a minha mão, e juntos trabalhamos até a cozinha se encher de luz lentamente e o sol decidir entrar diretamente em minha casa. Viro a última folha do que tenho lido - uma seleção de uma revista feminina vitoriana - e a movo para a borda do meu espaço de trabalho, que por acaso é um quadrado quase perfeito de luz do sol entrando pela janela.

— Você realmente não deve expô-la à luz assim, — diz uma voz atrás de mim, e é preciso tudo o que tenho para não vacilar com a súbita intrusão.

Zandy aparece no limite da minha visão, seu corpo em algum tipo de vestido de malha que parece quase pornográfico em suas curvas, seu cabelo preso em uma longa e confusa trança - o tipo de trança que faz um homem pensar em puxá-la. Sua boca está curvada em um pequeno sorriso enquanto ela se senta à mesa da cozinha, mas há um brilho vazio de derrota em seus olhos.

Desvio o olhar dela e esfrego meu peito novamente. — Suponho que em seguida você vai me repreender por não usar luvas.

— Na verdade, você não deve usar luvas com papel, — diz ela. — As fibras da luva podem ficar no documento, e também é importante ter uma ideia da textura do papel enquanto você lida com ele. É uma coisa delicada, lidar com algo tão raro, precisa de cada pequena e minúscula sensação para ajudá-lo a sentir se é quebradiço ou flexível. Se pode rasgar ou dobrar.

Eu estou duro.

Por ela falar sobre papel.

— Devidamente anotado, — digo rapidamente, esperando que ela não veja como me afetou. Eu tiro a página da luz do sol. Um momento passa, enquanto finjo voltar para a minha leitura e ignorá-la - como se eu pudesse ignorá-la. Meu corpo definitivamente não pode.

Ela suporta o silêncio por um tempo admiravelmente longo. E então: — Você realmente vai me mandar para casa?

Ela pergunta com uma voz suave e, quando olho para cima, vejo a derrota em seu olhar novamente. Não sei dizer por que isso me incomoda, mas acontece. Só que, nas circunstâncias bizarras e curtas de nosso encontro, espero que esse olhar azul borbulhe com confiança e energia ansiosa.

Coloco minha caneta na mesa e passo a mão pelo rosto. — Você tem que saber por que é impossível.

— Mas não sei. Eu já te disse que seria boa. Eu seria melhor...

— Seu pai a enviou até mim com a implicação tácita de que eu a manteria razoavelmente segura durante a sua estadia. Você honestamente acha que ele ficaria confortável com você em minha casa se soubesse o que aconteceu em Londres?

— Eu tenho vinte e dois anos, — Zandy insiste, inclinando-se para frente. — Ele sabe que sou adulta. E além disso, foi uma vez. *Uma vez*. E não sabíamos quem realmente era o outro. É um dado discrepante, nem mesmo real, e deve ser descartado.

Eu faço uma careta para ela. Faço uma careta porque há uma parte do argumento dela que é lógica e porque nem me importo com as partes que não são. Tanto quanto sei que ela precisa partir, tanto quanto quero que ela vá - caramba, *eu quero* - *meus* pensamentos continuam lotados de planos e ideias e todos os momentos que teríamos juntos se ela ficasse.

— E, — diz ela, sentindo minha fraqueza e ganhando impulso agora, — você realmente precisa de alguém para arrumar essa sua bagunça.

— Não é uma bagunça, — digo friamente, mas nós dois sabemos que estou mentindo. Bagunça é possivelmente a palavra mais gentil para isso.

— Eu posso organizar, indexar tudo e armazenar com segurança. E você nem saberá que estou na sala.

Tenho a visão de Zandy tirando mechas de cabelo suadas da testa enquanto carrega livros, curvando-se com frequência. Riscando sobre a mesa como uma boa garotinha.

Eu engulo em seco novamente.

— Por favor, professor? — Ela pede, inclinando-se tanto para frente agora que seus seios pressionam contra a mesa. Mas não é isso que noto desta vez. Não, são os olhos dela, brilhando como a luz do sol dançando nas ondas do oceano, enquanto se prepara para a minha rejeição.

Eu quero abruptamente esse brilho fora dos olhos dela. Quero ver seus olhos como estavam naquela noite que passamos juntos, maravilhados, encantados e felizes. Essa é a única razão que imagino para dizer o que digo.

— Tudo bem.

—Tudo bem? — Seu rosto inteiro se ilumina, um rubor feliz no rosto e os olhos como fogos azuis. Parece que ela quer me beijar.

Eu me pergunto como pareço.

— Sim. Tudo bem. Você pode ficar.

SETE

ZANDY

Oliver se levanta, a luz do sol pegando nas ondas de seus cabelos. Ele impacientemente afasta de seus olhos, assim como fez antes quando eu estava atrás dele e o observava trabalhar. Ele estava absorvido demais para me ouvir quando entrei, absorvido demais para me notar olhando para seus longos dedos enquanto eles seguravam sua caneta e faziam anotações em rabiscos encantadoramente bagunçados. Sua pele muito pálida e cabelos desgrenhados fazem sentido para mim agora, inseridos no contexto de seu trabalho. Ele é um estudioso obcecado, absorvido em seus projetos, e é fácil ver como os detalhes da vida cotidiana se tornam sem importância. Meu pai é da mesma maneira e a maioria de seus amigos também. Eles esqueceriam de comer se alguém não os lembrasse.

— Eu vou me trocar, — diz Oliver daquele jeito curto e cortante dele, — e depois descerei e podemos começar. — Ele ainda não parece satisfeito, mas estou tão aliviada por ficar que ignoro sua irritação.

— Existe algo que eu possa fazer enquanto você se apronta? Fazer um café? — Penso por um minuto, lembrando onde estou. — Chá?

Ele estreita os olhos. — Só não toque em nada enquanto eu não estiver por perto.

— Tudo o que você diz, — eu respondo, rápido o suficiente para que quase pareça sarcástico. — Professor, — acrescento, esperando que isso melhore qualquer ofensa não intencional.

Seus olhos escurecem com a minha última palavra, e ele sai da sala como se eu o tivesse enfurecido.

Suspiro no momento em que acho seguro. Enquanto estou acostumada com estudiosos mal-humorados, Oliver tem que ser o mais mal-humorado que já conheci. Bem, não mal-humorado, exatamente. *Frio* é uma palavra melhor. Glacial, até.

Insensível.

Rochoso.

Levanto-me e me alongo, decidindo que *'não toque em nada'* certamente não se estende ao café ou chá e precisando do ato familiar para me estabilizar, porque caramba, Oliver Markham é o professor Graeme.

O homem com quem vou passar o verão é o homem que tirou minha virgindade, e se eu estava preocupada com a minha capacidade de ser sábia e sofisticada sobre isso antes, não é nada comparado ao agora.

Porque mesmo por mais frio e distante que ele seja, ainda anseio por seu toque. Mesmo com seu olhar mostrando desagrado, desejo o toque dele sobre meu corpo. Mesmo em sua crueldade, sua boca perfeita implora por minha própria boca, as pontas dos meus dedos. E mesmo coberto por uma camiseta e calça larga, seu corpo magro e musculoso chama o meu, lembrando-me de como ele se movia entre as

minhas pernas, memórias de quão tenso e rígido ele foi quando encheu minha boceta com seu próprio êxtase.

Eu respiro fundo, firmemente, tentando parar a resposta do meu corpo às visões daquela noite, à presença dele na casa. Eu não posso trabalhar ao lado dele assim, toda molhada e mamilos duros, não quando preciso lhe provar o quão profissional eu posso ser. Vou guardar para a hora de dormir, quando estiver sozinha no escuro, uma mão pressionada a minha boca para que ele não possa me ouvir gozar.

Como fiz ontem à noite.

Oliver não toma café, então decido fazer uma xícara de chá. Encontro uma caneca, encho com água e coloco no micro-ondas por alguns minutos. Quando está pronto, a retiro com cuidado e estou prestes a colocar o saquinho quando Oliver diz com uma voz horrorizada: — O que diabos você está fazendo?

Eu me viro para vê-lo parecendo injustamente sexy em um suéter fino e calça pendurada nos quadris estreitos. Ele está encostado a porta da cozinha, os braços cruzados e uma carranca naquela boca afiada.

— Estou fazendo chá? — Eu digo, a última parte soando como uma pergunta, porque de repente estou me sentindo insegura. Talvez eu tenha pegado sua caneca favorita, ou talvez esteja usando um precioso estoque de saquinhos de chá que os visitantes não podem tocar - ou talvez os visitantes não tenham permissão para tocar em nada, e ele se perturbou por eu não ter escutado seu decreto sobre tocar as coisas.

— Não é assim que você faz chá, — diz ele. — Você usa a *chaleira* para o chá, não o micro-ondas como os bárbaros.

O desgosto em sua voz é tão pronunciado que não posso deixar de rir. Isso apenas aprofunda o cenho dele.

— Temos trabalho a fazer, — ele grunhe. — Siga-me. Traga essa caneca de atrocidade, se precisar.

Levando minha caneca de atrocidade, o sigo pelo corredor e tento muito não notar como sua bunda e quadril ficam em suas calças - apertadas e caídas. Poderosa de uma maneira sutil e livre. Poderosa da maneira que faz uma garota pensar em como elas se sentiriam sob suas mãos. Como ficariam agrupadas e flexionadas entre suas coxas.

Eu tremo um pouco. *Controle-se, garota.*

Eu tenho que ser boa hoje. Eu tenho que provar que ele não precisa me enviar para casa.

A gata serpenteia entre nossos pés quando entramos no escritório, sentando na primeira pilha de papéis que ela vê, e eu coloco minha caneca na minha mesa e espero que Oliver me dê instruções.

Ele está atrás de sua própria mesa agora, olhando para mim com uma expressão altiva. — Você fará o que eu disser aqui, — ele diz categoricamente. — Sem questionar. Entendido?

— Entendido.

Suas mãos estão flexionando ao lado do corpo enquanto ele olha para mim, e por um momento, tudo que lembro é como elas se pareciam quando ele me bateu. Uma palma incendiando minha pele enquanto a outra mão me segurava firme sobre seu colo.

Eu tenho que pressionar minhas pernas com o pulsar repentino de meu clitóris a memória. Quem imaginaria que eu gostaria tanto de ser espancada? Tanto que não apenas me tornei uma bagunça molhada e contorcida na época, mas também ansiava por isso de novo?

Ele engole, e percebo que seus lindos olhos não estão mais no meu rosto, mas no meu corpo. No lugar onde estou pressionando minhas coxas.

— Sente-se, — ele ordena com voz rouca. — Pegue algo para fazer anotações.

Sento-me, encontrando um bloco de notas e uma caneta que estavam em uma das gavetas. — Pronto quando você estiver, professor, — eu digo, e ele faz um barulho, afastando os olhos de onde eu sento com as pernas cruzadas e a caneta no ar.

Ele se senta também, mantendo o olhar longe de mim. — Estou escrevendo um livro sobre narrativas de cortejo vitoriano, — diz ele à pintura de William Holman Hunt em sua parede. — Não necessariamente os rituais em si, mas os contos de moralidade dados aos jovens para ilustrar como eles *devem* se comportar. Assim como os contos satíricos ilustrando como eles *se* comportavam.

— E como eles se comportavam? — Eu pergunto enquanto escrevo.

— Como a juventude em todos os lugares e em todos os tempos se comporta, — diz ele sombriamente. — Inadequadamente.

Eu olho para ele com um sorriso. Ele não sorri de volta, olhando para longe de mim assim que nossos olhos se encontram. — Certamente isso é comovente, — eu digo. — Divertido? Pensar que nem os vitorianos poderiam deixar de ser travessos?

Oliver fecha os olhos. — Acho que, — ele diz lentamente, — prova que nunca aprendemos com os erros do passado.

Há uma profunda amargura em suas palavras que me pega de surpresa; tudo o que ele está pensando no momento é cruelmente infeliz. Tem dentes e isso está mastigando sua mente - eu posso ver em seu lindo rosto.

E então ele abre os olhos com uma longa inspiração, falando com a pintura mais uma vez. — Eu já verifiquei um terço das coisas que coletei, talvez menos e, como parte de qualquer esquema organizacional, precisamos indexar se já o vi antes.

— Claro, — eu digo, anotando isso. — O que mais você precisa? Digitalização?

Ele faz uma careta - é muito parecido com a que ele fez para a minha caneca de chá. — Eu prefiro papel.

— O papel vitoriano é muito barato e muito ácido, — eu o informo. — Mesmo nas melhores condições, o que... — Paro de maneira significativa, inclinando a cabeça para os papéis em decomposição na sala, pousados à luz do sol.

— E? — Oliver pergunta irritado.

— E alguns desses trabalhos em papel não durarão muito mais tempo. Quando você chegar a eles, eles podem desmanchar em suas mãos. Digitalizar o que puder não é

apenas útil para a sua pesquisa, é a coisa responsável a ser feita como o único proprietário em potencial de alguns desses textos.

Ele dá um suspiro. — Se você acha necessário... então deve.

— Vou marcar apenas os itens de maior risco para fotografar ou digitalizar, — eu prometo. Faço mais algumas anotações e lanço um olhar de avaliação pela sala. — Precisamos pedir alguns suprimentos de arquivo - há espaço no orçamento para isso?

— Orçamento, — ele ecoa, parecendo intrigado.

— Papai disse que você estava trabalhando com dinheiro do subsídio.

— Oh sim, o subsídio. — Ele dá um encolher de ombros que transmite algo quase desconfortável, e o observo com curiosidade, pois nunca o vi verdadeiramente desconfortável antes - apenas irritado. — Dinheiro não é uma preocupação, — diz ele, e realmente parece envergonhado com isso. Talvez seja um subsídio excepcionalmente grande e ele se sinta estranho ao aceitá-lo? Quem sabe.

— Ok, então, — eu digo, levantando-me. — Vamos começar?

Um olhar imperioso. — Você deve começar. *Eu* trabalharei.

— Sim, professor. — Digo isso talvez com muita zombaria, ganhando um olhar severo, e corro até o canto mais distante da sala para começar a trabalhar antes que ele me repreenda.

Torna-se claro que o sistema de Oliver, se essa palavra pode ser usada, era empilhar os textos mais promissores mais próximos de sua mesa e os menos promissores nos cantos e ao longo da parede oposta. Trabalho de maneira constante durante a manhã, suando levemente enquanto passo pelas pilhas de material, tentando entender o que preciso saber para criar um banco de dados abrangente para Oliver.

Várias vezes, espio por cima do meu trabalho para vê-lo em sua mesa, incapaz de me impedir de encarar a mandíbula cinzelada flexionando em concentração e os cílios longos varrendo suas bochechas enquanto ele estuda seus papéis e tecla em seu laptop.

Deveria ser ilegal um homem ser tão bonito *e* inglês. Simplesmente não é justo.

Suspeito que ele não queira ser incomodado, então, na hora do almoço, vou até a cozinha e faço sanduíches simples, trazendo seu prato de volta e sem palavras colocando-o na beira da mesa. Ele pega a comida automaticamente, com os olhos fixos na tela do laptop, e só depois que termina o sanduíche é que ele percebe que comeu.

— Obrigado, — diz ele depois de um minuto, e noto que sua voz derreteu um pouquinho. Não muito. Mas um pouco. Eu já estou de volta ao trabalho e levanto os olhos para vê-lo me encarando com uma expressão que não consigo decifrar.

— De nada, professor, — eu digo, e ele resmunga em resposta. Eu entendo isso como progresso e luto contra um

sorriso enquanto me inclino novamente para minhas pilhas de livros.

***

O dia passa assim. Finalmente pego o laptop do meu quarto e inicio o banco de dados. Oliver suspira muito com o toque frequente do meu teclado, mas quando me ofereço para ir trabalhar na cozinha, ele apenas faz uma careta e murmura: — Fique.

Então eu fico.

Por volta das seis, falo sobre o jantar e pergunto se ele gostaria que eu o fizesse. Ele parece travar uma guerra interior consigo mesmo. — Vou pedir algo para comer, — diz ele, e é assim que acabamos comendo comida indiana deliciosa na mesa da cozinha, com sua gata reclamando alto aos nossos pés.

— Como foi a escrita hoje? — Eu pergunto inocentemente, e ele apunhala seu frango com manteiga com uma expressão feroz.

— Você deveria pensar melhor antes de fazer essa pergunta a qualquer escritor.

— Então foi tudo bem?

Ele franze o cenho para mim. — Você está me provocando. — Ele diz isso incrédulo, como se ninguém tivesse ousado fazê-lo antes. De fato, de repente tenho certeza de que ninguém jamais ousou provocá-lo antes disso. Ele é muito inviável, com esse rosto arrogante e olhar gelado. Mas estou me sentindo enérgica e brincalhona a partir do meu próprio

dia produtivo, e é muito difícil não provocá-lo quando isso resulta em expressões tão bonitas.

— Eu não vou mais te provocar se isso machuca seus sentimentos, — eu cutuco.

Ele olha para mim. — Não machuca meus sentimentos.

— Você parece um pouco magoado.

— Eu não estou magoado.

— Na verdade, acho que preciso compensá-lo, — brinco de volta. — Talvez você possa me fazer escrever um ensaio sobre meu mau comportamento.

Suas pupilas dilatam no mesmo instante em que minhas palavras passam pela minha mente, junto com as entrelinhas. Qual é a punição.

O que, obviamente, me faz pensar na noite que tivemos juntos, o que, obviamente, me faz querer me inclinar sobre esse joelho forte novamente. E pela maneira que os dedos de Oliver estão fechados em torno de seu garfo, eu me pergunto se ele está querendo a mesma coisa.

— Com licença, — diz ele abruptamente, levantando-se e colocando a louça na pia. Ele sai em direção ao escritório, e ouço a porta se fechar firmemente atrás dele. A mensagem está clara.

Não me siga.

Sentindo-me um pouco corada com a resposta imediata do meu corpo à ideia de punição de Oliver, limpo as sobras do jantar e subo as escadas. Eu pretendo ler por um tempo ou talvez assistir a um filme no meu tablet, mas quando tomo banho e me deito, estou mais excitada do que nunca. Certifico-

me de que minha porta está trancada e depois subo na cama em silêncio. Eu enfio a mão sob a minha calcinha e deixo minha mente encher com tudo de Oliver – suas mãos ferozes e sua boca perversa e seu pau tão pesado e tão grosso por me querer.

Não leva muito tempo, o clímax, porque foi construindo o dia todo. O dia inteiro como um fogo lento dentro de mim, e ao primeiro toque da minha mão, meu corpo já está tremendo e tenso, pronto para estalar como um elástico. O orgasmo é veloz, furioso e, em última análise, insatisfatório, e quando me recomponho dele, fico com uma coceira de decepção.

De desejo inabalável.

E então, quando suspiro e afasto minha mão, ouço - o rangido de uma tábua no piso fora do meu quarto. Fico completamente imóvel, inundada de vergonha e algo mais difícil de citar.

Antecipação?

Esperança?

Eu quero que Oliver chute a porta, me prenda na cama e finalmente venha todo professor para cima de mim?

Sim. Sim eu quero.

Deus, eu quero isso mais do que qualquer coisa.

A tábua do assoalho range novamente e não consigo respirar. Não consigo me mexer. Estou pronta para ele avançar até aqui e aliviar a necessidade ainda doendo profundamente no meu âmago.

Mas ele não vem.

Silêncio abafado preenche os cantos e fendas do quarto, e sou deixada sozinha. Vazia. Insatisfeita.

O sono demora a me encontrar depois disso.

***

Uma semana se passa assim. Durante o dia, Oliver é pouco comunicativo e distante. Eu trabalho e ele trabalha, e roubo vislumbres dele trabalhando, seus cabelos castanhos claros quase dourados pela luz do sol de junho e sua mandíbula se contraindo daquela maneira particular enquanto ele pensa. Dou-lhe o almoço, que ele mal percebe, e então, em algum momento, trago o jantar, que quase sempre é uma espécie de exercício e também uma desculpa para ele espetar a comida com raiva até encontrar um motivo para sair da mesa.

E então vou para o meu quarto e leio ou trabalho até não aguentar mais, e me esfrego até gozar. Eu nunca mais ouço aquela tábua do assoalho, mas toda vez espero ouvir.

Espero que Oliver entre e me reivindique. Quero isso mais do que qualquer coisa, ainda mais do que queria ficar. Ou talvez eu quisesse ficar porque queria que ele me reivindicasse mais do que qualquer coisa. *Tanto para ser sofisticada, Zandy.*

No meu sétimo dia, o ar no escritório está cheio de tensão.

O sol está quente pela janela e sou uma americana muito consternada quando percebo que um ventilador é a coisa mais próxima que Oliver tem do ar-condicionado. Abrimos as janelas e inclinamos o ventilador para que não espalhe papel centenário por todos os lugares, mas isso quase não ajuda. Até a gata escapa da casa com um miado

desagradável, pulando pela janela aberta e galopando para o quintal em busca de sombra.

Meu vestido sem mangas é muito quente e estou puxando constantemente o decote, me sentindo quente e corada, mesmo com meu cabelo preso no alto da minha cabeça. Estou com ciúmes da gata, com ciúmes da sombra dela, mas todo o meu trabalho está aqui no escritório, e não posso deixar meu trabalho nem o professor Rabugento, que está ainda mais ranzinza do que o habitual hoje.

Na segunda vez que tropeço em uma pilha de livros, causando uma tonelada de bagunça e barulho, Oliver fecha seu laptop com força. — Você, — ele diz sombriamente.

Só isso.

Só *você.*

E então ele olha para mim.

— Sinto muito, — eu digo. — Está apenas confuso e quente e... o que houve?

— Você ao menos se importa que esteja impossibilitando o meu trabalho? — Normalmente, acho a sua arrogante frieza sexy ou divertida, mas não hoje.

Está quente demais para começar, e eu estou me concentrando profundamente para consertar *a* bagunça *dele*, e então eu retruco: — Nem um pouco.

Eu sei instantaneamente que estraguei tudo. Oliver é um homem de pouca paciência, e o tipo de insolência oral que acabei de mostrar é absolutamente uma de suas neuras. Sinto um rápido dardo de medo de que acabei de provocar minha demissão.

Enviei-me para casa.

Merda.

O rosto de Oliver pode estar esculpido em pedra agora, e suas palavras são feitas de gelo quando ele finalmente fala. — Venha aqui.

— Oliver…

— Você me chama de professor aqui ou nada, — ele interrompe friamente.

— Professor…

— Venha. *Aqui.*

Com alguma apreensão, ajeito meu vestido e caminho em direção a ele, me preparando para as palavras inevitáveis. *Você está demitida. Saia da minha frente.* E odeio o modo como às lágrimas queima na parte de trás dos meus olhos, a forma como minha garganta se fecha, porque é estúpido que eu tenha ficado tão apegada em tão pouco tempo. Não apenas a esta linda cabana neste lugar lindo, mas a *ele*, a coisa mais linda de todas. Se eu tivesse que deixá-lo, não seria capaz de suportar a decepção.

Decepção. Que palavra estúpida.

Eu ficaria com o coração partido.

Oliver me olha do outro lado da mesa, os braços cruzados sobre o peito, a boca pressionada em uma linha fina. — Venha *aqui,* — ele repete, e eu percebo o que ele quer. Ele me quer perto dele, do outro lado de sua mesa.

Meu batimento cardíaco acelera mil passos. Minha boca fica seca. Ele me quer perto, para que não haja dúvida sobre sua demissão irritada. Ele me quer por perto, para deixar bem

claro que tenho que partir. E talvez eu mereça. Não por derrubar os livros, mas porque não fui uma garota muito boa esta semana, com todos os olhares silenciosos e ansiosos que tenho jogado em sua direção e a masturbação igualmente silenciosa em sua cama de hóspedes.

Lágrimas ameaçam cair dos meus olhos e promessas loucas ameaçam sair da minha boca: que eu realmente serei boa desta vez, que serei a melhor assistente que um professor poderia ter, que suportarei alegremente todo seu mau humor e observações cortantes se ele me deixar ficar perto dele.

Mas engulo as lágrimas e as palavras. Eu preciso manter minha dignidade, eu sei pelo menos isso sobre mim. Que, quando voltar para casa, em meu minúsculo apartamento, segurando uma garrafa de vinho vazia, serei capaz de manter a memória de ser composta e resiliente, sabendo que não me humilhei.

Enquanto contorno a mesa, Oliver empurra a cadeira para trás como se fosse levantar, mas permanece sentado, mantendo o corpo inclinado para frente. Respiro fundo, desejando ser tão fria e intocável quanto ele, esperando que ele diga as palavras que me enviarão para casa.

Mas essas não são as palavras que ele diz.

— Vermelho significa parar, — ele me diz, e então sou capturada e jogada sobre o seu colo.

O sangue corre para a minha cabeça quando minhas mãos encontram o chão em puro instinto, e suas mãos facilmente me pegam e ajeitam, uma de suas longas pernas enganchando sobre as minhas quando elas se erguem no ar.

E eu estou molhada.

Instantaneamente, vergonhosamente molhada.

É como se todos os orgasmos silenciosos, todas as fantasias à luz do dia e o desejo abafado, estivessem concentrados no anseio por uma coisa, por um ato.

Não preciso de um beijo ou um elogio murmurado - preciso *disso*. Ser curvada sobre o joelho de Oliver como uma colegial desobediente.

E *ele também* precisa disso. Isso fica claro pela maneira como suas mãos tremem enquanto se moldam no meu traseiro, alisando o tecido do meu vestido com uma lentidão que parece muito com desespero disfarçado. Uma forma grossa cutuca meu quadril, sólida e contundente, e a prova tangível de que ele me quer é suficiente para me fazer choramingar.

A coisa toda é suficiente para me fazer choramingar.

Ele não vai ouvir nenhuma palavra segura da minha boca. Hoje não.

— Você torna impossível para eu trabalhar, — ele respira. — Você torna impossível me concentrar. Comer. Dormir.

— Porque eu fiz asneira? — Eu pergunto tremulamente.

Sua mão desliza sob a bainha do meu vestido e apalpa minha bunda. — Porque você fez asneira, — diz ele em um rosnado, apertando minha bunda com força suficiente para eu gritar. — E porque você me distrai com seus vestidos, sua porra de cabelo e sua porra de relógio. — Ele vira a saia do

vestido por cima da minha cintura, mostrando minha bunda e coxas para o ar quente da sala.

— O que é isso? — Ele pergunta perigosamente, um dedo traçando a borda rendada da minha calcinha.

— Hum, calcinha, — eu respondo, meu rosto queimando e meu núcleo pulsando. Eu quero tanto que ele acaricie ao longo do meu centro, deslize um dedo dentro da renda e me esfregue onde estou inchada e molhada, mas ele não o faz. Ele apenas continua com aquela provocação enlouquecedora.

— Isso é o tipo de coisa que as meninas más usam, — diz ele severamente. — Você é uma menina má?

— Sim, — eu expiro. — Sim, eu sou.

A primeira palmada. Eu grito, meu corpo arqueando fugindo da violência, mas não há para onde ir, nenhum lugar a não ser contra seu corpo quente e firme.

— Você sabe o que mais torna isso impossível? — Ele pergunta.

— O que? — Eu consigo dizer.

— Ouvi-la gozar por sua própria mão, noite após noite.

Respiro fundo, agradecida por ele não poder ver meu rosto. — Eu... isso não é... quero dizer...

— Não minta para mim, senhorita Lynch.

Não Zandy.

Nem mesmo Amanda.

Senhorita Lynch, como se eu fosse sua aluna mal comportada. O pensamento me excita além de qualquer crença, e me contorço em seu colo. — Eu não quis...

— Você está mentindo, — ele acusa. — Você acha que eu não sei o que você faz à noite, garota suja? Você acha que eu não sei como você desliza seus dedos entre suas pernas e gostaria que fossem meus dedos? Minha boca? Meu pau?

Estou tão fora de mim neste momento que tudo que posso fazer é gemer.

— Você fez isso para me deixar louco? Hmm? — Outra palmada. — Você fez isso esperando que eu arrombasse a porta e te fodesse como seus dedos jamais poderiam?

— Sim, — eu sussurro enquanto outra palmada desce forte. — Sim, eu queria isso.

— Garota safada, — ele adverte. — Garota muito travessa. — Várias mais chovem no meu traseiro, e agora já esgotada de lutar, além de qualquer coisa, exceto a necessidade de atrito contra meu clitóris, a necessidade de ser preenchida por dentro.

— Por favor, — eu imploro descontroladamente. Meu cabelo está caindo ao redor do meu rosto, e meu nariz está começando a escorrer, e parece que fui espancada a beira da morte, e preciso de *algo*, algo que só ele pode me dar. — Por favor, Oliver.

Ele me dá uma palmada poderosa. — Tente novamente.

— *Professor, por favor.*

— Muito melhor, — ele murmura, e então seus dedos estão exatamente onde preciso, pressionando contra o tecido que cobre minha boceta. Ele puxa a calcinha de lado, estudando seu prêmio por um longo momento antes de me

dedilhar a uma exploração áspera. Ele faz um barulho de aprovação com o que encontra.

— Tão molhada, — diz ele com um prazer bruto. — Tão molhada para mim.

Sua mão agarra meu cabelo e vira minha cabeça para que eu possa olhá-lo - sua outra mão continua trabalhando na minha boceta molhada, provocando minha entrada e trabalhando dentro do meu canal tão lentamente que meus dedos se curvam.

— O que você quer, senhorita Lynch? — ele pergunta, e é tão desdenhosamente orgulhoso como sempre, mas há algo na maneira como ele pergunta e na maneira como sua mão para dentro de mim...

Ele está esperando que eu continue com esse seu jogo excêntrico. Ele está esperando que eu escolha. E nem é uma escolha. Não é uma escolha desde que o agarrei na chuva de Londres.

Eu nunca vou escolher *vermelho*.

— Eu quero ser sua boa menina, professor Graeme. Por favor, deixe-me ser sua boa menina novamente.

OITO

OLIVER

Eu sabia hoje de manhã que estava perto do meu ponto de ruptura.

Toda a semana foi construída, alimentada por todos os incêndios imagináveis. Seu adorável e perturbador hábito de passar a ponta da caneta sobre o lábio enquanto trabalhava. A alimentação atenciosa e entrega de canecas frescas de chá, depois que ela descobriu a chaleira. A maneira inconsciente como ela me mostrava sua calcinha enquanto se arrastava de quatro em volta do meu escritório, passando por pilhas de pesquisas.

E à noite... *foda-se*.

Foi puramente acidental a primeira vez. Eu estava passando pelo corredor para pegar um copo de água quando a ouvi. Foi apenas um *mmm* baixinho de alívio feminino, mas me atingiu como um choque elétrico. Eu congelei no local, instantaneamente percebendo o farfalhar dos lençóis e a respiração acelerada e - Deus tenha piedade da minha alma - um som que não poderia ser nada além de um dedo fino se movendo através de uma boceta molhada.

Eu escutei, duro e latejante, até o final com seu doce suspiro de prazer, e então voltei para o meu quarto para me masturbar rápido e cruel, gozando tão rápido que mal consegui recuperar o fôlego.

Repeti o voyeurismo todas as noites desde então.

Como eu não poderia?

Eu queimei por desejá-la, sofri por estar tão perto e ter que me segurar, e hoje fiquei quase louco com isso. Suas curvas e boca ainda mais lascivas, ambas combinadas com olhos ainda inocentes. E então ela teve que arrumar os cabelos, com apenas alguns cachos úmidos escapando, como se para me provocar, acariciando todos os lugares ao longo do pescoço e ombros que eu não podia.

Não me importei que ela derrubasse uma pilha de livros. Eu me *importava* que ela me deixasse louco. Uma coisa selvagem, uma fera, um caçador.

Um monstro.

Incomodou-me desejá-la além de todo senso e decoro, e me incomodou que ela fosse esperta e útil demais para eu encontrar alguma falha.

Em outras palavras, me incomodava que ela fosse perfeita e que, sendo perfeita, me tornasse a versão mais imperfeita de mim mesmo.

Então, enquanto a seguro sobre meu colo, uma mão presa em seu cabelo delicioso e a outra ainda molhada de sua boceta, pergunto-lhe uma última vez. — Você tem certeza que quer ser minha boa menina? Vai dar muito trabalho.

Ela puxa o lábio inferior gordo entre os dentes. — Vermelho significa parar, certo? Então digo *vermelho* quando precisar de uma pequena pausa?

— Está correto, senhorita Lynch.

Ela pisca para mim. — Então é tudo que preciso saber. Faça o que quiser comigo, professor.

Cristo, mas ela é perigosa. Algum tipo de sereia enviada para me tirar do meu caminho. Empurro-a de joelhos na minha frente, abrindo minhas pernas de cada lado dela, apreciando a vista de seus grandes olhos azuis, todos sensuais enquanto olha para mim. Gosto quase tanto quanto da pele brilhante de sua bunda. Quase tanto quanto examinar a entrada apertada de seu corpo, toda rosa e molhada, e lembrar o quão impensadamente apertada ela esteve ao redor do meu pênis naquela noite. Como eu tive que abrir caminho.

Inferno, eu gosto de tudo. Eu bebo tudo como um homem que não prova uma gota de água há anos.

— Você me deixou duro, como uma garota má, — eu falo, amando como seus olhos se arregalam com a palavra *duro.* — E uma boa garota iria consertar isso.

— Consertar... — ela repete, e então suas bochechas ficam muito rosadas. — *Oh.*

— Sim. Tire-o, senhorita Lynch. Estou ficando impaciente.

Suas mãos estão nervosas e sem prática, enquanto abre meu cinto. — Eu nunca... — Sua voz sai em um murmúrio vacilante que é diferente do seu habitual alto confiante. Ela limpa a garganta. — Eu nunca fiz isso.

— Então faça o que eu digo, — eu a informo.

Ela assente, endireitando os ombros um pouco e concentra sua atenção na tarefa, como qualquer boa aluna faria. Há algo profundamente erótico na inexperiência dela, algo que a torna mais do que a interpretação desse tipo de papel.

Uma parte disso é real - tão real que pode ser errado - e não consigo me deter. Eu deixei a maldade disso tomar conta de mim, abrindo-me para isso, deixando entrar em um coração frio e adormecido que está morto para o verdadeiro prazer a muito tempo.

Eu assobio quando suas mãos me procuram, puxando minha carne nua e vermelha no ar.

Ela o encara com tanta admiração, pânico e excitação quanto naquela noite em Londres - como se mal pudesse esperar para me ter dentro dela, mesmo sabendo que sou grande demais - e isso me faz querer bater no meu peito como um homem das cavernas. Faz-me querer puxá-la para cima da cadeira e enfiar em sua abertura molhada. Eu a quero empalada em mim. Quero que ela se contorça ao meu estiramento. Eu quero que ela goze com tanta força que seu corpo se enrole em uma bola porque não aguenta, simplesmente não aguenta.

Mas, por enquanto, me contento com isso: — Coloque sua boca nele, senhorita Lynch.

Seus cílios tremem quando ela olha para mim. — Mas e se eu não for boa nisso?

Francamente, é um milagre que eu ainda não tenha explodido nela, mas não saio do personagem para lhe dizer isso. — Então você terá que praticar. Melhor começar agora.

O lábio inferior é mordido e uma sobrancelha arqueia levemente em um movimento que eu sei que significa que ela está pensando profundamente. E então ela se inclina para

frente e pressiona um beijo casto na parte de baixo do meu pau.

— Assim? — Ela pergunta, olhando para mim. Sua boca ainda está perto o suficiente da minha carne para que eu sinta os doces sopros de sua respiração.

Minha barriga aperta. — Quase senhorita Lynch. Use sua língua. Lamba-me.

— Lamber, — ela murmura para si mesma. — Eu posso fazer isso. — E ela faz, colocando a boca macia em mim mais uma vez, desta vez separando seus lábios, permitindo que sua língua escorregue.

No segundo que me toca, solto um suspiro irregular; é o paraíso, o céu puro, e o olhar que ela me dá é nada menos que malicioso - o que, apesar de tudo, apesar de ser um momento lúgubre e depravado, quase me faz sorrir com um tipo de respeito relutante. Posso dizer muitas coisas sobre Zandy Lynch, e a maioria são queixas - que ela é muito ousada, muito ansiosa, muito *feliz* - mas essas também são as mesmas coisas que não posso imaginar mudar nela. São as mesmas coisas que me tranquilizam dizendo que, embora eu possa ser um monstro, ainda sou um monstro com consciência, porque a garota entre as minhas pernas sabe exatamente o que está fazendo. Ela sobreviverá a isso.

Mesmo que eu não.

Ela me lambe de novo, menos hesitante dessa vez e mais assertiva, um movimento longo e constante que faz meu sangue esquentar e congelar em partes iguais. E então sua ansiedade natural transborda e ela começa a lamber minha

coroa como se fosse um pirulito, como se não conseguisse o suficiente. Enfio minhas mãos no cabelo dela, mas não a empurro para baixo. Ainda não. Simplesmente flexiono e torço meus dedos nos fios sedosos e guio sua boca para onde eu preciso. Da minha ponta tensa e inchada à base túrgida, da raiz à parte inferior aveludada, recompensando-a com meus gemidos sempre que ela se sai bem.

— Chupe, — eu digo com voz rouca. — Coloque na boca e chupe.

Ela faz.

A inundação de calor e umidade é quase demais, e cerro os dentes contra o desejo de gozar. — Deus, você me chupa tão bem, — eu gemo, minha cabeça caindo contra a minha cadeira. Eu mantenho minhas mãos em seus cabelos, empurrando-a para baixo apenas o suficiente para pressionar a cabeça do meu pau. — Porra.

Eu a observo, e ela é uma visão assim, seus cabelos escuros caindo em todos os lugares ao redor das minhas mãos e sua boca perfeita enrolada no meu pau. Suas bochechas estão ocas e seus olhos marejados e azuis, e acho que poderia olhar para isso pelo resto da minha vida. Exceto que há algo que eu quero ver mais.

— De pé, — eu digo a ela, estremecendo quando sua boca quente deixa meu pau pulsando molhado e sozinho no ar da sala. Eu me levanto como ela, e então a inclino sobre a mesa, ignorando os papéis e notas que voam quando faço isso.

— Fique aqui, — eu ordeno, e vou até o meu quarto pegar uma camisinha. A caixa na minha mesa de cabeceira é

depressivamente velha, e seria engraçado pensar que vi mais sexo na semana passada do que nos últimos três anos, se não fosse dolorosamente verdade. Eu me pego descendo as escadas mais rápido do que deveria, não apenas animado para voltar para Zandy e seu corpo disposto, mas também rastejando com esse medo estranho de voltar ao escritório e ver que ela se foi. Que recuperou o juízo e partiu levando sua doçura franca para outro lugar.

O medo é surpreendentemente generalizado, e eu me encontro esfregando no ponto apertado do meu peito enquanto abro a porta do escritório.

E a vejo, ainda esticada sobre minha mesa, como a boa ouvinte que ela é. O alívio de vê-la quase me faz tropeçar, quase me deixa bêbado, e estou sobre ela com tanto desespero que não me importo em identificar. Inclino-me sobre o corpo dela, cobrindo-a com o meu. Nós dois ainda estamos completamente vestidos, ainda suados no calor de junho, e torna isso mais sujo. Mais grosseiro.

Obsceno.

— Oliver, — ela implora, com voz embargada, e eu não a corrijo desta vez. O jogo está derretendo - no que, no entanto, não tenho certeza.

— Eu sei do que você precisa, garota. Fique firme.

Eu me endireito e rolo a camisinha o mais rápido que já fiz na minha vida, tirando a calcinha da sua pele e chutando-a para longe. Eu seguro sua boceta na minha mão com um aperto duro e possessivo, e ela se contorce contra ela, tentando

conseguir o atrito contra seu clitóris, e está tão molhada, tão molhada, que minha palma volta lisa dela.

Eu uso essa mão para acariciar meu pau inchado uma vez, duas vezes, antes de cutucar a ponta de látex brilhante em sua pequena abertura. Lembro a mim mesmo que essa é apenas a segunda vez que ela está sendo fodida, para ir com calma, e é com todo o autocontrole que ainda resta em mim que me abstenho de bater na sua boceta apertada com um impulso selvagem.

Eu me contento com duas investidas selvagens, em vez disso.

A coroa grossa e pesada a estica, e chego à metade, segurando seus quadris enquanto ela choraminga e balança debaixo de mim. E então eu empurro o resto do caminho, desejando poder ouvir seus ruídos para sempre. Seu longo e baixo choro enquanto meto completamente dentro dela. Sua respiração ofegante e miados enquanto rolo meus quadris para sentir a seda molhada dela ao redor da minha raiz. E então ela geme revirando os olhos quando deslizo minha mão em torno de seu quadril e começo a massagear a pérola inchada de seu clitóris.

Ela é incrível assim, inclinada sobre a minha mesa como uma espécie de sacrifício acadêmico, sua doce bunda enchendo uma mão enquanto a outra a leva a um frenesi. Seu cabelo está uma bagunça caída, e seus olhos, quando se lançam de volta para mim, estão perdidos, atordoados e encantados. E seu corpo ao redor do meu, mesmo através da camisinha, é tudo - macio, quente e apertado além da

crença. Uma faísca de admiração acende no meu peito por ela estar deixando um bastardo miserável como eu fodê-la novamente. Que ela ainda está feliz e disposta a entrar em qualquer tipo de jogo comigo depois de como agi na semana passada.

Cristo, que presente.

A faísca aumenta em um fogo real agora, algo possessivo e primitivo e tão real quanto o sol, o vento e o rio cintilante brilhando atrás de mim enquanto eu a fodo.

Ela é minha.

Talvez seja apenas nesse momento, quando ela começa a tremer e a vibrar em volta do meu pau, ou talvez seja apenas por hoje. Mas ela é minha, e quero rugir meu prazer com o conhecimento.

Eu quero mais dela. Mais disso. Esse sexo cru com meus quadris arando o seu traseiro avermelhado, esse doce aperto em volta do meu pau quando ela goza. E depois que meu próprio orgasmo rasga através de mim, enchendo o preservativo com jorros quentes e pesados, eu mal lhe dou um minuto para respirar. Eu arranco a camisinha, pego-a flácida e suada em meus braços e a carrego até o meu quarto.

Estou faminto esta noite. Insaciável. Porque, homem egoísta que sou, se vou quebrar minhas regras e a confiança que tenho com o pai dela, então é melhor fazê-lo minuciosamente.

E eu sou muito, muito minucioso.

Tiro a roupa dela e exploro todos os contornos expostos com a boca. Eu me deleito com os peitos abundantes como

tenho fantasiado, como tenho me acariciado com o pensamento toda a semana, e a transformo em uma bagunça contorcida e ofegante.

— Eu esqueci, — ela respira, seus olhos brilhando na luz fraca do meu quarto.

— Você esqueceu o que?

— Que sua boca é perfeita, — ela sussurra enquanto beijo e lambo a parte inferior suavemente curvada de seu peito. — Isso me fez te querer tanto de novo.

— Então me deixe fazer isso para que você se lembre para sempre.

Movo meus lábios da parte de baixo para o mamilo, puxando gentilmente a ponta e esticando com os dentes e depois engolindo em uma sucção longa. Ela arqueia debaixo de mim, um movimento que nos une lá embaixo, e antes que eu possa fazer algo sobre isso, ela está esfregando sua boceta vazia contra mim, levantando os quadris e moendo contra a minha dureza.

A sensação dela molhada e macia contra meu pau nu é como um pesadelo e sonho envolto em um, e pela primeira vez em anos, acho que quero foder uma mulher sem proteção. Quero entrar em Zandy sem nada entre nós, e quero que ela veja o quanto me deixa franco, vulnerável. Quero que ela sinta cada centímetro do que faz comigo. Eu quero que ela sinta quando eu entrar nela, marcando-a.

Minha.

E então abaixo minha cabeça para beijar ao longo de seu estômago, aterrorizado com meus próprios pensamentos,

aterrorizado que ela os veja. Aterrorizado que ela os verá e não ficará assustada, e eu também não ficarei assustado e faremos algo lamentável.

Há uma boa razão para eu foder sempre com camisinha. Há uma boa razão para eu sempre usar camisinha.

Eu traço as curvas suaves de seu estômago e depois pela ascensão de seu osso pubiano, beijando e lambendo todo o caminho.

— Pare, — ela suspira. — Estou suada e devo me lavar se você vai fazer isso de novo e...

— É uma parada *vermelha*, ou é você tentando se esconder de mim?

— Não é uma parada vermelha, — ela esclarece. Ela não tem ideia de como é tentadora assim, sua cabeça apoiada em um travesseiro, ondas de cabelo quase pretas em todos os lugares, seus mamilos em alerta e sua boceta molhada espalhada diante de mim. — Mas eu suei o dia todo...

— Eu faço as regras, — eu a informo com uma voz cortante. — Nesta cama, eu sou o professor e você é minha aluna, e vou prová-la. E então eu vou fodê-la.

Ela se remexe um pouco, suas bochechas vermelhas. — Mas...

— Essas são as regras, senhorita Lynch. Você quer seguir minhas regras, não é? Ser uma boa garota para mim?

Deus, como ela reage a mim quando falo assim. Como se tivesse sido feita para encaixar em mim. Sua boca se abre e a língua lambe o lábio inferior. Seus olhos são enormes, escuros, de um azul carente quando ela responde: — Sim, professor.

Faço um barulho satisfeito e retomo meu beijo, usando minhas mãos para espalhá-la, para que ela esteja completamente à mostra para mim. Naquela noite em Londres, eu fui impaciente, rápido demais - anos de celibato me perseguindo e me deixando fraco, e quando ela quebrou meu controle, quebrou tudo. A restrição. O tempo que normalmente levava com uma mulher na cama.

Agora não. Não essa noite.

Hoje à noite, eu estou no controle total e me demoro olhando para ela, usando meus polegares para que ela não esconda nada. Não há segredo sobre ela que eu não queira provar e descobrir. Não há cavidade no corpo dela que não queira tocar.

Minha.

Eu traço cada dobra com a minha língua, chupo o cerne firme de seu clitóris até que ela geme, e logo antes de ela gozar, embalo meu pau em látex e o dirijo para casa, beijando-a agressiva e profundamente com a boca ainda molhada de sua boceta.

— Zandy, — eu murmuro, meus quadris mudando de movimentos lentos para movimentos pesados e rápidos. — Porra, Zandy, você é muito gostosa.

Ela está perdida em meus impulsos entre suas pernas, a cabeça balançando. — É demais, Oliver, — ela murmura, com os olhos fechados. — Eu não posso, é tão...

Ela goza com tanta força que grita, e sinto isso ao redor do meu pau, um aperto tão forte que quase parece que ela está tentando me ejetar dela. Dá trabalho foder através de tudo isso

- o tipo mais delicioso de trabalho - e quando eu gozo, parece que algo se rasga dentro de mim. Algo que estava retido por muito tempo. As pulsações são tão repentinas e fortes que me vejo caindo sobre ela, incapaz de manter meu próprio corpo em pé enquanto encho a camisinha e algo se rearranja profundamente no meu peito.

Depois que nos limpo, ela parece achar que deveria sair, e eu subo na cama e a enlaço com um braço em volta do estômago, puxando-a de volta para o meu peito e sua bunda perfeita nos meus quadris. Meus joelhos dobram atrás dos seus joelhos e seus longos cabelos estão por toda parte como um mar de sombras com cheiro de flores.

— Oliver? — Ela pergunta depois de um momento.

— É a oxitocina, — murmuro contra seu pescoço, e isso parece acalmá-la.

Mas demora muito para eu adormecer, e a razão é que sei algo que ela não sabe.

Não é a oxitocina.

É porque não estou pronto para deixá-la ir.

NOVE

ZANDY

Acordo dolorida entre as pernas e feliz. O tipo de felicidade que não tem nenhuma razão real para isso. O tipo de felicidade que enche seu sangue antes mesmo de você abrir os olhos. E quando finalmente abro meus olhos para o sol de verão e o quarto bem mobiliado de Oliver, estou sorrindo.

Antes que eu esteja consciente, sei que ele se foi. Mas não estou chateada com isso - notei que ele se obriga a longas corridas punitivas na maioria das manhãs; de qualquer maneira, fico feliz por ter esse momento muito, muito feminino para mim. O momento em que me viro e sinto o cheiro dos lençóis e grito interiormente comigo mesma.

Oliver me fodeu de novo.

E mais do que isso, ele me quer tanto quanto o quero. Cada vislumbre que roubei de seus olhos e boca aristocrática, ele estava roubando vislumbres semelhantes de mim. Ele estava me querendo, me desejando... me ouvindo me tocar noite após noite em tormento vívido.

O pensamento me faz enrolar e corar de agonia - vergonha e prazer agonizante. Ser pega fazendo essas coisas é mais do que humilhante, e ainda assim saber que essas mesmas coisas o despertaram e o assombram me enchem de presunçoso orgulho feminino. Saber que a pessoa que você deseja te deseja também?

É como uma vida pura surgindo exatamente no meio de mim. Como se eu fosse inteiramente nova. Uma Zandy inteiramente nova - não aquela que é demais, mas na quantidade certa.

Perfeita para um homem como Oliver.

O pensamento me faz corar de novo com o quão estupidamente juvenil é, com quantas esperanças não ditas são tecidas através dele, e eu me levanto da cama para fugir disso. Do querer mais, do querer coisas que Oliver quase certamente não vai querer dar. *Sofisticada* - ainda preciso ser sofisticada.

Então, disponho do meu melhor rosto sofisticado enquanto desço depois de tomar banho e me vestir. Entro na cozinha parecendo a mistura perfeita de fresca e sensual, preparada para tomar um café da manhã fresco e sensual e...

Oliver não está aqui.

Provavelmente ainda está *correndo*, acho, mas esvazio um pouco. O que é estupidez. Por que estou agindo assim tão estúpida?

Repreendendo-me, faço uma xícara de chá na chaleira - veja,estou aprendendo - e depois decido começar a trabalhar. Acho que vai lhe agradar voltar e me encontrar na minha mesa. Talvez isso o agrade o suficiente para me deixar ter seu pau novamente...

Mas então vou para o escritório, e ele está lá, e sua presença reverbera pelos meus ossos como um gongo sendo atingido. A cabeça inclinada, ainda orgulhosa, ainda altiva, mesmo abaixada sobre o seu trabalho. Os dedos longos e fortes

e as ondas esculpidas de músculo pressionando contra sua camisa enquanto ele respira. Os cílios tão longos em suas bochechas e nos próprios olhos prismáticos.

Olhos como nunca vi antes de conhecê-lo. Olhos tão complicados e misteriosos quanto o homem a que pertencem.

Ofereço um sorriso tímido, meu coração disparando um milhão de quilômetros por minuto. Não sei o que dizer ou o que fazer; tudo isso é completamente desconhecido para mim. O que todas aquelas mulheres sofisticadas e sensuais dizem aos seus chefes /amantes na manhã seguinte a um encontro? *Olá?* Ou talvez '*estou molhada só de olhar para você. Podemos fazer de novo?*'

Mas não posso ser uma mulher sofisticada e sensual. Eu só posso ser Zandy. Então sorrio para ele. — Oi, — eu digo, tonta e pouco convincente.

Sua boca franze em uma carranca. — Fico feliz em ver que você está pronta para começar o seu trabalho hoje.

— Eu não programei o meu despertador. Eu estava…

Eu estava dormindo na sua cama com você, quero dizer, mas algo me impede. Sua expressão talvez, ficando mais fria a cada segundo, ou a maneira como suas belas mãos ficaram paradas sobre seu caderno.

Sendo a Zandy que sou, não posso deixar de tentar novamente. — Eu dormi tão bem, no entanto. A noite passada foi…

— A noite passada foi um erro, — ele me interrompe. Sua voz é glacial, as palavras afiadas o suficiente para me cortar com suas bordas. — E isso não vai acontecer novamente.

Leva muito tempo para que as palavras dele e o significado delas façam sentido em minha mente, mas uma vez que o fazem, acho que prefiro ser morta e esquartejada. Eu odeio ser tão expressiva, *odeio*, e odeio que ele provavelmente possa ver a chicotada de suas palavras no meu rosto. Abaixo a cabeça para que ele não possa ver a vergonha, a mágoa, a confusão.

Mantenha sua dignidade, Zandy, porque é o único conforto que você terá para se apoiar.

— É claro, — murmuro, indo até a minha mesa enquanto tento não deixar minhas lágrimas caírem. Tentando não deixar minha mente correr com as perguntas inevitáveis. Os *porquês*.

Eu não sou bonita o suficiente? Fina o suficiente? Legal o suficiente? Eu era ruim de cama? Foi um sexo terrível e eu não tinha ideia porque sou muito inexperiente? Ou, oh Deus, e se eu fiz algo embaraçoso no meu sono? Agarrei-me a ele ou babei sobre ele – ou pior?

— Você encontrará um cartão de crédito na sua mesa, — Oliver diz para o lado do meu rosto quando estou sentada. — Para materiais de arquivo. Como eu disse antes, não há orçamento. Use o que precisar.

E essas são as últimas palavras que ele me diz a manhã toda.

Meus primeiros empregos foram como assistentes de pesquisa para os amigos de meu pai e, claro, para meu próprio pai. Desde quatorze anos, passo os verões e as férias de inverno tirando fotocópias e sinalizando entradas promissoras em bibliografias anotadas. Estou acostumada a trabalhar em

salas com seres humanos tão profundamente concentrados a ponto de esquecerem que estou lá. Estou acostumada a trabalhar em silêncio.

Isto é diferente.

Cada momento parece amplificado, como se estivesse embaixo do vidro de um joalheiro, e todo barulho parece estremecer a sala com força geológica. Até o barulho do rio do lado de fora da janela aberta é ensurdecedor. Quando coloco um punhado de livros e um cai no chão, é como se eu tivesse derrubado a casa.

O ar entre nós vibra com eletricidade infeliz, e leva a manhã toda para chegar a um ponto em que acho que consigo não chorar. Como ele pode ser tão frio? Como ele pode ser tão cruel?

E como – *como* - depois de tudo o que me censurei, poderia ainda ter me apegado? Ficar feliz e esperançosa e... eu não sei... 'oxitocinada'?

Estúpida, estúpida, estúpida.

Faço o almoço como sempre, e ele come cegamente como sempre, e odeio como ainda desejo algo dele neste momento – um elogio ou um grunhido de aprovação ou algo assim. Eu odeio como ainda quero ser sua boa garota. A queridinha do professor.

É depois do almoço que encontro o bilhete.

Está em uma pilha de livros sob uma poltrona e, apesar de toda a manhã terrível, não posso deixar de dar um cacarejo de censura de bibliotecária quando encontro. Os livros foram empurrados sob a poltrona tão a esmo que algumas páginas estão dobradas para cima e um dos volumes encadernados em couro tem um amassado permanente na coluna. Com um suspiro, pego os bebês negligenciados no peito e os carrego para a minha mesa, onde os catalogarei para o banco de dados.

É quando a nota cai.

Eu coloco os livros na minha mesa e volto para pegá-la, dolorosamente consciente de como os olhos de Oliver não estão em mim, consciente de quão diligentemente ele me ignora. Queima, a rejeição, queima como se eu estivesse mergulhado em água escaldante, e sei que tenho as bochechas vermelhas e o coração inchado e sensível para provar isso. Eu tento ignorá-lo também, finjo que não me importo que o único homem com quem tenha feito sexo pareça me odiar, e digitalizo o pedaço de papel enquanto caminho para a minha mesa.

Normalmente, esses pedaços de papel são recibos, se não da compra de Oliver, então a compra do proprietário anterior anos atrás. Outras vezes, pode ser uma das anotações de Oliver - um rápido rascunho sobre o motivo pelo qual ele comprou o livro ou uma redação mais detalhada descrevendo o conteúdo.

Mas, em vez da letra bagunçada e espetada de Oliver, vejo palavras em loops bonitos e simétricos, escritos no tipo de caneta que deixa pequenos floreios no final de cada palavra.

Oliver,

Você quase nunca se lembra das coisas que diz na cama, mas eu lembro. Espero que isso seja uma prova.

Sua garota, Rosie

Meu estômago revira, subindo até o peito.

Não há como confundir o que está subentendido nessa nota. Não há julgamento equivocado. Não é possível arquivar isso na prateleira errada. Essa Rosie, quem quer que seja, foi amante de Oliver.

Ou ainda é sua amante, uma voz calma me avisa. *Como você saberia?*

Não há data na nota, embora esteja um pouquinho amarelada em um canto, o que é de se esperar se estiver presa em um livro em decomposição por qualquer período de tempo. Também não há uma maneira real de dizer de qual livro a nota caiu, embora eu note que todos os livros dessa pilha tratam da subcultura erótica vitoriana.

Eu folheio um deles e vejo minha respiração se misturar com a agitação do meu estômago.

Muitas palmadas aqui. Muitos disso. Desenhos e fotografias de mulheres inclinadas, suas anáguas amontoadas em volta da cintura. Histórias de esposas e debutantes e alunas sendo disciplinadas, às vezes em circunstâncias muito eróticas e às vezes em simples contos morais.

O que Oliver disse a Rosie na cama que a levou a comprar essas coisas para ele? Ele estava falando sobre pesquisa enquanto cochilava em direção ao sono? Ou tinha sido algo mais íntimo? Ele jogou os mesmos jogos no quarto com Rosie que fez comigo?

Claro que sim, diz aquela voz. *Você acha que ele decidiu espancar uma estranha sem nunca ter feito isso antes?*

A coisa toda - o professor e seu jogo de meninas boas – é obviamente um fetiche de Oliver, e eu poderia ser virgem até apenas uma semana atrás, mas era uma virgem muito letrada e sabia que fetiches simplesmente não surgem da noite para o dia. Oliver deve ter feito isso com outras mulheres, o que de alguma forma me incomoda mais do que pensar nele meramente fodendo outra mulher.

Uma inveja amarga envenena meu sangue, e eu ando até sua mesa e largo o bilhete na página que ele está lendo.

— Eu encontrei isso, — eu digo. — Parece importante.

Quase vale minha própria dor ver o flash de angústia em seus olhos.

— Posso esperar encontrar mais coisas de Rosie? — Eu pergunto, chateada demais para me importar que finalmente consegui parecer muito distante e reservada agora. — Você gostaria que eu os deixasse de lado ou os guardasse para você olhar?

Oliver pega a nota, sua mandíbula se contraindo, suas mãos tão imóveis que ele poderia ser uma estátua. Então, ele amassa a nota cruelmente e a joga na pequena lata de lixo ao lado de sua mesa. — Não se preocupe, — diz ele rapidamente. — Eu não quero vê-las.

E então ele volta a fingir que eu não existo.

A satisfação perversa me impulsiona por um momento ou dois. Quem quer que seja essa Rosie, ela não é mais uma amante de Oliver, ao que parece. Mas logo estou

sobrecarregado de angústia afiada novamente. Pelo menos ele *falou* com Rosie na cama. Eu fui arrebatada ao limite - não que eu esteja reclamando - e depois sumariamente desprezada no dia seguinte... e eu *estou* reclamando disso. Ele nem sequer olha para mim agora, como se eu estivesse abaixo de sua atenção, e ainda assim não sinto que ele não está ciente de mim. De onde me movo e quando me movo, de como me sento e como escrevo. Só não sei dizer se sua consciência é de aborrecimento frio ou de aversão ardente. Não pode ser mais nada.

É a tarde mais lenta da minha vida, e à medida que continua, muito quente e narrada pelo zumbido de uma abelha presa no interior do escritório e cambaleia enquanto Beatrix assiste, começo a me perguntar se posso realmente fazer isso pelo resto do verão. Posso sentar em uma sala com um homem que desejo, um homem a quem entreguei meu corpo e que ele me trate assim?

Não.

Eu prefiro ser espancada todos os dias, porque um verão inteiro de Oliver me tratando da maneira que me tratou hoje - esse seria o verdadeiro masoquismo.

Depois das seis horas, fecho o laptop, tomando uma decisão. O jantar com Oliver seria um exercício de mágoa e miséria, e eu não aguento mais. Eu não vou fazer isso comigo mesma.

Se ele quer me ignorar, tudo bem. Vou me tornar muito fácil ser ignorada.

***

— Posso me sentar aqui? — Uma voz quente pergunta, e eu olho para cima e vejo um homem muito bonito, de camisa e calça social, ao meu lado no bar dentro do pub Slaughtered Lamb.

— Claro, — eu digo com um sorriso, e seu rosto se abre com um sorriso de resposta.

— Você é americana.

Dou um sorriso tímido enquanto dou um tapinha no banquinho ao meu lado. — Sente-se, e eu vou lhe contar tudo.

— Esse é um convite que ninguém pode recusar. — Ele ri, e há um pouco de calor em seu olhar enquanto seus olhos fazem um movimento furtivo sobre meu corpo.

Nós dois pedimos bebidas e começamos a conversar - ele faz algum tipo de contabilidade para uma empresa de extração mineira local, e explico por que estou passando meu verão antes da pós-graduação ajudando um pesquisador com seus arquivos.

Ele parece encantado comigo, e não posso deixar de me perguntar se seria assim que teria acontecido se eu tivesse chegado ao Goose and Gander naquela noite. Se eu tivesse conhecido outro inglês bonito, alguém que não fosse Oliver. Se fosse tão fácil quanto eu havia planejado, apenas dois adultos passando uma noite juntos e seguindo caminhos separados. Não isso que Oliver e eu temos.

Mas pelo menos marquei um ponto pela minha dignidade hoje à noite. Levantei-me e saí do escritório como se fosse simplesmente pegar outra caneca de chá, e então peguei minha carteira e saí de casa, percorrendo o caminho curto e

agradável até Bakewell e saboreando comida indiana antes de decidir parar no Slaughtered Lamb para uma bebida muito necessária.

Espero que Oliver tenha gostado do jantar solitário.

Espero que ele aproveite o resto do verão sozinho, porque eu me decidi. Eu não vou ficar. Dói e irrita, ter que desistir disso só porque ele é um idiota colossal, mas nada vale a pena ser tão infeliz. Volto hoje à noite, anuncio que partirei e amanhã estarei a caminho de casa, longe dele e de seus olhos perfeitos, boca perfeita e tudo perfeito que ainda agora põe fogo em meu corpo só de pensar nisso.

— Você está gostando da sua estadia? — Matthew, o Cara da Pedreira, diz, e sinto uma pontada de culpa quando percebo que não é a primeira vez que Matthew faz a pergunta.

— Eu estou. — Dou a ele meu foco renovado e outro sorriso, que ele parece gostar muito. — É tão bonito aqui, muito mais bonito do que eu jamais poderia imaginar.

— Eu ficaria feliz em mostrar a você algum dia, — diz Matthew, sua voz mais baixa. — Eu odiaria que você perdesse alguma coisa.

Estou prestes a dizer que agradeço, mas não posso porque um professor arrogante partiu meu coração e agora tenho que voltar para casa mais cedo, mas sou interrompida pela súbita aparição de um homem atrás de Matthew.

Um homem de olhos azul esverdeado-marrom que praticamente vibra de raiva.

— Oliver? — Eu pergunto quando ele pega meu cotovelo.

— Vamos para casa, senhorita Lynch, — Oliver diz entre dentes, e oh, é terrível, mas ouvi-lo me chamar de senhorita Lynch novamente me faz querer me contorcer da melhor maneira.

— Posso te ajudar? — Matthew pergunta, parecendo um pouco alarmado por minha causa, mas Oliver lança um olhar tão feroz que Matthew murcha imediatamente, e não posso culpá-lo.

— Somente a senhorita Lynch pode me ajudar voltando para casa, o que ela está fazendo agora, então qualquer ajuda sua é completamente desnecessária, — Oliver declara secamente. — Se você nos der licença.

Eu não tenho que ir com ele. Não só poderia me libertar se quisesse, mas acho que se dissesse *vermelho*, ele me largaria imediatamente. Ele me deixaria ir.

Mas vou com ele, dando um sorriso de desculpas para Matthew e deixando Oliver me guiar para fora da porta do pub, agradecida por já ter pago minha conta.

— O que você estava fazendo lá? — Ele exige no minuto em que estamos ao ar livre.

— Tomando uma bebida.

— Não. O que você estava fazendo com aquele homem?

Reviro os olhos e começo a me afastar, mas Oliver me prende na parede externa do pub, uma mão de cada lado da minha cabeça e seu corpo um escudo de macho irritado na minha frente.

— Você deixaria que ele te beijasse? — Ele pergunta com uma voz perigosa. — Você o deixaria te foder?

Eu quero dizer *sim*. Quero deixar Oliver com raiva e infeliz, assim como ele fez comigo. Quero provar que *sou* sofisticada, que tenho dignidade e que sou tão boa em ignorá-lo quanto ele em me ignorar.

Mas, como hoje cedo, acho que só posso ser Zandy. Zandy honesta e embaraçosa.

— Não, — eu admito, olhando para longe.

— Certo porra, você não deixaria, — Oliver rosna. — Ele não tem permissão para tocar em você.

— Por que você se importa? — Eu pergunto, examinando seu rosto. Está quase anoitecendo, ainda claro o suficiente para estar calor, mas escuro o suficiente para que as sombras dancem em seus olhos. — Você deixou muito claro hoje como se sente sobre mim.

— Isto é o que você acha?

— Sim, — eu atiro de volta calorosamente. — Sim, é o que eu acho. O quê mais?

— O quê mais? — Ele respira. — Não que você me enlouquece? Não que eu não posso trabalhar, não consigo me concentrar, nem *pensar* quando você está perto de mim?

Nós olhamos um para o outro, os peitos subindo e descendo com respirações irregulares, nossas bocas quase próximas o suficiente para tocar. Beijar.

Meus lábios se abrem e meus olhos baixam, prontos para ele me devastar com sua boca e língua hábeis. Pronto para aqueles beijos duros e gananciosos que ele entrega com tanta convicção para um homem normalmente tão frio.

Ele não me beija.

Quando abro meus olhos totalmente em decepção confusa, ele está olhando para mim como se eu tivesse levado amostras de seus livros raros. — Vamos para casa *agora*, senhorita Lynch, — ele grita, e eu não discuto, porque no minuto em que voltar para sua casa, farei minha mala e *sairei*. Não me importo se tiver que dormir em alguma estação de trem ao ar livre. Eu não vou ficar.

Estou furiosa quando entro no carro de Oliver para a curta viagem até a casa dele. Fumegando e ensaiando meu grande discurso sobre partir e como Oliver pode se foder. Mas quando paramos no chalé e saio do carro, Oliver me encontra, me pressionando contra a porta do carro.

Espero mais da sua raiva, ou talvez que voltássemos ao frio cortante de antes, mas o homem na minha frente não está com raiva nem é frio. Ele está respirando com dificuldade, e há algo em seus olhos que parece magoado, terno e jovem.

— Eu te quero, Zandy, e não posso te explicar o quanto isso me assusta.

Assusta? É tão difícil imaginar esse homem esculpido em mármore aterrorizado por qualquer coisa, muito menos *eu*.

— Eu não entendo.

Ele dá uma risada sombria disso. — Não. Você não entenderia isso, porque ainda está feliz e pronta para o mundo. Você ainda não se machucou. E eu... acordei esta manhã horrorizado com a ideia de ter roubado isso de você.

Eu olho para ele, além de perplexa. — O que? Dormindo comigo?

Ele passa a mão agitada pelo cabelo. — Ao dormir com você e... todas as outras coisas.

O jardim da frente é um paraíso escuro de flores e grama rica, iluminado apenas pela luz fraca da cozinha que sai da casa, por isso é difícil ter certeza - mas acho que vejo cor nas bochechas de Oliver.

Ele está envergonhado, eu percebo, e o pensamento é tão bizarro para mim, tão estranho, que leva um minuto para absorvê-lo. *Ele tem vergonha do que gosta na cama.*

E abruptamente, todo o resto - o comportamento dele hoje, a minha partida - é deixado de lado. Ou melhor, filtrado pela luz dessa nova informação.

— Oliver, — eu digo, chamando sua atenção. — *Gostei do* que fizemos. Ambas as vezes. É sexy para mim e... — procuro a palavra certa. — Não é tão complicado, além disto. Eu gosto. Quem se importa se eu gosto porque fui criada por professores ou porque já trabalhei para professores antes ou porque sou a queridinha de um professor incurável? É divertido, e eu consenti de coração. O que mais pode haver nisso?

É a vez de Oliver olhar, e ele está me encarando como se não pudesse acreditar que sou real.

— O que? — Eu pergunto, subitamente constrangida.

— Você, — diz ele, como disse ontem à tarde, exceto que desta vez não é sombrio ou torturado. É admirado.

Possessivo.

Como se quisesse dizer *você p*ode muito bem ser *minha.*

— Eu? — Eu pergunto, e é ridículo, mas acho que fiquei esperando ouvir essa palavra a vida inteira.

Você.

— Você, — ele repete, e então sua boca se inclina sobre a minha, quente e gananciosa, bem como desejei, e em um instante, estou contra o carro, minhas pernas em volta da cintura e seus braços me esmagando contra ele. Eu tenho muito mais a lhe perguntar, muito mais a me perguntar, mas é como se tudo reduzisse para os pontos de contato entre nós: sua boca tão dolorosamente completa e seus quadris magros entre minhas coxas e suas mãos largas espalhadas pela minha bunda. E onde sua ereção empurra, grossa e pesada, entre as minhas pernas.

— Professor, — eu choramingo em sua boca, e ele estremece sob o meu toque.

— Você não... você não precisa, — diz ele. — Eu te quero de qualquer maneira que me deixar tê-la. Mesmo sem os jogos.

— Eu te chamo como eu quiser, — retruco teimosamente, mordendo seu lábio. — É o meu jogo também. Minha diversão também, se eu te quero como Oliver ou como professor.

E novamente ele estremece, mas desta vez não é apenas com luxúria. A maravilha está de volta em seus olhos, a admiração. — Como você é real? — ele diz, mordendo meu pescoço. — Como você pode ser real?

De repente, estou sendo carregada, e acho que é para dentro, acho que para a cama dele, mas acabamos caindo na grama exuberante abaixo da janela da cabana, com flores de verão balançando ao nosso redor. Seus braços e mãos fortes

me protegem quando caímos no gramado, e acima de mim há apenas a forma de um homem bonito delineado por estrelas.

— Eu quero você, — ele gerencia entre beijos ardentes. — Agora.

— Sim, — eu digo ansiosamente, puxando suas roupas. — Você não ouvirá nenhum *vermelho* de mim.

E é a primeira vez que ouço uma risada dele que é real e aberta, nem um pouco sombria.

— E, por favor, me diga que você tem camisinha, — eu digo, mordendo a orelha dele. — Mal posso esperar mais tempo.

— Você não vai, — ele promete, se erguendo. — Você é minha agora.

Não há casas por perto, e mesmo que houvesse, estaríamos completamente cercados por flores e arbustos, mas ainda é incrivelmente emocionante assim, caída e despenteada no gramado com a minha saia enrolada nas coxas e Oliver de joelhos entre as minhas pernas, colocando um preservativo. A sensação de estar exposta, de ser *imunda*, é suficiente para me deixar pronta antes que Oliver me toque.

— Oh, boa menina, — ele murmura quando testa minha boceta para ver se estou molhada e descobre exatamente o quanto estou molhada. — Uma menina tão boa.

Eu me contorço sob seu toque. — Oliver...

— Eu sei garota. Aguente firme. — Com um alongamento espesso e urgente, ele me preenche, e juntos fodemos sob as estrelas até eu gritar e ele se juntar a mim em longos pulsos

repentinos, e rolamos levantando do gramado rindo e sujos de grama e seguimos para dentro de casa.

DEZ

OLIVER

Estou insaciável de novo, mas não me importo. Talvez eu esteja compensando o tempo perdido, ou talvez seja o prazer inebriante de encontrar uma mulher que ame o jeito que sou na cama.

Ou talvez seja ela.

Talvez seja essa garota entusiasmada e corajosamente vulnerável que me desarma a cada momento. Essa garota que aquece meu peito apenas com seus sorrisos e com a maneira como segura sua caneta e seu maldito relógio adorável, que se aproxima de livros empoeirados com um zelo geralmente reservado ao sexo e à religião. Ela fica sob a minha pele, e eu odeio isso e amo na mesma medida. E para um homem que vive das palavras - estudando-as, analisando-as, escrevendo-as - não consigo encontrar as palavras certas agora para explicar tudo isso a ela. Que a quero, que ela é minha, e , se ela quiser, pode arrancar o que resta do meu coração e comê-lo, e eu deixarei.

Então, me contento em lhe dizer com meu corpo. Com o rosto entre suas pernas, os lábios correndo ao longo das coxas e no estômago, com a boca nos seios doces. Ela implora para ser espancada de novo, e desta vez eu faço com ela de quatro e meu pau na sua boca, ajeitando-a para que possa facilmente dar palmadas na sua bunda pelo lado enquanto ela me agrada.

Então nós fodemos novamente.

E de novo.

A primeira hora da manhã nos encontra banhados e saciados, com ela em meus braços enquanto brinco ociosamente com seus cabelos. Eu não finjo que é apenas a oxitocina desta vez, e ela não pergunta, mas eu me pergunto de qualquer maneira.

O que você está fazendo com ela, Oliver?

O que exatamente você está fazendo?

E a resposta é que eu não sei, e isso me incomoda.

— Por que você tem vergonha do que gosta? — Zandy pergunta suavemente, sonhadora, como alguém prestes a dormir.

Eu fico tenso ao redor dela, a pergunta me pegando de surpresa. Mais uma vez, fico impressionado com o quão *fácil* isso é para ela, como ela pode simplesmente perguntar e falar sobre essas coisas como se não fossem... como se não fossem um tabu. Como se não fossem distorcidas.

Ela sente minha reticência e se vira para mim, inclinando a cabeça para que possa ver meu rosto. — Oliver?

Abro a boca e fecho, as palavras tão esquivas quanto eram mais cedo hoje à noite.

— Foi Rosie? — Zandy pergunta, e ela é tão destemida, tão corajosa, e de repente parece importante lhe dizer isso.

— Você tem tanta coragem, — murmuro, acariciando sua bochecha. — No seu lugar, eu nunca seria capaz de perguntar sobre a antiga paixão de um amante.

Zandy pisca para mim de uma maneira muito agradável. — Eu sou muito destemida.

— Eu ia dizer combativa. Ou talvez irritante.

Ela ri, como sempre, do meu mau humor, e eu me derreto um pouco. Eu quero ser corajoso e feliz como ela; quero - eu não sei - recompensá-la, suponho. Não como um professor recompensa um aluno, mas como um amante recompensa sua amante. Vulnerabilidade por vulnerabilidade. Força por força.

Honestidade por honestidade.

— Nós nos conhecemos na universidade em que trabalho, — digo finalmente. — Nos conhecemos e parecia que, oh, eu não sei, todos aqueles estereótipos sobre se apaixonar. Como se o mundo aumentasse mil vezes mais. — Eu escondo com sucesso a maior parte da velha amargura da minha voz, mas há o suficiente para que Zandy ainda perceba, uma pequena linha aparecendo entre suas sobrancelhas. Estendo a mão e aliso com o polegar.

— Ela foi a primeira pessoa com quem você foi excêntrico? — Zandy pergunta, e novamente essa palavra *excêntrico*, como se fosse apenas uma palavra e não uma censura. Não algo que me torturou nos anos desde que Rosie me deixou.

— Ela foi.

Zandy passa a mão em círculos preguiçosos sobre os músculos do meu peito, brincando lentamente sobre os cumes magros dos meus abdominais. Parece incrivelmente agradável. — Ela gostava? Das excentricidades?

— No começo, — eu digo, e as palavras me deixam pesadamente. — No início. Era novo para mim - tudo era novo. Eu estava só percebendo o que gostava e o que precisava, e acho que se tornou real demais no final.

— Porque você era o professor dela?

— Eu não era o professor dela, — respondo. — Ela era a minha.

Os dedos de Zandy ainda estão na minha pele, e posso dizer que a surpreendi. — Ela era?

— Nós nos conhecemos quando eu estava estudando para meu doutorado. Eu gostaria de dizer que nos contivemos até um momento em que uma ligação seria ética, mas isso seria uma mentira.

— Não seria o primeiro casal a começar desse jeito, — diz Zandy, e me aquece um pouco ao ver essa jovem tentando me confortar. — Então os papéis foram invertidos? Ela espancava?

Há uma pitada de provocação em sua voz, e eu lhe dou um falso beliscão no seu queixo. — Eu sempre dou as palmadas, senhorita Lynch. E acho que a inversão de nossa dinâmica de poder na sala de aula é o que a excitou a princípio. Para ela, era novidade. Para mim, tornou-se necessário.

Percebo que sinto falta da mão de Zandy se movendo sobre minha pele, e gostaria que ela continuasse me acariciando enquanto falo. Mesmo com ela, a primeira pessoa que senti o desejo de me abrir em anos, não é uma história fácil de contar. — Ficamos cerca de um ano juntos. E então ela ficou grávida.

Zandy endurece em meus braços. — Você tem um filho?

— Senhorita Lynch, ouça quando seu professor estiver falando. — É o mais próximo que consigo de uma piada ao seu

redor, e o sorriso de resposta em seu rosto vale tudo. Eu decido fazer e dizer o que for preciso para fazê-la sorrir com mais frequência.

— Fiquei atordoado quando ela me disse que estava grávida, — continuo. — Atordoado demais para ficar feliz ou aterrorizado, acho, mas ofereci a ela tudo o que pude. Eu ofereci todo o meu apoio. Ofereci-me para sair do meu programa de doutorado ou me transferir para outra universidade para poder me casar com ela. Eu estava pronto para desistir de qualquer parte da minha vida, a fim de fazer funcionar.

— E o que ela disse?

— Que ela queria um teste de paternidade, — eu digo, e em minha mente ainda posso nos ver discutindo naquele apartamento pouco iluminado, a chuva caindo lá fora e a expressão vazia no rosto de Rosie.

— O que? — Zandy pergunta.

— O bebê não era meu, — explico.

— Mas então - *oh*. — Eu posso ver quando ela entende tudo. Os cronogramas, a evidência de infidelidade. — Oh.

— Ela não queria que fosse meu. Ela foi muito franca sobre isso. Ela foi muito franca sobre... bem, muitas coisas. Ela estava infeliz há algum tempo, daí a traição.

— Essa cadela, — Zandy murmura, e sua lealdade feroz torna algo no meu peito impossivelmente leve, mas apertado também, como um balão.

— Bem, foi parcialmente minha culpa. Nós crescemos juntos em nossos jogos no quarto, e às vezes, quando algo

acontece organicamente, você se esquece de se comunicar. E foi o que aconteceu com Rosie. Eu estava feliz, então achei que ela estava feliz.

— Você acha que ela teria sido feliz sem o fetiche?

Uma pergunta justa e uma que me fiz todos os dias desde aquela briga. Todos os nomes que ela me chamou, todos os motivos pelos quais ela não queria criar um filho comigo, eles agitaram minha mente por tanto tempo que se tornaram parte de mim, como uma árvore crescendo em torno de uma cerca.

Degenerado.

Depravado.

Pervertido.

— É difícil dizer. Eu ofereci isso também, desistir dos jogos de professor, mas ela recusou... Acho que ela se ressentia muito de mim até então. A última vez que ela falou comigo foi um e-mail informando que o teste havia provado que o bebê era dele.

— Você queria que o bebê fosse seu?

Eu suspiro. — Eu não sei. Sim e não. Eu acho que a ideia de uma criança com uma mulher que você ama sempre parece emocionante, mas, em retrospecto, ela não me amava e nem tenho certeza de que a amava. Não de uma maneira duradoura, pelo menos.

Ela move a cabeça, assentindo no meu ombro, entendendo, seu cabelo deslizando todo sedoso e doce, varrendo a minha pele.

Ou as presas da memória embotaram ao longo dos anos ou algo sobre Zandy alivia a dor, mas acho que me sinto bem

sobre o passado. Sobre Rosie. É difícil se sentir chateado sobre qualquer coisa que levou a esse momento, com as curvas suaves de Zandy dobradas contra o meu lado e as mãos no meu corpo como se pertencesse a ela.

— O que aconteceu depois que vocês terminaram? Você fez o fetiche com mais alguém?

Penso nos anos seguintes entre Rosie e agora. Eu era uma bagunça, tanto pessoal quanto profissionalmente, e devo muito aos amigos que me ajudaram a superar, como o pai de Zandy, que me ajudou de todas as maneiras que pôde. — Vi algumas pessoas, nada sério. O tipo de conexão que você organiza online, esse tipo de coisa. Depois de algum tempo, cansou porque não era a mesma coisa sem alguém que eu também gostava e respeitava em nível intelectual.

Ela sorri para mim. — Isso significa que você gosta de mim, professor Graeme?

Dou-lhe uma careta brincalhona e puxo seu cabelo. — Não abuse da sorte, senhorita Lynch.

Ela se aninha em mim novamente com um pequeno bocejo. — Isso explica por que você é tão exigente com os preservativos, — diz ela. — A coisa do bebê.

— Precisamente.

— Você quer bebês algum dia? Ou tudo isso foi arruinado?

— Tão franca, senhorita Lynch.

Mas ela não está perguntando de maneira aleatória – mas como se realmente quisesse saber, e eu penso sobre isso. Sobre quando Rosie foi recentemente promovida a

diretora de departamento da minha universidade e como não havia como evitá-la. Não havia como evitar a barriga de grávida com seu terceiro filho e seu anel de casamento gigante. Eu tirei um ano sabático logo depois.

Depravado.

Degenerado.

— Não, — eu finalmente respondo. — Acho que essa porta se fechou para mim.

— Isso é triste, — diz Zandy sonolenta.

Suponho que seja triste, mas não consigo imaginar passar por tudo isso de novo. A esperança e a alegria, e depois a vergonha e o nojo... o desgosto. Melhor simplesmente evitar isso completamente.

Depois de alguns minutos, eu digo: — Eu não acho que professores excêntricos podem ter filhos e esposas, — e tenho orgulho de mim mesmo por dizer a palavra *excêntrico* em voz alta... até perceber que a garota ao meu lado está dormindo e roncando no meu peito.

ONZE

ZANDY

Quando acordo na manhã seguinte, Oliver está do outro lado do travesseiro, seus lindos olhos cor de rio suaves e gentis no meu rosto.

— Bom dia, Srta. Lynch, — diz ele com um pequeno sorriso, mas aberto e real, e sinto meu coração mergulhar dentro de mim, como se estivesse cheio de felicidade e afundando no colchão.

— Bom dia, — respondo em uma voz de sono estridente e depois faço uma careta. Meu hálito deve estar horrível, para não mencionar a maquiagem que certamente manchou ao redor do meu rosto. É claro que ele está lindo agora, com esse rosto perfeito e altivo e seu cabelo ainda mais perfeito. Eu tento me afastar e ele me pega. — Não, — eu gemo, empurrando minha cabeça no meu travesseiro para tentar me esconder. — Eu preciso me lavar.

— E você pode, mas eu preciso saber, Zandy, você estava pensando em partir ontem à noite?

Sua voz também está rouca do sono, mas também é mais vulnerável do que eu já o ouvi. Mais gentil. Como se ele já estivesse se preparando para a resposta.

— Sim, — eu digo honestamente, porque gosto de ser honesta. — Mas não mais. — Suas sobrancelhas franzem um pouquinho, e é tão injustamente bonito para ele que não

aguento mais. Eu o beijo com meu terrível hálito matinal e saio da cama.

— Então você vai ficar? — Ele pergunta, e a vulnerabilidade está mais alta do que nunca, preenchendo os espaços entre as palavras e iluminando algo muito jovem e triste em seu rosto.

— Sim, Oliver. Vou ficar.

Alívio ilumina seu rosto, e sou recompensada com outro daqueles sorrisos enormes, tão grandes que deixam linhas ao redor de sua boca e olhos quando ele faz isso.

— Mesmo com... — eu o vejo lutando para dizer a palavra, mas ele administra com apenas um pouco de rubor —... as coisas excêntricas?

— Especialmente por causa das coisas excêntricas, — asseguro a ele com uma piscadela, e depois vou tomar um banho e escovar os dentes, um grande sorriso no meu próprio rosto.

Depois que estou toda limpa e pronta para trabalhar, me vejo estranhamente lenta para ir ao escritório. Que Oliver encontrarei lá? Parecia que havíamos nos conectado ontem à noite e hoje de manhã, mas pensei isso na primeira vez que fizemos amor aqui no chalé, estava errada. Eu não acho que posso suportar abrir a porta e encontrar outro Oliver frio novamente. Não depois do que compartilhamos.

Então é com uma respiração profunda e muita bravura - e um tapinha na cabeça de Beatrix para dar sorte - que abro a porta do escritório de Oliver e entro.

Ele já está atrás da mesa e debruçado sobre o trabalho, os cabelos despenteados, dedos longos e ombros largos. Aquela caneta tinteiro à moda antiga pisca à luz do sol enquanto se move habilmente pela página. Ele termina de escrever algo em seu caderno, encerra com um pequeno floreio eficiente e depois se digna a notar minha presença. Quando ele olha para cima, sua boca está com aquela expressão severa que normalmente acho tão irresistível, embora isso me assuste agora.

— Senhorita Lynch, — diz ele bruscamente, e meu coração cai aos meus pés. É isso que vai ser? Hoje vai ser uma repetição de ontem?

Estou sendo rejeitada de novo?

Mas então Oliver se recosta na cadeira e me estuda de uma maneira que reconheço, com a pulsação pulando na garganta e os olhos brilhando de fome.

— Venha aqui. Precisamos conversar.

Não tenho que fingir ser tímida ou incerta enquanto caminho até a mesa. Meu peito está sendo martelado com um batimento cardíaco fora de controle, bombeando todo tipo de hormônio pelo meu corpo, e minha mente está passando por todas as possibilidades. Isso é um jogo? Ou isso é real? Ele chegou ao escritório e encontrou algo que eu fiz de errado? Ele chegou aqui e de repente percebeu que queria que eu partisse afinal?

Quando chego à sua mesa, ele gesticula impacientemente para eu a contorne, e faço isso com alguma preocupação, mordendo o lábio.

— Precisamos conversar sobre o seu trabalho, — diz ele, apontando para um papel sobre a mesa.

Eu já estou confusa porque este não é o meu trabalho. Meu trabalho são os bancos de dados e estantes de livros, e este é só um papel com uma única linha escrita em caneta tinteiro. Quando chego mais perto, no entanto, vejo o que está escrito no papel e depois estou mordendo o lábio por uma razão completamente diferente.

Vermelho significa parar.

Eu o encaro, e enquanto ele ainda está franzindo a testa, há um tamborilar palpável de luxúria animada ao seu redor.

Isto é um jogo, eu percebo. E ele quer ter certeza de que está tudo bem comigo se jogarmos. Ele quer checar, e amo como ele é cuidadoso para um homem que parece tão distante.

Como ele pode pensar que é torcido por dentro quando está tão claramente preocupado com a minha segurança e conforto emocional? E foi desde a nossa primeira noite juntos na chuva?

Ele é um bom homem, eu acho, *e ele nem sabe disso*. Essa Rosie o machucou demais para ver que seus fetiches não o transformam em algum tipo de aberração depravada. Elas podem deixá-lo sujo, sim, talvez único - mas sujo e único de uma maneira que me cabe perfeitamente, e eu vou provar isso para ele.

Vou lhe mostrar o quanto os espirais e loops sujos de sua personalidade me fascinam. Quão bem eles me alimentam e agradam meu interior de queridinha do professor.

— Eu não vejo o problema com a minha tarefa, professor, — eu digo, dando-lhe o meu melhor rosto inocente. — Eu acho que segui todas as instruções que você me deu.

Ele me dá um sorriso deslumbrante e estende a mão para apertar minha mão uma vez antes de voltar ao seu olhar cruel de antes.

— Você não fez, — ele diz logo. — E temo que não haja tempo para você refazer a tarefa.

— Por favor, — eu digo, colocando as mãos na minha frente e torcendo-as. Estou um pouco surpresa com a facilidade com que meu papel vem a mim, mas é porque realmente quero agradá-lo e é tão fácil imaginar quão desesperada eu me sentiria nessas circunstâncias. — Por favor, eu farei qualquer coisa. Só não me dê uma nota ruim.

Ele me estuda, apoiando a cabeça nos dedos e deixando seus olhos percorrerem meu corpo com um lazer predatório. — Qualquer coisa? — ele murmura. — Você precisa tanto da nota?

— Eu preciso. Por favor, você sabe que sim. — Procurei o que realmente poderia dizer se estivesse em algum tipo de problema acadêmico, deixando que o julgamento agudo em seu olhar me afetasse. Sinto vergonha, como se realmente tivesse errado uma tarefa, e também me sinto tão excitada que não consigo pensar direito. — Eu farei uma tarefa extra. Duas tarefas extras! — Acrescento quando ele começa a balançar a cabeça.

— Isso não vai funcionar, infelizmente, — diz ele. — A menos que…

Nem sequer tenho que fingir que entendi, é assim que tudo parece real. — Sim? Eu farei isso. Eu prometo que vou.

— Tudo bem, — ele suspira, — mas é altamente incomum. Ouso dizer que você não cometerá os mesmos erros com seu trabalho depois disso.

— Sim senhor.

Sua pulsação salta acima do botão do colarinho. Ele gosta disso. — Você está usando calcinha por baixo desse vestido, senhorita Lynch?

— Professor?

— Tire-a. Você não precisará dela para isso.

— M-mas, senhor, — eu finjo protestar, mesmo que por dentro já esteja me contorcendo de prazer. Já pensando em sua palma na minha bunda e seu pau longo e grosso bombeando dentro de mim.

Ele me lança um olhar que não aceita argumentos. — Esta é a *sua* nota. Se você quiser consertar, será assim.

Faço minha melhor impressão de um beicinho tímido, embora ache que ele possa ver o sorriso ameaçando surgir enquanto tiro minha calcinha. Ele estende uma mão imperiosa, pegando-a sem expressão e colocando-a em uma gaveta da mesa.

— Meu sutiã também?

— Sutiã também.

Tiro o sutiã por baixo do vestido, um pouco desajeitadamente, me perguntando se devo tirar todo o vestido, mas decidindo seguir as instruções dele literalmente por enquanto. Parece bastante lascivo depois que lhe entrego o

sutiã, parada ali em um vestido fino sem nada por baixo. O tecido macio contra meus mamilos sensíveis apenas os deixa cada vez mais tensos, e meus seios parecem obscenos assim, pesados, soltos e com a ponta dura. Oliver parece concordar, seus olhos escurecendo enquanto observa minhas curvas sob o vestido.

— Você tem um corpinho imundo, senhorita Lynch. É profano. Isso me faz ter pensamentos vergonhosos, e você sabe o que acontece com um homem quando ele pensa como eu?

Balanço a cabeça, mesmo que meus olhos caiam no colo dele.

— Isso mesmo, — diz ele. — Meu pau fica duro e precisa gozar. — Eu lambo meus lábios instintivamente com o pensamento, e ele rosna.

— Em cima da mesa.

Eu esperava passar por cima do colo dele, então minha hesitação é real. — Senhor?

— Você me ouviu, Amanda. — Não perco o uso do meu nome completo - ele agora está falando sério, e é melhor eu ouvir.

E eu não gostaria de outra maneira... embora o castigo por não ouvir também possa ser divertido.

Sento-me na beira da mesa de frente para ele, mantendo minha saia em volta dos joelhos, o que é claro ele não permite por muito tempo. Ele agarra a barra e a empurra até minha cintura, separando meus joelhos com uma mão impaciente. O beijo do ar fresco da manhã contra minha boceta molhada e

inchada é quase insuportável - quase tão insuportável quanto o olhar perverso dele no meu recanto mais feminino.

Ele não perde tempo inspecionando minha boceta, esfregando-me com seus dedos longos e depois me abrindo para ver se ainda sinto falta dele. Eu sinto. Posso ouvir isso quando ele move os dedos sobre mim, e tenho um estranho tipo de orgulho em mostrar quão molhada fico por ele, o quão carente e safada ele me faz. Não quero que ele duvide que suas necessidades também sejam minhas - que elas me excitam tão certo quanto a ele.

— Você é tão imunda, — ele xinga, e posso ver o quão rápido seu peito se agita sob a camisa dele. — Você gosta disso, não é? Você quer isso.

— Sim, — eu respiro, minha cabeça pendendo para o lado enquanto um dedo me sonda por dentro. — Eu quero isso.

— Eu sabia. Vejo o jeito que você me olha na aula, Srta. Lynch. Isso é impróprio. É muito errado.

— Eu não posso evitar, — choramingo, perdida pelo nosso jogo e pela massagem hábil de seu dedo dentro da minha boceta.

— Eu aposto que você até errou sua tarefa de propósito, apenas para me obrigar a puni-la.

— Eu precisava, — eu suspiro. O calcanhar da palma de sua mão está rolando contra o meu clitóris agora, e minhas pernas estão tão abertas quanto possível, enquanto eu descaradamente fodo sua mão inteira. — Eu não sabia mais como fazer com que você me notasse.

— Você acha que não te notei? Esses olhos, tão inocentes, essa boca que só implora por um pau? Você acha que não notei esses seios devassos? Como eles se espalham pelo seu sutiã quando você se inclina? Como eles saltam quando você se move? — Ele agora solta um gemido, e posso ver o contorno dolorido de seu pau em suas calças, pressionando com tanta força contra o tecido que a forma da coroa inchada é visível.

— Eu acho que você precisa aprender uma lição, garota imunda, — ele rosna. — Eu acho que você precisa consertar a bagunça que fez.

— Qualquer coisa, — eu digo, batendo loucamente contra a mão dele. Estou tão perto, tão perto. — Qualquer coisa que você quiser.

Ele remove a mão tão de repente que me encolho em sua ausência, choramingando com a perda. Ele me ignora, desabotoando o cinto e as calças e puxando o pênis. Está escuro e espesso, tão duro que a pele na ponta brilha e consigo distinguir cada crista de músculo e veia sob a pele fina e aveludada.

— Chupe, — ele ordena, e eu obedeço ansiosamente, me ajoelhando entre suas pernas e trazendo o delicioso órgão para dentro da minha boca.

Seu gemido de resposta vale todo desconforto que sinto quando ele gentilmente amordaça a parte de trás da minha garganta, enquanto passa as mãos pelos meus cabelos e me guia mais rápido e mais profundo sobre ele. Sou grata pela orientação, pois ainda sou muito nova nisso, e deixei as coxas

tensas e as respirações ofegantes de Oliver me ensinar onde ele gosta da minha língua, quão profundo ele gosta de ficar.

— Eu deveria mantê-la como meu animal de estimação, — ele murmura violentamente para o topo da minha cabeça. — Mantê-la debaixo da minha mesa me chupando o dia todo. Mantê-la amarrada e inclinada sobre a minha mesa para que eu possa foder essa boceta bonita sempre que ficar entediado. O que você acha?

Faço um ruído de aprovação em torno de seu eixo, e ele grunhe em aprovação. — Chega. — Ele me puxa de seu pênis com um leve som de estalo e depois rola um preservativo que pega de uma gaveta. Ele abre as pernas, usando o polegar para afastar a ereção da sua barriga. A mensagem está clara.

— Venha corrigir sua nota, senhorita Lynch, — diz ele com voz rouca, e eu rastejo em seu colo o mais rápido humanamente possível, dolorida para essa parte grossa dele me encher e aliviar a dor que existe desde que adormecemos na noite passada.

— Eu nunca... — Eu paro quando pairo sobre ele, pegando seu olhar. De repente, estou apreensiva por isso, por estar no topo. Tudo o mais que fizemos, ele assumiu o controle total, me guiou e me ensinou, mas se fizermos assim... minha inexperiência estará em exibição. Todas as minhas tentativas desajeitadas estarão ali para ele ver.

— Eu gosto que você nunca fez, — diz ele em voz baixa. — Mas você é uma garota inteligente, não é? Você vai descobrir.

Determinação se instala em mim. Quero lhe mostrar que garota inteligente e boa eu sou, mesmo que pareça tola por

fazer isso. Abaixo-me até sentir o látex de sua grande ponta beijar minha abertura, tendo que me contorcer e circular para fazê-lo entrar.

— Você parece maior assim, — eu digo enquanto ele me estica. — Porra.

— Linguagem, Amanda, — ele repreende. Além de se manter em linha reta pela base, ele não faz nenhum movimento para me ajudar enquanto eu ofego e tremo em seu pênis, empalando-me centímetro por centímetro grosso, até que esteja totalmente sentada nele, tão cheia dele que mal consigo respirar.

Minha cabeça cai no seu ombro, e ele me deixa sentar ali por um momento, tremendo e embaçada de suor. — Oh, Deus, — murmuro em seu pescoço. — Oh, meu Deus.

Suas mãos correm apreciativamente o inchaço redondo da minha bunda, até meus quadris e de volta para minha bunda novamente. — Vamos ver você acertar essa série, menina, — ele murmura no meu ouvido. — Trabalhe.

Com os braços em volta do seu pescoço e o rosto ainda no seu ombro, começo a me mover, gemendo enquanto faço. Estou tão esticada, abarrotada dele, e cada movimento que faço envia sensações agonizantes por todo o lado. Boas agonias, más agonias, eu nem sei mais qual - apenas que essa ereção colossal vai me abrir e também que estou prestes a gozar apenas da pressão dela.

É preciso apenas o mínimo movimento - um balanço para frente, de modo que meu peso afunde o meu clitóris contra ele - e então estremeço em um clímax profundo, de abalar a alma,

agarrando-me a ele e chorando meu prazer em seu pescoço. Ele fica completamente imóvel debaixo de mim, permitindo-me tremer e usar seu corpo duro como preciso, e então ele segura minha bunda novamente com as mãos enquanto desmorono contra seu peito, completamente exausta.

— Isso foi muito bom, — diz ele, como se eu tivesse acabado de terminar um solo de violino e não tido um delicioso orgasmo em seu pau perfeito. — Mas receio que não seja suficiente para corrigir sua nota.

— Você precisa gozar, professor? — Eu pergunto, sentando e deixando minhas mãos caírem em seu peito. Mesmo através do tecido de sua camisa, posso sentir o ritmo do seu coração batendo na minha palma.

— Sim, — diz ele, e ele pode usar essa voz cortante com precisão o quanto quiser, porque sua necessidade está estampada em todo o rosto. Queima dentro de seus olhos e está entalhada em torno das linhas afiadas de sua boca esculpida. — Eu preciso gozar agora.

É fácil e difícil se mover ao longo dele - fácil por que estou molhada e escorregadia e difícil porque o orgasmo me deixou extraordinariamente sensível - e Oliver está fascinado pelo meu rosto quando começo a balançar contra ele. As pontas dos seus dedos traçam os sulcos fugazes na minha testa, as pequenas pontadas de prazer e sorrisos rápidos que dou. Há sensações em todo lugar, em cada parte, arrepiando toda a minha pele; meus mamilos estão tão tensos que doem, e minhas coxas estão quentes com seus quadris entre elas, e até

as solas dos meus pés estão sentindo cócegas pela brisa suave que entra pela janela aberta. Eu vou gozar novamente, e acho que não vou sobreviver quando o fizer.

Felizmente, Oliver está perto, e com algo entre um rosnado e um rugido, ele se levanta da cadeira comigo nos braços e me coloca do outro lado da mesa. Os papéis voam por todo lado, o tinteiro caí e nos salpica com tinta escura, e ele está tão irracional em sua luxúria que não se importa. Observo uma gota de tinta percorrer seu pescoço como sangue cor de ônix, enquanto ele me fode com uma mandíbula cerrada e quadris poderosos, e essa linha de tinta é tudo o que me ancora à realidade quando gozo em uma última vez explosiva, cansada e gasta para fazer outra coisa senão choramingar, minhas mãos enrolando-se fracamente em torno de seus bíceps tensos.

— Você me faz gozar tão gostoso, — ele resmunga, seus olhos se fechando enquanto seu corpo fica rígido sobre o meu. — Foda-se... Zandy... oh, meu Deus do caralho.

Ele enche o preservativo com uma série de contrações duras e agitadas, caindo sobre o meu corpo enquanto drena dentro de mim. Nossos corações batem em uníssono, manchas de tinta e suor entre nós, e tenho certeza que todo mundo, de Bakewell a Berlim, me ouviu gritando e grunhindo, mas nem me importo. Eu não quero me mover. Não quero me limpar. Eu nunca quero o corpo de Oliver em qualquer lugar, exceto aqui, dentro do meu e pressionado contra o meu e pingando tinta por toda parte.

E olho nos seus olhos, que me olham com suas manchas azul-marrom-esverdeado, e quase posso imaginar que ele se sente da mesma maneira.

Eu quase posso imaginar que estamos nos apaixonando.

DOZE

OLIVER

Dez dias depois...

— Ainda não entendo por que você associa chinelos à idade avançada.

Zandy e eu estamos no rio atrás da casa, e ainda deveria estar trabalhando, mas desisti. Achei que saindo do escritório eu não seria tentado a transar com ela, mas, como se vê, quero transar com ela em todos os lugares, e quase o tenho.

Nas últimas duas semanas, eu a fodi incontáveis vezes em cima da minha mesa, no meu escritório, na minha cama, no meu chuveiro e na minha mesa da cozinha. Eu bati nela até que estivesse uma bagunça molhada e chorosa. Eu a fiz escrever ensaios nus em sua mesa. Fiz com que ela me desse prazer com a boca debaixo da mesa enquanto terminava de tomar notas em um panfleto vitoriano sobre propostas de casamento. Passamos quase todas as horas juntos, trabalhando, conversando e fodendo, e às vezes apenas com ela enrolada no meu colo me beijando até ficarmos sem fôlego e sem fala. Cada refeição, cada banho, cada caneca de chá aceitável nas últimas duas semanas aconteceu com ela ao meu lado.

E eu não odiei isso.

Eu não odiei nada.

De alguma forma, de alguma maneira, Zandy tornou minha vida mais doce, e uma parte insensível e terrível de mim quer descartá-lo como resultado natural de todo esse sexo, mas o restante sabe que não é isso. Essa coisa que tenho com Zandy é notavelmente diferente do que tive com Rosie - melhor, mais honesto e mais real - mas suficientemente parecido para que eu reconheça o que está acontecendo.

Eu me importo com Zandy.

Embora, enquanto eu a vejo percorrer a margem do rio, procurando pedras e ignorando meu comentário sobre chinelos, sei que posso estar mais do que *me importando com ela*.

Estou me apaixonando por ela.

E isso me deixa com raiva, aterrorizado e animado, e não tenho certeza do que fazer sobre isso. Não tenho certeza se *devo* fazer algo sobre isso. Afinal, ela é jovem e vibrante e tem uma vida inteira esperando por ela no final do verão. A última coisa que ela quer é um bastardo grosseiro fazendo reivindicações à sua vida.

Dói, porém, pensar que esses dias de chapinhar no rio e vagar até a cidade após um longo dia de trabalho estão contados. Ouvir o farfalhar silencioso de sua escrita do outro lado da sala, ansioso para enredar meus membros nos dela à noite.

Mas seria ridículo querer mais do que o verão. Na verdade, não acredito que estou pensando nisso. É claro que ela precisa partir - sua vida é nos Estados Unidos e minha vida é aqui, e minha vida não inclui outra pessoa, não importa quão

sexy, quente ou aberta ela seja. Não importa que ela me olhe como se eu importasse, que minhas necessidades importam, como se eu não fosse um depravado, mas alguém que ela adora.

Ela não vai te adorar por muito tempo. Rosie não conseguiu.

Com esse lembrete deprimente, olho para cima e vejo Zandy subindo a margem do rio em minha direção, com folhas verdes de grama molhada se levantando. Ela se joga no cobertor ao lado da minha pilha de livros com um suspiro.

— Não vou me desculpar pelos chinelos, — diz ela, finalmente abordando meu comentário de antes. — Somente os idosos os usam.

— Objetivamente não é verdade, já que eu os uso.

Ela torce o nariz para mim. — Mas por quê?

— O chão esfria, — digo defensivamente. — Eu tenho piso frio.

— E depois há a caneta de velho.

— Tem caráter.

— E as antigas pinturas de paisagens.

Eu me arrepio um pouco. — São de bom gosto.

Seus lábios macios estão vincados em um sorriso provocante, e percebo que ela está zombando de mim. Eu rastejo sobre seu corpo e a prendo no cobertor.

— Eu acredito, — sussurro contra seus lábios, — que você está sendo muito impertinente no momento, senhorita Lynch.

Ela se contorce alegremente debaixo de mim, seus olhos azuis escuros brilhando com seu pequeno sorriso presunçoso. — E suponho que garotas impertinentes tenham que ser punidas, professor?

— Você está certa, — eu rosno antes de selar minha boca sobre a dela em um beijo feroz, lambendo sua língua até que ela geme em mim. Mas decido que não posso esperar e começo a empurrar a saia do seu vestido em seguida.

— Você tem camisinha? — Ela pergunta sem fôlego, com as mãos trabalhando para tirar a calcinha.

Fiquei obsessivo em ter uma - ou três - comigo o tempo todo, mas realmente achei que seria capaz de me controlar esta tarde. — Foda-se, querida, — eu digo, dando-lhe um beijo rápido. — Eu vou correr e pegar uma.

— Rápido. — Ela faz beicinho quando saio do cobertor, e é um verdadeiro teste de força deixá-la assim, com seus cabelos brilhantes em uma auréola escura em volta da cabeça e sua boceta nua já molhada e esperando por mim.

— Eu vou, — eu juro, e ando rapidamente para dentro. Quando chego à minha mesa de cabeceira percebo que já esgotamos os preservativos de Zandy e o novo pacote que ela comprou na loja na semana passada. Com um suspiro, pego a caixa velha na parte de trás da minha gaveta – uma que tenho há muito tempo - e pego uma camisinha, verificando brevemente a data de validade. Com um suspiro de alívio de que ainda está dentro da data, desço e saiu pelos fundos da casa o mais rápido que minhas pernas me carregam. Eu caio

sobre Zandy como um lobo faminto, comendo suas risadas e suspiros como se eles me alimentassem durante o inverno.

E em pouco tempo, estou embainhado e empurrando entre suas pernas, saboreando a maciez, o aperto firme dela enquanto a perfuro profundamente. Porra, ela é muito gostosa. Ela sempre é muito gostosa. Ela é sempre suave e apertada, sempre o céu puro para foder.

Inclino meus quadris do jeito que sei que ela gosta, batendo nela com golpes que arranham seus pontos mais sensíveis, e ela é uma coisa selvagem embaixo de mim, sendo ao mesmo tempo uma garota muito boa e muito ruim, pois só ela pode. Roubo outro beijo agressivo, desejando poder roubar tudo dela e manter para sempre - não apenas sua beleza e seu corpo extravagante, mas sua risada, seu intelecto e seu destemor. Todas as coisas que a tornam tão perfeitamente Zandy são as mesmas que me abrem e me faz querer ser um Oliver melhor, um homem gentil, inteligente e corajoso o suficiente para merecê-la.

— Oliver, — ela sussurra nos meus lábios, e eu sinto a conhecida vibração em sua barriga e parte interna das coxas e ao redor do meu pau - ela vai gozar. Eu adiciono meu polegar ao seu clitóris enquanto me apoio em um antebraço sobre ela, mas assim que ela passa do limite, sinto algo que não me lembro de ter sentido antes. Parece um estalo, um estalo minúsculo e, de repente, há uma nova sensação de calor e umidade.

— Merda, — eu suspiro, puxando o mais rápido que posso.

— O que? — A garota debaixo de mim diz atordoada, ainda descendo do clímax. — O que houve?

— Eu acho que o preservativo arrebentou.

Isso é informação suficiente para assustá-la, e ela se apoia em seus braços enquanto tiro a camisinha e a examino. — Mas está tudo bem, certo? — Ela pergunta preocupada. — Desde que você não gozou ainda?

— Acho que sim, — eu digo, ainda olhando para a camisinha no sol da tarde. Está definitivamente rasgada. — Provavelmente é porque está velha...

E então eu sinto um calafrio quando lembro que a caixa velha foi da onde tirei a camisinha em Londres. Aquele preservativo rasgou sem que eu percebesse? Estou quase à beira do pânico com a ideia, quando algo muito quente e úmido se fecha sobre o meu pau nu, e olho para baixo para ver aqueles lábios diabolicamente macios se fechando ao redor do meu eixo. Sua língua está em toda parte, trêmula e suave além da imaginação, e ela me leva profundamente como eu gosto, profundo o suficiente para que sua garganta aperte a cabeça do meu pau.

Eu gemo.

E enquanto ela me fode com a boca, esqueço tudo sobre preservativos velhos e possibilidades aterrorizantes e me perco em Zandy e na sensação de calor de gozar ao sol da tarde com o rio correndo docemente ao nosso lado.

No dia seguinte, proponho uma pausa no trabalho, e Zandy e eu vamos ao Haddon Hall para um almoço de sanduíches e um passeio pela mansão medieval.

— Por que faculdade de biblioteconomia? — Eu pergunto enquanto andamos por sala após sala e ela fala comigo sobre todos os detalhes arquitetônicos e curiosidades históricas ligadas a elas. — É claro que você ama a história. E — digo um pouco timidamente, porque estranhamente não estou acostumado a elogiar, — você é uma conhecedora do assunto e é uma boa pesquisadora para começar.

Ela tem que esconder um sorrisinho radiante com os meus elogios, e isso faz alguma coisa no meu peito. Uma coisa inchada. Eu tenho o poder de fazer isso - eu tenho o poder de fazê-la feliz. Quero fazê-la sorrir o tempo todo; embora assim que percebo isso, lembro-me de que só posso fazê-la sorrir até o verão terminar.

— Eu nunca consegui escolher apenas uma coisa que me fascina, — diz ela, entrando na longa galeria e girando em um círculo lento para absorver. — Como este prédio. É uma mansão medieval com uma galeria no estilo Tudor e monumentos vitorianos na capela. Gosto da ideia de minha mente estar cheia de camadas, câmaras, nichos e naves, cada uma cheia de coisas diferentes. Como historiadora, você tem que escolher, mas como bibliotecária... você tem tudo isso.

Seu discurso é bastante charmoso, mesmo que eu me sinta um pouco capcioso em seu raciocínio, mas é por *ela* que estou verdadeiramente cativo - pela maneira como seus olhos brilham enquanto ela fala, pela maneira como seu corpo se

anima com entusiasmo. — Tudo bem, — eu concordo. — Mas por que a faculdade do Kansas? Você pode ir a qualquer lugar que quiser - por que não a um lugar de maior prestígio? — Se ela quer bibliotecas, merece as melhores bibliotecas do mundo. Ela merece tudo.

— Quero que você saiba que existem algumas faculdades de biblioteconomia muito boas no Kansas, — ela funga. E depois de um momento, ela acrescenta baixinho: — E eu não queria deixar meu pai.

— Por que não? — Moro a menos de oitenta quilômetros de distância de meus pais, e ainda os vejo apenas duas vezes por ano, e isso é mais do que bom para mim. — Ele não está doente... ou algo assim?

Ela revira os olhos. — Ele está perfeitamente bem, em termos de saúde. Eu só acho que a família é importante, não é?

Suponho que o tempo que levo para responder seja resposta suficiente. Ela me examina por um momento. — Isso tem alguma coisa a ver com o motivo de você ser tão estranho sobre dinheiro? — Ela pergunta.

— Eu não sou *estranho* sobre dinheiro, — protesto, mas, mesmo quando protesto, abaixo a voz para que ninguém ao nosso redor possa ouvir.

Ela faz uma cara de *você está provando meu ponto de vista*, e eu suspiro.

— Ok, sim, minha família tem algum dinheiro. — Mesmo essa admissão vaga parece impura. — E não há trauma, nem divisão, mas a maneira como eles são sobre o que têm é

muito antiquada para mim. Eu tento evitar isso e acho que eles tentam me evitar.

E então solto um suspiro. Não me matou dizer isso em voz alta, e realmente me senti bem, um pouco, dizendo a alguém sobre o quão desagradável minha família pode ser.

— Não foi tão difícil, foi? — Ela pergunta, pegando minha mão e me puxando para uma enseada de janelas gradeadas para admirar a extensão verde do lado de fora. — Talvez você só precise da família certa, sabe? Uma que combine com você.

E o mais estranho é que estou olhando para ela enquanto ela diz isso, enquanto olha através da janela com padrões de diamante para a extensão verdejante de grama e colinas, e estou pensando *nela*. Estou pensando nela como minha família.

Isso me tenta mais do que posso suportar.

Mas me forço a lembrar do cronômetro do verão. Forço-me a lembrar das palavras cruéis de Rosie de anos atrás.

Degenerado.

Depravado.

Mesmo se não tivéssemos a data em agosto demarcando nosso tempo, como eu poderia esperar que alguém tão cheia de promessas e inocência quisesse se amarrar a um recluso monstruoso como eu? Zandy pode pensar que esse tipo de jogo é divertido por um verão, mas como poderia querer alguém como eu por mais tempo? Alguém tão distorcido e sexualmente corrupto quanto eu?

No final do dia, Zandy será igual à Rosie, e cansará de mim. É melhor me preparar para isso agora e planejar uma ruptura limpa, não importa o quanto queime pensar nisso.

Não importa o quanto doa.

TREZE

ZANDY

Ocorre-me no dia seguinte.

Estou na mesa da cozinha fazendo uma lista de compras e então preciso checar a data no meu telefone duas vezes. Subo as escadas, reviro minhas coisas e vejo que só tenho um punhado de absorventes para usar, e minha menstruação deve descer a qualquer dia. Eu desço novamente e adiciono absorventes à lista, junto com os vários alimentos e suprimentos domésticos que Oliver precisa. Se eu não os comprasse, acho que ele provavelmente sobreviveria de sopa enlatada e chá. É um pouco charmoso para o tipo solteirão, além de um pouco espantoso.

O dia continua normalmente - eu trabalho, Oliver me fode, eu compro, Oliver me fode de novo - e é quando estou me aconchegando para dormir nos braços de Oliver que me pergunto como faremos no meu período. Eu nunca fiz isso antes, essa coisa toda de amante, e não sei ao certo qual o protocolo. Dou-lhe um aviso de que está chegando ou apenas espero que chegue e peço desculpas? Ele ficará bem deixando de brincar na minha menstruação?

E se ele ainda quiser fazer sexo? Ficarei confortável com isso?

É muito para digerir, e ainda estou pensando nisso enquanto adormeço, e novamente quando acordo com Oliver

acariciando meus flancos de uma maneira que me permite saber que ele está pensando em me espancar.

Cedemos a palmadas e uma foda matinal, e então é hora de começar o dia, exceto que há um pequeno incômodo no fundo da minha mente.

Meu período ainda não começou.

Tomo banho e desço as escadas, e ele também volta da corrida e toma banho, e trabalhamos a maior parte do dia, meu mal estar aumentando. Mas não tenho ideia de como vocalizar, de como expressar minhas preocupações, porque e se o primeiro pensamento dele for sobre Rosie? E se ele for tão desencadeado por sua má experiência de gravidez com ela que ficará com raiva de mim?

Ou pior, e se ele achar que sou a garota pegajosa que tentou prendê-lo engravidando?

Oh, Deus. Apenas o pensamento é suficiente para me deixar enjoada... exceto, eu já estava enjoada? Estou realmente enjoada agora? Não. Estou exagerando, estou enjoada de nervosismo e preocupação, só isso. Nada a ver com *isso*.

Exceto que na manhã seguinte, quando acordo nos braços de Oliver, estou *definitivamente* enjoada. Realmente enjoada. Eu deslizo dele e vou para o banheiro, onde eu salpico o rosto com água fria e me esforço a não ficar nauseada.

Ele disse que o preservativo rasgou naquele dia à beira do rio.

Mas isso foi apenas dois dias atrás. Eu fiz pesquisas suficientes para saber que a concepção só poderia ter

acontecido há duas semanas ou mais, então teria acontecido em Londres, e eu havia comprado preservativos novinhos em folha. Mas…

Usamos um de seus preservativos em Londres.

Oh, Deus.

Não.

— Não, — eu digo em voz alta, apenas para ter certeza de que meu cérebro processou a palavra. — Não. Isso não está acontecendo.

Isso não pode estar acontecendo.

Desço as escadas apenas com meu roupão de algodão fino e ando pelo caminho marcado até o rio. Ainda é muito cedo, com apenas um sol levemente rosa e o nevoeiro do rio como uma mortalha sobre tudo, e mais do que a própria vida, quero voltar para a cama com o belo professor esnobe que já amo.

Ah merda. Eu o amo? Porque este é um momento infernal para decidir. Mas mesmo com minha náusea e medo persistentes, acho que sei a resposta.

Sim.

Sim, claro, eu amo o professor Graeme. Seus jogos sujos, suas palavras cortantes e seu intelecto brilhante. Seus raros flashes de calor e bondade, sua paixão e fogo ocultos, esperando a pessoa certa pacientemente descobrir…

Eu o amo.

E posso estar grávida de seu filho, e de alguma forma eu *sei* que ele nunca me perdoará se isso for verdade, não importa o quão inocente eu possa ser. Não importa o quão

acidental, não importa que não seja minha culpa, a única ferida que ele carrega está profundamente ligada a um bebê, e como eu, apenas uma aluna boba, espero curá-lo disso?

Primeiro o mais importante, eu me ordeno. Não faz sentido me preocupar com algo que pode não ser verdade. Vou me vestir, encontrar uma farmácia e fazer um teste de gravidez. E então posso decidir o que vem a seguir e o que isso significa para mim e meu professor.

Vou até a farmácia e volto para a casa antes que Oliver termine sua corrida, e planejo. Vou ao banheiro - o pequeno sanitário apertado, aquele que quase nunca usamos - e farei os testes. Sim, *testes no* plural, porque não consegui decidir sobre uma marca e apesar de ter tudo dos melhores sutiãs para a amamentação à melhor fórmula infantil, a *Consumer Reports* não possui um guia de compras para testes de gravidez. Então, eu comprei três marcas diferentes de testes de gravidez, apenas por garantia.

Mas quando me tranco no banheiro, sou tomada por uma hesitação lenta e rastejante. Como se eu estivesse gradualmente, gradualmente afundando no gelo, até que estou sentada no chão em frente à pia com a cabeça entre as pernas só olhando para o azulejo. A náusea do início da manhã desapareceu, deixando apenas um tipo de deslocamento formigante em seu lugar, como se meu estômago e meu coração tivessem trocado de lugar.

Apenas faça xixi nesse bastão. Apenas faça.

Mas até ficar de pé agora parece uma façanha hercúlea – como se ao me levantar, estivesse aceitando o que vai acontecer depois, e não tenho certeza se posso fazer isso.

Não tenho certeza se sou forte o suficiente para fazer isso.

Mas, por mais romântico que seja passar o resto do dia no chão em um estado de tristeza, não sou imune ao cronometro da corrida de Oliver. E minha bunda está fria do azulejo. E meu próprio desespero está ficando um pouco chato - não faz meu tipo ficar desesperada com um problema. Meu tipo é enfrentar o problema de frente, com pesquisa e entusiasmo e um grande sorriso de Zandy Lynch, e caramba, é isso que vou fazer agora.

Então, levanto-me e realizo o ritual estranhamente ignóbil de fazer xixi nos diferentes bastões e, em seguida, alinhá-los de acordo com o tamanho e esperar e observar.

É estranho pensar que todo o meu futuro está concentrado nesses pequenos retângulos de plástico cheios de urina e corantes químicos. Estranho pensar que o que quer que esses retângulos revelem nos próximos minutos vai redirecionar completamente o curso da minha vida para melhor ou para pior, e, oh meu Deus, eles finalmente estão começando a mudar de cor, finalmente estão começando a listrar com lavagens fracas de azul e...

Sento-me no chão, exceto que desta vez não olho para o azulejo, olho para minhas mãos, como se esperasse que fossem diferentes. Como se esperasse que meu corpo inteiro fosse diferente.

Nada é diferente.

Mas tudo é. Tudo tem que ser.

Porque estou grávida e estou grávida de um bebê que sei que Oliver não vai querer.

Eu programo o cronômetro no meu telefone e me dou cinco minutos. Cinco minutos para surtar - gritar ou chorar ou o que eu preciso fazer - e quando o cronômetro apita, enxugo minhas lágrimas, varro os testes com os sinais de sua condenação para o lixo e vou procurar meu laptop para criar um plano.

Oliver entra no escritório com cabelos úmidos e mangas enroladas que mostram as linhas fortes de seus antebraços e pulsos. Ele está esfregando os cabelos molhados com as pontas dos dedos e franzindo a testa de tal maneira que me diz que ele já está várias camadas profundas de uma nova visão dele, mas ele para quando me vê na minha mesa e sorri.

Deus, esse sorriso.

É tão amplo, com linhas entre os lábios esculpidos, e muda todo o rosto de desdenhosamente distante para sincero e infantil.

— Bom dia, Srta. Lynch, — diz ele, e eu fecho meu laptop com força, para que ele não veja todas as guias incriminadoras que abri, e sorrio de volta, esperando que ele não veja o quanto é forçado.

— Bom dia, professor, — eu digo, e então ele se inclina para beijar meu pescoço. Ele não se barbeou esta manhã, e sua barba por fazer deixa a queimadura mais deliciosa sempre que seus lábios macios me tocam. É o melhor tipo de

queimadura, e por um minuto deixo todo o resto desaparecer – a gravidez, o pânico, o plano - e apenas me derreto na sensação dele. Meu professor. Meu Oliver.

Ele se afasta cedo demais, dando um beijo na minha cabeça antes de ir para sua mesa. — Você quase terminou todos os livros, pelo que vejo.

— Eu ainda tenho muitos dos mais recentes a fazer, — digo automaticamente, e então paro porque não sei se chegarei aos livros mais recentes. Não sei se vou conseguir fazer mais nada, porque não sei o que vai acontecer depois que eu disser a Oliver que estou grávida.

A menos que você não conte a ele...

A ideia é mais do que tentadora. Serpenteia em torno dos meus pensamentos e do meu coração até que eu me sinto amarrada.

— Quando você tiver tempo, — diz Oliver, sem perceber minha luta interior. — Eu já estou surpreso com o que você conseguiu em apenas algumas semanas.

Apesar de tudo, permito que meu olhar siga o dele ao longo do escritório, e não me incomodo em conter a bolha de orgulho que sinto pelo progresso que fiz. Em vez de um labirinto instável feito de pilhas de livros e papel, organizei o escritório com novas prateleiras e armários de gavetas com tampo de vidro para trabalhos mais raros. Além dos livros empilhados embaixo da minha mesa ainda aguardando catalogação, o chão do escritório agora está completamente limpo - exceto pelo jardim de gatos que comprei por capricho

para Beatrix - e uma pessoa pode realmente andar pela sala sem tropeçar em séculos de manuscritos antigos agora.

Eu *tenho* feito um bom trabalho aqui, e serei capaz de levar isso comigo, não importa o quê. Olho para o homem insuportavelmente bonito, já inclinado para o trabalho, e não consigo deixar de pensar que isso é tudo o que levarei comigo: a memória de livros bem arquivados e nada mais.

O pensamento perfura meu peito com tristeza, e tenho que me virar, para não correr o risco de Oliver ver todas essas emoções selvagens passando pelo meu rosto. Não, é melhor eu me aproximar dele o mais controlada e composta possível. Eu preciso ser fria como ele.

No final da tarde, fiz todas as pesquisas que pude clandestinamente. Fiz uma planilha de opções, juntamente com seus prós qualitativos e seus contras quantitativos. Encontrei um voo para casa a partir de Birmingham e comecei a preparar um pequeno discurso para Oliver, com alguns pontos importantes.

Ou seja, que isso não é culpa minha - se é culpa de alguém, é *dele*, por usar preservativos velhos - e também, segundo ponto, estou mantendo o bebê. Fiz uma *planilha* e tomei uma decisão, e a decisão da planilha é permanente. Talvez seja loucura, talvez eu seja louca, mas quando estava sentada olhando para todos os diferentes caminhos que eu poderia seguir, minha mão continuava à deriva na minha barriga e minha mente continuava à deriva nessa fantasia de um bebê com os olhos multicoloridos de Oliver.

Talvez... talvez ele não fique bravo? Talvez ele não fique aterrorizado? Talvez ele esteja curado o suficiente do que aconteceu com Rosie para que possa imaginar um bebê com seus olhos suaves e minhas covinhas e tudo ficará bem?

Mas e se não? E se ele não puder?

E se eu lhe contar e confessar amá-lo, e ele rejeitar a mim e ao bebê de uma só vez? O que então?

Então, você sai de Birmingham e inicia sua lista de tarefas de bebê.

Eu me encolho na minha mesa, apoiando a cabeça nas mãos e tento não chorar. Eu não quero ser rejeitada. Eu não quero perder Oliver. E, no entanto, mesmo sem o bebê, não sei se ele me quer. Ele não mencionou nada sobre *nós*, sobre ser algo mais do que uma aventura conveniente e perversa para passar o verão.

Quero mais do que tudo ser razoável, ser lógica, mas talvez sejam os hormônios da gravidez ou o fato de Oliver me excitar além da conta, mas de repente, as lágrimas estão ali, prontas para cair. Sou tão desagradável? Tão improvável? Que mesmo algo mais que um verão comigo seja um pensamento detestável?

— Zandy. — Uma voz baixa vem de trás de mim, e eu congelo quando as mãos quentes de Oliver deslizam sobre meus ombros. — Você está bem?

Na minha angústia, esqueci completamente que ele podia me ver e ouvir. Eu esperava que ele estivesse muito absorvido em seu trabalho para perceber meu colapso, mas parece que eu estava errada.

Como se estivesse errada sobre tantas outras coisas.

— Estou bem, — eu digo, pressionando as palmas das mãos contra os olhos e engolindo minhas emoções. Eu movo minhas mãos e olho para ele, dando-lhe o meu sorriso mais brilhante. — Só cansada.

Ele faz uma careta. — Eu tenho exigido muito de você.

— Nem um pouco, — eu digo, agradecida por não ter realmente derramado lágrimas e agora apenas desejando que o tremor no meu queixo parasse. — De verdade eu estou bem. Eu provavelmente só preciso tirar uma soneca.

E antes que eu possa protestar - ou mesmo processar o que está acontecendo - Oliver está me pegando nos braços e me carregando pelas escadas.

— Oliver! — Eu digo, puxando inutilmente o tecido da camisa perto de seu pescoço e chutando minhas pernas fracamente. — Coloque-me no chão!

— Você vai tirar uma soneca, — diz ele com firmeza, carregando-me para o quarto e me deitando na cama. Ele está sobre mim, como se estivesse dividido. Então ele sobe na cama também, não para me embalar em seus braços, mas descendo, descendo, até que seus ombros largos ficarem entre as minhas pernas.

— Isso... isso não é uma soneca, — eu digo sem fôlego enquanto ele empurra minha saia até minha cintura e puxa minha calcinha para o lado.

— Estou te aconchegando, — diz ele, uma única sobrancelha arqueando em travessuras. — Garantindo que você possa adormecer facilmente.

E eu poderia chorar quando sua boca desce quente e úmida na minha intimidade, não porque estive perto das lágrimas antes, mas porque o amo muito, porque ele me fez me apaixonar por ele, porque mal posso suportar esses raros vislumbres de sua alma aberta e feliz e estou aterrorizada por ter que deixá-lo para trás com todo o resto. Tenho pavor de mandá-lo de volta para sua concha cruel e sem emoção, quando disser a verdade. Meu professor travesso e sorridente desaparecerá, e tudo o que restará é uma casca amarga em seu lugar.

Você não sabe disso, asseguro-me, embora a garantia pareça oca. Há muita chance de eu contar a Oliver e as coisas correrem bem. Há muita chance de que isso tenha um final feliz.

Mas não consigo cessar a maré de dúvida que se infiltra junto com a maré do prazer, e quando a boca dele gentilmente me leva ao clímax, me pego agarrada a cada sensação, a cada fatia de memória. Seus cabelos macios sob meus dedos e sua boca quente e mãos provocantes pressionando, massageando e acariciando em todos os meus lugares mais sensíveis, e finalmente - o mais doce de tudo - a expressão terna em seu rosto quando me desfaço, o prazer esvaindo do meu corpo em espirais de êxtase. Eu arqueio e torço debaixo dele, meus dedos dos pés cavando nos cobertores, minha cabeça jogada para trás, e quando eu lentamente volto para a terra, o vejo de pé e me preparando para puxar os cobertores sobre mim – como se ele realmente quisesse me aconchegar dentro deles.

— E você? — Eu pergunto, o alcançando.

Ele faz uma pausa, obviamente dividido. — Eu não preciso... merda, Zandy. Puta merda... — Minhas mãos o encontraram debaixo da calça, e lhe dou um aperto provocante. Ele está tão duro quanto uma estaca.

— Vou levar um minuto, — eu prometo, e ele rosna, já subindo na cama e desabotoando as calças.

— Que diabos você vai, — diz ele sombriamente, e então meus lábios estão sendo separados pela cabeça espessa e inchada de seu pau enquanto o alimenta em minha boca.

— Foda-se, — ele assobia enquanto eu instintivamente chupo ao redor dele. — Sim, garota, assim, assim. — E depois que o chupo para sua satisfação, ele se afasta da minha boca e atravessa meu estômago, puxando para baixo meu vestido e meu sutiã expondo meus seios. Eu amo vê-lo assim, feroz e trêmulo de luxúria pura, e há algo tão primordial em ver um homem normalmente tão refinado quanto Oliver fazer algo tão bruto quanto me marcar com seu esperma. Mas é isso que ele faz, a mão dele apoiada na cabeceira acima de mim e a outra mão fodendo seu pau como se fosse morrer se não se ejaculasse imediatamente. Eu assisto a cabeça escura desaparecer e reaparecer no círculo feroz de seu aperto, e então gemo de luxúria fascinada quando seu orgasmo o deixa em grossas cordas brancas por todos os meus seios nus.

É tão erótico que quase esqueço tudo o que aconteceu antes, e imploro para que ele me masturbe novamente, para consertar a nova dor vazia que ele criou dentro de mim, e quando gozamos e nos limparmos, estamos ambos prontos para uma soneca.

Amanhã, penso sonolenta enquanto adormeço. *Falarei com ele amanhã.*

CATORZE

OLIVER

Zandy está agindo de forma estranha.

Eu notei isso ontem antes de levá-la para a minha cama, e estou vendo novamente hoje, quando começamos o nosso trabalho pela manhã. E acho que sei do que se trata, o que significa que estou atualmente sentado à minha mesa ruminando não sobre uma ilustração fotográfica do processo de namoro, como deveria estar fazendo, mas sobre o que devo fazer em seguida.

Quero dizer, é óbvio o que devo fazer a seguir. Eu deveria falar com ela. Mas sou um covarde castrado, porque mesmo o simples pensamento de dizer o que preciso em voz alta me faz recuar.

Um pequeno suspiro chega a mim da mesa de Zandy, e olho para cima para vê-la passando a ponta de uma caneta pela boca, pela costura daqueles lábios pecaminosos. Ela tem uma mão espalhada sobre a barriga e seus olhos estão distantes. Ela é linda. Linda e inteligente, e abriu dentro de mim fechaduras que achei que estavam trancadas por toda a eternidade.

O que estou fazendo com ela? Por que não posso ser tão corajoso e imprudente quanto ela, e por que não posso simplesmente admitir como me sinto? Admitir que a quero e a amo e preciso dela por mais tempo do que o verão?

Porque é disso que ela precisa, não é? É disso que se trata esse seu novo distanciamento? Ela finalmente percebeu que não lhe dei nada mais substancial do que meu pau e a palma da minha mão, e mesmo que não tenhamos prometido nada mais entre nós, isso está a alcançando. Ela está ajustando seus sentimentos e expectativas, e... e eu não quero que ela o faça. Não quero outra manhã como a de Londres quando acordei sozinho. Eu não quero que haja qualquer motivo para ela achar que tem que me deixar.

Quero que ela saiba como me sinto. — Zandy, — eu digo baixinho. — Venha aqui.

Eu a convoquei para a minha mesa inúmeras vezes desde que ela chegou em minha casa, mas é a primeira vez que *me* sinto nervoso quando ela se aproxima, a primeira vez que não faço ideia do que acontecerá a seguir. Mas, apesar disso, meu pau endurece enquanto ela caminha em minha direção em sua pequena saia de tweed e blusa de estudante - exatamente o tipo de roupa que me distrai. Vou fodê-la depois que conversarmos, decido, recompensá-la por ser tão perfeita.

Ela está pronta para se ajoelhar ou se curvar sobre a minha mesa, e seus olhos brilham com surpresa satisfeita quando a puxo para o meu colo.

— Senhorita Lynch, — murmuro, afastando um pouco do cabelo escuro do rosto dela.

— Professor, — diz ela, a palavra como sempre manchando suas bochechas com um adorável rosa. Eu beijo essas bochechas agora, então sua boca macia, deslizando minha língua contra seus lábios até que ela se abra para mim

e eu possa beijá-la do jeito que quero. Profundo e devorador. Possessivo e faminto.

— Eu te amo, — digo contra sua boca, e as palavras me deixam como meu próprio hálito, como a água de uma fonte. Tão natural quanto qualquer coisa, tão fácil quanto estar vivo. E ao ouvi-las no ar de verão do escritório, sinto uma onda de felicidade tão real que não consigo acreditar que esperei tanto tempo para dizê-las. Eu deveria ter lhe dito no minuto em que percebi. Deveria ter dito e depois não dizer mais nada pelo resto da minha vida.

Exceto enquanto sorrio contra seus lábios, percebo que Zandy ficou completamente rígida em meus braços, e quando me afasto com um olhar preocupado para observá-la, não vejo nada além de puro pânico em seu rosto.

O medo faz meu estômago despencar e, de repente, um pensamento horrível entra na minha mente. E se ela não me amar? E se ela não se importar comigo? E se - oh Deus - todos os suspiros e olhares distantes fossem porque ela quer se livrar de mim? E se ela quiser se livrar da minha excentricidade? Minhas perversões?

Meu *fetiche*, como ela chama tão inocentemente?

É como Rosie novamente, exceto pior, mil vezes pior, porque eu não amava Rosie como amo Zandy. Nem perto, nem um pouco. Se Zandy não me amar, não tenho certeza se vou sobreviver.

Mas antes que eu possa completar minha própria espiral de terror, vejo que os olhos de safira de Zandy estão cheios de lágrimas, e estendo a mão para afastá-las. Ela pega minha mão

com as pontas dos dedos em sua bochecha, aconchegando-se na palma da mão como um gatinho angustiado, e parte meu coração ao vê-la tão chateada. E parte meu coração novamente pensar que ela pode estar chateada porque vai me recusar. Porque confessei amá-la e agora ela está tentando encontrar as palavras para me dizer que não me ama de volta.

— Zandy, — eu digo com uma voz embargada. — Você não precisa... quero dizer, eu não deveria... por favor não...

Ela pressiona seus próprios dedos nos meus lábios agora, encontrando meus olhos com os azuis brilhantes dela.

— Eu também te amo, Oliver, — ela sussurra, mas não parece feliz. Ela parece tudo *menos* feliz, e suas palavras são como espadas gêmeas de alegria e dor diretamente no meu coração.

Ela não sente isso? Quão bons e certos somos? Ela não entende o quão enorme isso é para mim, quão raro e perfeito?

— Então por que você está chorando? — Eu pergunto, examinando seu rosto. — Eu não entendo.

Ela apenas balança a cabeça, chorando ainda mais agora, e se enrola na menor bola possível em meus braços, até que está completamente aninhada em mim e o cheiro de seu cabelo enche meu nariz. Suas pernas estão puxadas contra o peito, o que faz a saia passar por sua bunda e, embora minha mente esteja principalmente acalmando-a, meu corpo reage à carne arredondada agora sentada nua na minha perna.

E então seus lábios estão no meu pescoço, abertos e suplicantes, subindo até minha mandíbula e o lóbulo da minha orelha, seu rosto molhado de lágrimas escorregando

contra o meu, mas não a rejeito. Acho que não posso negar-lhe nada, muito menos todo o conforto que sou o mais qualificado a dar.

Encontro sua boca com um beijo ardente, puxando-a contra mim não lhe dando escolha a não ser me montar, fazendo seus mamilos duros pressionarem sua blusa e arrastar contra meu peito, agarrando seu traseiro em minhas mãos e moê-la contra meu pau pelo atrito que ambos desejamos. A língua dela, quando a encontro, está ansiosa e carente, perseguindo a minha com um desespero sublinhado por suas mãos voando por toda parte – nos botões da minha camisa, nos músculos dos meus braços, nas linhas tensas do meu pescoço.

— Oh, Oliver, — ela murmura. — Por favor, por favor, por favor.

— Qualquer coisa, querida, — eu digo, o carinho saindo de mim mais rápido do que eu posso retê-lo. Mas por que eu iria querer retê-lo? Eu a amo. Ela merece que eu seja mais do que um avarento de lábios cerrados para isso.

Ela já está mexendo nas minhas calças, seus dedos pequenos e delgados no meu pau, e antes que eu possa registrar como é bom tê-la acariciando a pele quente e fina, ela está me colocando no seu lugar mais privado e se empurrando naturalmente em movimentos frenéticos.

É bagunçado e áspero, a saia dela agrupada na cintura e as lágrimas ainda pingando do rosto, mas seus olhos estão completamente abertos e crus nos meus e algo entre nós nos une mais do que nunca, como um nó sendo apertado. Eu

deveria detê-la. Eu deveria enxugar suas lágrimas. Mas como posso quando a primeira ponta de um sorriso puxa seus lábios e ela está cantando: — Sim, Oliver, oh Deus, sim?

Quando ela parece puro êxtase no meu pau, molhada, lisa e macia, como um céu apertado? Nunca me senti tão bem, *nunca.* Nunca enrijeci todos os músculos da minha barriga, bunda e coxas para não explodir muito cedo. Nunca foi...

Eu nunca estive sem proteção com ela. *Puta merda.*

Puta merda, estou nu e cru dentro dela. Estou nu dentro dela, e é melhor do que qualquer coisa que já senti em toda a minha vida. Sempre. Se eu gozar assim, não sei se vou sobreviver, porque mal estou aguentando e...

Mas não posso gozar assim. Não *posso*. Eu já estraguei tudo antes, e me recuso a estragar tudo com Zandy. Minha bibliotecária ousada e pequena com toda a sua vida pela frente; ela é preciosa demais para eu cometer esse erro uma segunda vez.

Minhas mãos encontram seus quadris, e tento acalmar o movimento frenético de seu corpo sobre o meu. — Deixe-me pegar uma camisinha, — eu digo a ela. — Assim não é seguro.

Ela olha para mim e, por um momento, aprecio quão bonita ela é assim, mesmo com marcas de lágrimas manchando seu rosto. Seu cabelo é como a cortina mais sedosa e doce ao nosso redor, suas bochechas estão coradas e rosadas, e sua boca é um estudo na glória feminina.

— Oliver, — ela diz. Só isso. Apenas meu nome, e há uma corrente de dor nele, como se fosse a última vez que o diria

assim, o que é ridículo, é claro. Se quiser, ela pode dizer todos os dias pelo resto de sua vida.

Eu tento afastá-la de mim. — Deixe-me me preparar, Zandy. Só vai demorar um segundo, e então você pode me montar o tempo que quiser.

Ela ainda não se mexe, o lábio inferior tremendo um pouco. — É tão bom, — diz ela. — Eu não sabia que seria diferente para mim também, mas é tão bom.

Dou uma risada tensa e áspera. — Sim, é bom. Muito bom, e se não corrigirmos, eu vou gozar dentro de você.

Seu lábio inferior treme ainda mais. — E se não importasse?

Eu a encaro, minha mente girando enquanto meu pau flexiona de felicidade com o pensamento. — Mas isso importa, — eu indico. Meu peito aperta em confusão irritada, porque como ela pode brincar sobre isso não importar? Com o futuro dela? Com o meu passado?

Ela fecha os olhos. — Não precisa. Agora não.

— Porque dissemos 'eu te amo'? — Há um cinismo acentuado no meu tom que eu não gosto, mas não posso evitar. — Eu já disse essas palavras antes, Zandy. Elas não têm nada a ver com o que acontecerá se eu gozar dentro de você.

Seus olhos se abrem e de repente eu sei que disse algo errado, algo profundamente errado. — Certo, — ela diz fracamente. — Claro. — Ela tenta sair do meu colo, mas apesar de ser o que eu queria, parece ruim agora, como se eu a deixando nos separar, algo maior, algo mais fundamental, se

desmembraria também. Eu a seguro apertado contra mim, chamando sua atenção.

— Zandy?

— Não, está tudo bem, — diz ela, ainda tentando se afastar de mim, e em um instante percebo que a estou forçando a ficar no meu colo. Eu a solto como se tivesse sido queimado, horrorizado com o pensamento de forçar uma mulher, mas fico mais horrorizado com o olhar em seu rosto quando ela se levanta na minha frente. Parece que eu lhe dei uma bofetada, e não sei se é porque a deixei ir ou por causa do que eu disse.

Ela abaixa a saia e tenho a nítida impressão de que está tentando parecer mais digna, mais adulta, como se isso importasse quando meu pau ainda está nu e molhado entre nós.

— Você estava falando sério? Quando você disse sobre o amor não ter nada a ver com o sexo sem proteção?

Ela distorceu minhas palavras, mas por mais que eu trabalhe com palavras para viver, não consigo entender como. Está no tom, em seus gigantescos olhos azuis tão feridos e no jeito que ela envolve os braços em volta de si mesma, como se quisesse proteger seu corpo de mim.

— Eu quis dizer, — digo devagar, — que só porque eu te amo não me dá permissão para ser imprudente. De fato, *porque* eu te amo, não quero ser imprudente. Não com o seu futuro.

Algo amolece em seu rosto, e seu lábio treme novamente. — E se o meu futuro já tiver mudado? — Ela pergunta.

— Você não entende o que quero dizer, querida. Eu quero dizer…

— Estou grávida, — ela deixa escapar. — Descobri ontem. Estou grávida.

Há uma espécie de zumbido estático nos meus ouvidos, como se o próprio ar tivesse ganhado vida para sussurrar a verdade para mim, mas isso não importa, porque me pego tateando desajeitadamente por pensamentos e palavras.

Não faz sentido é o primeiro pensamento real que vem à tona, juntamente com, *mas eu fui muito cuidadoso*.

Muito cuidadoso ao usar proteção todas às vezes, muito cuidadoso para evitar repetir os erros do passado. Muito cuidadoso para nunca mais me colocar naquela situação hedionda.

Espero que não seja seu.

Pervertido.

Meu silêncio não passou despercebido por Zandy, e seu rosto e voz estão à beira do desmoronamento quando ela diz: — Deve ter sido em Londres. Eu não estou no controle da natalidade, e se seu preservativo rasgou…

Não percebi que estava muito molhado naquela noite quando fui tirá-lo? Mas quem poderia me culpar por não pensar nisso quando eu ainda estava sofrendo com o fato de que ela *era virgem*? Sim, a camisinha era velha, mas não tão velha que hesitei enquanto a enrolava e, caramba, quais eram as chances? Que a noite em que ela perderia a virgindade também seria a noite em que engravidasse?

E é isso, mais do que tudo, que faz o sangue escorrer do meu rosto, que faz meu corpo esfriar e ficar rígido com a autoaversão.

Não sou melhor do que o pervertido que Rosie achava que eu era, engravidando uma inocente como um homem das cavernas, não importa o quão acidental fosse. Eu fecho minhas calças, me atrapalhando com um pedido de desculpas, por qualquer coisa que transmita a merda de horror que sinto sobre o que fiz com ela, mas não encontro nada, e é só quando olho para ela novamente que percebo o dano que minha falta de resposta causou.

Meu silêncio me custou algo importante, embora ainda não tenha certeza do que é.

Porque o lábio trêmulo se foi. As lágrimas secaram. No lugar delas, há uma expressão de determinação ardente - não muito diferente do rosto dela na noite em que nos conhecemos, mas há algo de comovente no olhar dela agora, como se ela tivesse se resignado a um futuro tão frio que já a está deixando dormente.

Sento-me, prestes a dizer algo, qualquer coisa, apenas para impedir o que está prestes a sair de sua boca, mas ela fala primeiro.

— Eu já encontrei um voo para casa, — diz ela claramente, — então não quero que você se preocupe comigo ficando aqui quando sou indesejada.

Indesejada?

Mas seu raciocínio passa despercebido por mim quando eu encaro a realidade do que ela acabou de dizer. Ela está me deixando.

Não só está me deixando, mas já fez planos, o que significa que ela está pensando em me deixar desde... maldição, talvez desde que ela descobriu. Talvez desde o momento em que percebeu que estava grávida.

O pensamento me arrepia profundamente.

Assim como Rosie. Ela não suporta a ideia de carregar um filho meu.

—... uma planilha, — Zandy está dizendo, ainda de pé na minha frente como se estivesse fazendo a apresentação mais sombria de todos os tempos. — E estou mantendo a gravidez. Eu pensei sobre isso dentro de parâmetros racionais e emocionais, e é com a decisão que me sinto mais feliz. Eu sei obviamente que você não está feliz e não quer ter nada a ver comigo ou com a criança, e prometo que não vou incomodá-lo por nada ...

— Você não sabe de nada, — eu digo, e as palavras frias cortam sua apresentação como uma espada. É a primeira coisa que eu digo desde que ela me revelou isso, e estou vagamente consciente de que minhas primeiras palavras deveriam ter sido mais gentis e compreensivas - mas como ela pode simplesmente ficar ali e anunciar que está partindo como se significasse nada? Como se não fosse me matar?

Como se eu não a amasse?

E como ela pode pensar que eu não me importaria que ela levasse meu bebê com ela?

— Eu sei o suficiente, — diz ela, erguendo o queixo com a ousadia assertiva que eu amo e que também me deixa louco. — Eu sei que você não quer isso. Sei que você não nos quer.

Nos.

Ela não quis dizer eu e ela. Ela quer dizer ela e o bebê. *Meu* bebê. Meu sangue bate forte de novo, por razões que não entendo inteiramente.

Raiva, mágoa, confusão, tudo isso, mas há algo mais, algo perigoso.

Posse.

— Você não tem ideia do que eu quero, — digo, levantando-me. Ela dá um passo para trás e depois outro enquanto eu avanço. — Você nem ia falar comigo sobre isso? Antes de simplesmente partir?

Seu calcanhar bate na parede atrás dela e ela está presa, mas se recusa a se encolher. — Não vou pedir nada que você não esteja disposto a dar, — diz ela com orgulho. — Eu não fiz isso para prendê-lo. Não fiz isso para machucá-lo.

Eu sei. É o que devo dizer, o que devo dizer a ela, mas ainda estou vibrando com essa *necessidade*, com esse *medo*, de que ela esteja me deixando e eu não posso me agarrar a ela, e tudo o que quero fazer é agarrá-la. Ela e esse bebê.

— Podemos acabar com isso de maneira saudável, como adultos, — diz ela enquanto meus braços vão para a sua cintura, prendendo-a efetivamente contra a parede, e seu corpo ondula em resposta - arrepios, mamilos duros, lábios entreabertos.

— Não, — eu digo.

— Acabou na noite em que nos conhecemos—, ela continua, mas mais fraca dessa vez.

— Não, — eu digo novamente, minhas mãos caindo em seu traseiro empinado e levantando-a contra mim. Suas pernas vão para a minha cintura automaticamente, e ela não pode evitar o modo como se esfrega contra minha ereção renovada, assim como não posso evitar o modo como esfrego contra sua boceta ainda molhada e inchada.

— Oliver, — ela tenta, mas minha boca já está na dela, beijando-a como se eu pudesse marcar minha alma nela, como se pudesse forçá-la a ficar apenas com o calor dos meus lábios.

— Vermelho significa parar, — eu digo, e quando encontro seus olhos, sei que a palavra nunca sairá de seus lábios. E quando levo a mão embaixo de nós para apontar meu pau na abertura dela, sou recompensado com um gemido profundo. Desta vez, quando eu enfio nela completamente nu, saboreio cada maldito segundo disso. Cada segundo apertado e molhado, cada centímetro de nada entre nós.

— Você ia me deixar, — eu resmungo, bombeando nela. — Você ia partir.

— É o melhor, — ela suspira, seus braços envolvendo tão apertado em volta do meu pescoço quanto suas pernas em volta da minha cintura.

Eu não respondo com palavras, deixando as ações da minha boca falarem por mim, deixando mordidas abrasadoras e beijos em sua mandíbula e pescoço, onde mantenho meu rosto enterrado enquanto a fodo. Ela é tão incrivelmente macia

assim, presa com força contra uma parede, não apenas sua boceta, mas seus seios pressionando no meu peito, seu traseiro redondo em minhas mãos e suas coxas aveludadas em volta dos meus quadris. O orgasmo é como um punho na base da minha espinha, com raiva e calor, e posso sentir suas garras em todo o corpo, enrijecendo minha barriga e puxando minhas bolas e apertando a respiração no meu peito - mas ela tem que gozar primeiro, caramba. Ela tem que gozar primeiro.

Eu largo o peso dela o suficiente para que a fricção atinja o seu clitóris. Eu sinto o momento em que isso se apodera dela - a tensão contorcida de seu clímax em construção - e trabalho desesperadamente, abro as chamas até que ela caia no fogo do seu prazer, flutuando sobre a borda para libertar-se.

— Professor, — ela suspira, e eu congelo, mas ela não percebe. Ela ainda está surfando as ondas de seu orgasmo no meu pau, e então não importa o quanto a palavra me afeta. Não há como alguém se segurar agora, e não sou exceção. Com essa deusa curvilínea de cabelos escuros molhada, choramingando e empalada em mim, eu gozo como um elástico estalando, forte, repentino e quase doloroso, grunhindo como um animal.

Jato após jato de calor irrompe nela, e é como se eu pudesse senti-la em todos os lugares, do couro cabeludo aos dedos dos pés, e nunca quero que isso termine - a sensação de derramar nela, a sensação dela ainda gozando ao meu redor e contra mim. E ela é perfeita.

Tão perfeita.

Ela merece mais do que um homem retorcido como eu.

O mundo se desenrola lentamente, lentamente nos traz de volta ao normal. Respiração normal, pulso normal, batimentos cardíacos normais - embora meu coração ainda esteja batendo forte contra o peito, porque não acabei de foder Zandy, a pequena e inocente sedutora. Eu fodi a mãe do meu filho.

E a responsabilidade disso é desconfortavelmente aguda.

Eu cuidadosamente a coloco no chão e levanto seu queixo para encontrar meu rosto. — Como você está? — Eu pergunto, abruptamente preocupado que a fodi muito áspero, que foi demais e que a machuquei.

— Eu estou bem, — diz ela, um pouco atordoada, e então ela me oferece o primeiro sorriso de verdade que vi o dia todo. — Professor.

Eu estremeço, assim como fiz quando ela disse isso um momento atrás. — O que? — Ela pergunta, com a testa enrugada. — O que houve?

— Você não pode me chamar assim. Não... não mais.

Ela mantém os olhos em mim enquanto se cobre. — Por que não?

Não sou tão corajoso quanto ela, nem tão forte. Desvio o olhar, usando as calças e os botões da camisa como desculpa para não encontrar os olhos dela. — Nós não podemos fazer esse jogo agora.

— Mas eu gosto desse jogo. — Sua voz é tão honesta, tão clara, e como ela faz isso? Como ela pode fazer tudo parecer tão simples? — Não é só isso, Oliver, mas acho que tenho que jogar também. Eu preciso disso.

— Nós não podemos fazer isso, — repito, sentando-se à mesa e pegando um pedaço de papel. Minha mente está girando, rodando, circulando mais rápido do que consigo acompanhar, como se Zandy fizesse o oposto de me acalmar, isso me feriu. — Isso era antes, você não vê? Tudo tem que mudar agora.

Ela fica completamente imóvel. — O que você quer dizer?

— Quero dizer que você está grávida. Não posso fazer o jogo do professor sujo com você, e certamente não podemos continuar vivendo assim. — Faço um gesto em torno de nós para a cabana, com seus ruídos suaves do rio e estantes de livros e gatos adormecidos. — Eu tenho que encontrar um emprego diferente - adequado para ser pai, que não é o que diabos estou fazendo agora - e precisamos resolver obre os cuidados pré-natal, antes de tudo, para você, juntamente com o seu visto. Ah — digo, meus pensamentos finalmente me alcançando. — Nós vamos nos casar. Acho que podemos fazê-lo tão rápido quanto na próxima semana. Isso resolverá alguns problemas com bastante facilidade. — Eu já estou escrevendo uma lista de coisas para fazer, coisas que precisam ser feitas para manter Zandy comigo, e levo um momento para perceber que ela colocou a mão por cima do meu papel.

Olho para ela, confuso.

— Você quer se casar? — Ela pergunta, sua voz mergulhada em algo que não entendo.

— Não vejo escolha. Eu tenho um dever agora - *nós* temos um dever agora. Honrar a situação.

— Esta não é a era vitoriana, — diz ela firmemente. — Temos mais opções do que podemos imaginar.

Mas ela não entende? Não quero outras opções, não quero nenhuma escolha que me separe dela ou do bebê. Eu a quero.

Eu a amo e a quero, e não posso deixar isso terminar em desgosto. Não vou. — Vamos nos casar, e eu vou parar de escrever e voltar a ensinar, — eu digo, olhando para o papel e acrescentando mais algumas linhas à lista crescente de coisas a fazer.

— Tudo bem, — ela diz fracamente, e quando eu finalmente olho mais tarde, ela saiu do escritório. Beatrix pula na mesa e mia para mim, mas eu a ignoro, assim como ignoro a sensação de queimação no meu peito, dizendo-me para encontrar Zandy, abraçá-la e dizer que a amo novamente.

Haverá tempo para tudo isso mais tarde. Mas primeiro, tenho um dever para com ela e esse bebê, e não vou falhar e não vou parar.

Ela vai entender.

QUINZE

ZANDY

Eu tenho que programar um outro alarme de surto no meu telefone.

Eu me dedico dez minutos dessa vez e deito de bruços na minha cama, deixando as lágrimas chocadas vazarem lentamente dos meus olhos. Eu achava que a pior coisa que poderia acontecer era Oliver me rejeitar? Eu temia que ele se afastasse com raiva fria, ordenando que eu fosse embora?

Eu tenho sido uma idiota estúpida e inocente, porque sempre houve uma possibilidade que é muito, muito pior, e isso é Oliver me tratando como algum tipo de obrigação. Como algum tipo de responsabilidade que ele tem que assumir.

Eu tenho um dever agora. Honrar a situação.

Oh Deus.

A rejeição fria é muito menos terrível que a aceitação fria. Dever frio. Falar em se casar comigo como se fosse algum tipo de tarefa, algum tipo de fardo que deve ser levado até a linha de chegada, não importa o quê.

Sentindo-se como um fardo e uma tarefa - por que isso é tão familiar? Ah, certo, porque é por isso que ninguém nunca me quis antes. Ninguém nunca quis me namorar e nem sequer foder, e é provavelmente porque eles podiam sentir o cheiro '*demais'* em mim. Porque podiam sentir que eu me tornaria um *dever* se tivesse alguma chance.

Quando Oliver disse que me amava e depois me fodeu com uma paixão feroz e desenfreada contra a parede, pensei - bem, não pensei. Eu esperei.

Esperei que todos os meus medos e preocupações fossem equivocados e que, de alguma maneira e de algum jeito, isso teria um final feliz para nós. Ele, eu e o bebê.

Mas eu me recuso a ser seu dever frio. Recuso-me a ficar esperando o dia em que sua demissão se tornar um ressentimento silencioso, porque isso acontecerá. Talvez ele consiga esconder. Talvez ele até se engane ao aceitar essa nova vida estruturada, mas eventualmente me odiará pelas coisas que tem certeza de que deve fazer agora.

Desistindo de seu fetiche. Sua pesquisa.

Sua liberdade.

Ele odiaria voltar a ensinar e desistir de seu livro, e se odiaria toda vez que quisesse ficar excêntrico comigo, mas sentiria que não pode. E me odiaria por casar com ele e invadir sua tranquila bolha de vida. Não sei por que ele acha que precisa desistir de tudo isso porque estou grávida, mas o conheço o suficiente para dizer que ele não mudará de ideia.

O que significa apenas uma coisa. Depende de mim.

Quando meu alarme dispara, enxugo minhas lágrimas e começo a fazer as malas. E quando Oliver perceber que parti, será tarde demais.

Dois dias depois...

A voz do meu pai está ecoando no azulejo da cozinha em um estrondo seco que costumava me fazer dormir todas as

noites enquanto ele lia para mim quando eu era criança. O som familiar disso me faz querer chorar, mas não sei dizer se isso é um jet lag persistente ou os hormônios do bebê.

— Sim, ela está aqui, — eu o ouço dizer, e então há uma longa pausa. — Ela está dormindo agora. Mas posso dizer a ela que você ligou. Novamente.

Eu enterro meu rosto no travesseiro, desejando que meu quarto não fosse ao final das escadas da cozinha. Desejando não ter que ouvir o telefone tocar repetidamente com Oliver tentando falar comigo.

Em um flash de masoquismo, levanto meu próprio telefone para espiar a tela. Dezenas, senão centenas, de notificações, e-mails, textos, telefonemas, tudo - tudo de Oliver.

Tudo do meu professor assustadoramente sexy.

Foi horrível sair da cabana - mais do que horrível. Eu pensei que estivesse morrendo quando entrei no táxi esperando do lado de fora, enquanto Beatrix ficava sentada no banco de pedra dentro do jardim da frente e inclinou a cabecinha de gato para mim. Eu odiei partir. Odiei me afastar da casa, com suas flores sopradas, videiras frondosas e velhos muros de pedra. Eu odiei ouvir o rio próximo, raso e brilhante, sabendo que nunca mais o ouviria. E eu até odiei a pobre Beatrix por me fazer amá-la quando ela deveria ter percebido.

Eu odiei deixar Oliver.

Odiava saber que sua voz polida e olhos misteriosos não seriam meus para ouvir e ver mais. Eu odiava o quão difícil era escapar, porque também odiava o quão impossível seria dizer

adeus. Eu tentaria partir, e ele seria bonito demais, inteligente demais, magnético demais, e ficaria assim mesmo, mesmo que minha permanência destruísse sua vida e o fizesse me odiar pelo papel que desempenhei em destruí-la.

Não, era assim que sempre seria. E eu odiava isso acima de tudo.

Oliver levou apenas uma hora mais ou menos para perceber que eu tinha partido, mas eu só precisava de uma hora. Eu já estava na maior parte do caminho até Birmingham, e segui segura até um voo antes que ele pudesse me alcançar. Então, como com todas as ligações e e-mails hoje, ele estava agindo por dever, e eu aposto que por agora o alívio está começando a surgir. O alívio de não arruinarei a vida dele, afinal.

Não leio os emails ou os textos. Eu não me permito. Porque por mais que eu queira que Oliver esteja sentindo alívio agora, por mais que eu queira pensar que encontrei uma maneira de sair disso com a cabeça erguida, não sinto nada além de agonia.

Talvez haja uma pequena parte de mim que espera que ele embarque em um avião para a América. Que ele venha atrás de mim.

É ridículo e infantil - pura bobagem, dado o que fiz e como me recusei a falar com ele - mas talvez eu seja muito Zandy Lynch para *não* ser ridícula e infantil às vezes. Mais uma razão pela qual Oliver e eu nunca teríamos dado certo.

Meu pai aparece na minha porta, segurando uma caneca de café para mim, que eu pego mesmo que não beba. Eu não

contei a ele sobre a gravidez ainda - ou mesmo que Oliver e eu fomos brevemente uma coisa - embora eu ache que ele tenha juntado as peças pela minha chegada inesperada em casa e pelos muitos telefonemas de Oliver.

— Você quer que eu te leve para o seu apartamento? — Papai pergunta suavemente. — Pelo menos para pegar algumas roupas limpas?

Olho para o meu pijama de flanela de unicórnio - uma relíquia dos meus anos do ensino médio que encontrei na minha cômoda antiga. —Eu acho que deveria. Mas... posso ficar aqui por mais alguns dias?

Ele amolece, rodando e sentando na beira da minha cama. — Você sabe que estou sempre feliz em tê-la aqui, Zandy. Não importa o que esteja acontecendo.

Ele pega minha mão e eu tento seriamente não chorar. Meu pai sempre foi assim - leal, tranquilo e fácil. Deus, como eu gostaria de ter nascido igual! Em vez de bagunçada e barulhenta e *demais*.

— Papai? Você já teve medo de me ter?

Ele olha para o meu rosto e a compreensão reorganiza o sorriso em seu rosto em algo mais gentil e mais triste.

Ele sabe.

Talvez seja minha pergunta ou sua intuição paterna, mas é claro que ele acabou de descobrir e aperta minha mão.

— Quando descobri que sua mãe estava grávida, não senti nada além de excitação, porque sabia que poderia fazer qualquer coisa com aquela mulher incrível ao meu lado. Mas quando ela morreu... — Seus olhos ficam vidrados, e eu sei que

ele está revivendo memórias que sou jovem demais para lembrar. Memórias de leitos hospitalares e consultas médicas. — Eu estava mais do que assustado. Eu fiquei paralisado. Porque não pensei que poderia fazer isso sem ela. Você tinha seis anos e ainda era tão jovem, e toda parte boa de você era por causa dela. E se eu te arruinasse de alguma forma? E se eu sufocasse todas as partes de você que só floresceram por causa de sua mãe?

Ele nunca me disse isso antes, e me sento um pouco curiosa. — Como assim, por causa dela?

Papai sorri com carinho. — Eu te falei o quão inteligente e motivada ela era, mas já te falei como ela era engraçada e amigável? Quão determinada? Quão corajosa? Ela poderia entrar em uma sala cheia de estranhos e fazê-los amá-la em poucos minutos. Ela poderia viajar para um país onde nunca esteve e, dentro de um dia, já estava aprendendo o idioma e se aventurando. Ela era o oposto de mim e perfeita em todos os sentidos. E quando vi que você era como ela... eu queria valorizar isso a todo custo. Eu ainda quero.

Dou-lhe um abraço, emocionado, inchado de dor e orgulho. — Eu nunca soube, — eu sussurro, meus olhos vazando lágrimas em seu ombro.

— Eu deveria ter lhe contado. Mas é difícil falar sobre mim e para você... sobre você, eu só queria que você esperasse ansiosamente pelo seu futuro. Não ficasse presa em um passado doloroso.

— Mas o que eu faço agora? — Eu pergunto chorosa. — O que vem depois?

— Isso, minha corajosa garota, só você pode responder. Mas direi que acredito que o medo faça parte do processo. É o que torna a alegria ainda mais preciosa no final.

— Isso é muito sábio, — eu digo, fungando enquanto me afasto.

— Vá devagar com Oliver, — diz o pai gentilmente. — Homens como nós às vezes precisam de mais tempo para se tornar tão corajosos quanto você e sua mãe. Ele encontrará o caminho.

Balanço a cabeça. — Ele estava disposto a fazer muito por mim, mas tudo parecia errado. Parecia que ele estava se forçando, e decidi no início do verão que não seria aquela garota. Aquela garota pegajosa que se agarra a qualquer promessa de futuro, não importa quão emocionalmente esteja coagida.

— Muito nobre, — diz o pai. — Mas você já considerou o contrário? Que ele está tentando se apegar a você e simplesmente não sabe como?

Eu franzo a testa. — Não parecia assim.

— Ele já perdeu alguém antes, e me parece que a primeira coisa que ele queria se certificar era de também não perdê-la. Pense nisso, docinho. — E com isso, papai dá um beijo na minha testa e me deixa com meus pensamentos.

Ele poderia estar certo?

Oliver estava tentando me segurar, em vez de me carregar de um jeito sombrio como algum tipo de fardo?

Ele… me *queria*? E ao bebê?

E mesmo que quisesse, ele me perdoaria por fugir?

DEZESSEIS

OLIVER

Eu pensei que já tinha vivido o pior dia da minha vida. Pensei que o que aconteceu com Rosie tivesse sido a pior coisa que já passei, mas enquanto andava pela casa chamando o nome de Zandy e percebi com um horror frio e invasivo que ela havia partido, sei que estava errado.

Este é o pior dia da minha vida. *Isso* é ter meu coração partido.

E a coisa de merda? Eu absolutamente sei o porquê. Sei que mereço.

Volto ao escritório onde a prendi contra a parede uma hora antes, onde a segurei encolhida e chorando no meu colo.

Deus, que merda eu sou. Eu deveria tê-la segurado até a noite cair. Deveria ter caído de joelhos e a adorado. Deveria tê-la embalado e murmurado o quão feliz eu estava, o quanto a amava, como cuidaria dela, desde que ela me deixasse. Deveria ter sido honesto. Deveria ter simplesmente falado.

Mas meu Deus, como ela poderia esperar que eu respondesse imediatamente? Um homem não tem um tempo para processar notícias como essa?

Mesmo que eu pense que um amargo *aparentemente não tem*, passando a mão pelo cabelo, sei que isso não importa. Eu nem *pedi* a ela que se casasse comigo, eu simplesmente disse que faríamos isso - Deus, não é de admirar que ela tenha

partido. Eu estraguei tudo. Algo que se torna cada vez mais aparente quando ela se recusa a atender minhas ligações.

Merda. Para onde ela poderia ter ido? Aonde ela teria para ir? Eu sou a única pessoa que ela conhece aqui. Minha casa é o único lugar que ela tem que não fica na América.

Oh merda.

O voo de Birmingham. Claro, ela até me contou sobre isso, mas de alguma forma não consegui conectar isso com a ausência dela agora, porque, pateticamente, tinha esperança de que ela não fizesse algo tão drástico, tão... real.

O que mais ela deveria fazer? Ficar em um país que não é dela enquanto carrega o filho de um homem que estava planejando um casamento de emergência?

Bom Deus, eu me tornei minha própria narrativa de moralidade vitoriana. Porra.

Entro no meu carro e acelero para o aeroporto, mas sei, mesmo quando ultrapasso todos os limites de velocidade, que chegarei tarde demais. Zandy não faz nada pela metade, e ela tem um plano para tudo - seja arrumar minhas estantes no corredor ou fazer Beatrix mudar para comida seca de gato. Não tem como ela não ter um plano concreto para escapar. Ela fez uma planilha para ajudá-la a decidir o que fazer com essa gravidez, pelo amor de Deus.

E mesmo enquanto examino infrutuosamente as partes públicas do aeroporto, não posso deixar de admirá-la. Mesmo suas planilhas e rotas de fuga. Mesmo sua coluna de aço normalmente escondida atrás do entusiasmo de aluna e das curvas exuberantes.

Como pude ser tão tolo a ponto de deixar uma mulher como ela escorregar pelos meus dedos?

— Zandy, obrigado, porra.

Estou no meu escritório, a escuridão quente do verão pressionando contra as janelas e Beatrix deitada de lado na minha mesa, me observando andar de um lado para o outro. Um andar que só consigo por causa do trabalho duro de Zandy na organização da minha pesquisa.

— Oliver, — Zandy diz calmamente. Sei que é manhã nos Estados Unidos - nos últimos três dias de ligações e e-mails incessantemente, me tornei uma especialista em fusos horários – mas ela parece exausta. Rouca, como se estivesse chorando.

O pensamento disso queima no meu peito.

— Eu só... — eu paro, procurando as palavras certas a dizer. Ainda estou atordoado que ela finalmente atendeu ao telefone e não quero dizer nada de errado. Não quero assustá-la. — Como você está? E o bebê?

— O bebê está atualmente do tamanho de uma semente de romã, — diz Zandy. — Então acho que está bem.

Ela não responde como está e não precisa. A voz dela diz tudo.

— Zandy, eu... eu estraguei tudo. Deveria ter ouvido. Deveria ter conversado. Deveria ter feito tudo de maneira diferente.

Há um silêncio do outro lado, e de alguma forma eu sei que não foi bom o suficiente, que ela precisa de mais. — Eu te amo, — eu digo. Apelo. — Eu te quero. E a esse bebê. E farei qualquer coisa para provar isso.

— Essas são as coisas que você acha que tem que dizer? — Ela pergunta suavemente. Muito suavemente, mas não vejo o perigo.

— Claro. Não são as coisas que você precisa ouvir?

Uma respiração aguda, como um suspiro. Do outro lado do Atlântico, parece um tiro.

— Zandy? O que eu disse de errado? Diga-me, *diga-me* e vou consertar, juro por Deus.

— Você não vê? — Ela sussurra. — Eu não quero que isso seja sobre o que você pensa que deveria fazer. Não quero que você abandone sua pesquisa. Eu não quero que se case comigo se estiver fazendo isso apenas por algum tipo de obrigação de honra meia boca.

Eu engasgo um pouco com isso, mas ela não terminou.

— E especialmente não quero que você desista dos jogos de professor. Como eu poderia, quando eles me fazem sentir mais viva do que já me senti? Quando fazem parte de *você,* e eu amo cada parte sua?

A queimação no meu peito é um fogo agora, um inferno, e está queimando minha própria alma. — Eu também te amo, Zandy. Você não vê que é por isso que estou disposto a desistir de qualquer coisa para estar com você?

— E você não vê que é por isso que não posso deixá-lo fazer isso? — Sua voz tremula, e eu sei que ela está quase

chorando, se já não está chorando. Dane-se essa distância, esse oceano! Aperto minha mão em torno do meu telefone como se pudesse puxá-la de volta para mim através do pequeno dispositivo.

— Quero você como é, — continua ela. — E me recuso a ser o motivo de arruinar sua vida. Sinto muito por Rosie ter feito você se sentir como se não merecesse um filho ou um futuro por causa das coisas que gosta na cama, mas caramba, Oliver, se você não vê o quão absurdo isso é depois de todos esses anos, então não sei como te fazer entender.

A defesa brota na minha garganta. — Não é um absurdo. É realidade. Pessoas como eu não podem ter famílias; é por isso que tenho que mudar.

— Mas o dinheiro não é um problema, então você não precisa mudar de emprego, e não há lei que diga que precisamos nos casar para ter um filho juntos. E certamente não há lei que diga que as pessoas não podem ter relações sexuais divertidas depois de terem um bebê. Você está inventando essa nova versão que é totalmente desnecessária e é uma nova versão que eu não quero. Eu te amo como você é, e me recuso a ser a desculpa para você se machucar. — Ela respira fundo e treme o suficiente para que eu saiba que ela está realmente chorando agora. — Eu amo você, mas mereço mais do que ser um dever. Eu mereço o homem *que* amo - *como ele é* – me escolhendo porque está feliz em me escolher. Não porque se sinta forçado.

Ela desliga, e o silêncio repentino do outro lado pode me matar, exceto por uma coisa.

Eu entendo agora.

Ela não está chateada por eu não ter agido feliz o suficiente. Ela quer me salvar da lama de autoaversão em que estou desde que Rosie me deixou. E pela primeira vez em anos, eu não apenas quero me salvar, mas reconheço que não preciso. Eu não amava Rosie de forma real, e tenho sido um tolo por deixar suas palavras apodrecerem e lentamente me infectar.

Se Zandy me aceitar como um estudioso mal-humorado que se delicia em colocá-la sobre o joelho, é o que ela receberá.

E para o inferno com o resto.

DEZESSETE

ZANDY

Whoosh-whoosh-whoosh-whoosh-whoosh.

Eu pisco para a tela ao meu lado. Tudo parece um turbilhão de estática, exceto pelo pequeno ponto no meio. — Esse som é o batimento cardíaco? — Eu sussurro.

A técnica de ultrassom sorri para mim. — Sim. O bebê está indo muito bem.

Solto um longo suspiro de alívio. Nos poucos dias desde a ligação de Oliver, tive cólicas leves e persistentes - nada assustador demais, mas minha nova enfermeira-parteira queria ter certeza de que tudo estava progredindo bem de qualquer maneira.

Eu olho para o pequeno feijão no monitor do ultrassom, como se isso tornasse os pensamentos dentro da minha cabeça mais claros. Como se isso afrouxasse o nó doloroso no meu peito.

Isso não acontece, mas ainda sinto uma pontada de admiração espantosa - e também uma pontada de arrependimento. Oliver deveria estar aqui agora. Oliver deveria estar aqui para ver seu filho. Mesmo se não houver futuro para nós, ele merece isso pelo menos.

— Vou passar essas imagens para sua parteira e garantir que ela não precise de mais nada, — diz a técnica de ultrassom, tirando as luvas e tirando algumas impressões da máquina. — Fique aqui.

Como se eu estivesse indo a algum lugar nua abaixo da cintura e ainda usando o gel azulado que eles usam para a varinha de ultrassom. Eu considero alcançar o meu telefone quando a porta se fecha atrás da técnica, mas decido contra. Só serei esmagada pelo quão vazio é; Oliver não tentou ligar ou entrar em contato comigo desde a última vez que nos falamos por telefone.

Eu fecho meus olhos contra a queima repentina, me sentindo estúpida. Era isso que eu queria, certo? Dignidade, distância, todas as coisas que parecem tão boas na teoria e artigos da revista *Cosmo*.

Na vida real, no entanto, a dignidade é péssima.

Meus olhos ainda estão fechados quando a técnica volta para a sala, e respiro fundo, preparando-me para desempenhar o papel de jovem mãe alegre. Tem sido um pouco embaraçoso estar aqui sozinha, sabendo que as garotas da recepção e as enfermeiras bruscas e cacarejantes estão formando suas próprias opiniões sobre mim, mas não é nada que eu não possa lidar, certo?

Certo.

Mas antes que eu possa abrir meus olhos para saudar a técnica novamente, sinto um dedo contundente traçando a pulseira de couro fina do meu relógio de pulso. — Sempre este relógio, — diz uma voz britânica irônica. — Mesmo agora.

Eu abro meus olhos.

Ele nunca deixará de ser tão bonito, não é? A desleixada sombra da barba na mandíbula quadrada combina perfeitamente com os cabelos despenteados, e até as olheiras

da falta de sono debaixo dos olhos servem apenas para destacar os cílios injustamente longos e os olhos hipnoticamente coloridos. Aquela boca sensual está atualmente torcida em um sorriso tão aristocraticamente e perfeitamente Oliver Markham Graeme que eu poderia chorar.

— Você está aqui, — eu digo sem graça.

Ele coloca a mão na minha barriga, mas seus olhos nunca deixam meu rosto. — Estou aqui, — afirma ele.

— Mas... — Eu não tenho o resto das palavras para terminar minha objeção, embora não seja realmente uma objeção. Mesmo com tudo entre nós, vê-lo é como engolir pura emoção. Um rubor quente de felicidade começa a subir pelas minhas bochechas.

Ele percebe, seu sorriso se tornando menos seco e mais terno. Ele toca minhas bochechas coradas com a parte de trás de um dedo. — Mas nada, querida. Você estava certa. Sobre tudo.

— Tudo? — Eu pergunto, de repente me encontrando incerta no transe de seus lindos olhos.

— Eu gostaria que você não tivesse partido, — ele admite. — Eu gostaria que você tivesse me falado sobre o bebê no momento em que descobriu... mas entendo por que você não o fez. Você me chamou de ridículo antes que a verdade se tornasse clara para mim.

— Eu não te chamei de ridículo, — Esclareço rapidamente. — Apenas sua estranha autoaversão.

Ele ri, o ato transformando sua expressão naquele rosto feliz e infantil que eu amo tanto. — Ok, tudo bem então. Você

chamou minha autoaversão de ridícula para eu entender. — Ele fica sério, sua mão se espalhando tão agradável e quente na minha barriga. — E acho que entendo agora. Eu nunca quis que você se sentisse uma obrigação, Zandy. Eu te quero porque quero. E se você me aceitar como sou — seus olhos encontram os meus, — então sou todo seu.

Eu analiso sua expressão. — Então você não vai insistir em casamento?

— Eu quero casar com você, mas apenas se você estiver disposta. — O olhar em seu rosto é feroz e amoroso. — E estarei lá o tempo que for necessário para fazer você querer.

— E você não vai parar de escrever e aceitar um emprego de professor que odeia?

— Não.

— E você ainda será um professor que me espanca?

Ele revira os olhos com a palavra *espanca*, mas um sorriso puxa seus lábios. — E eu ainda vou ser um professor que te espanca.

Eu finalmente me permito sorrir. — Então é tudo o que posso pedir.

A técnica abre a porta, parando surpresa quando vê Oliver. — Esse é o papai? — Ela pergunta, voltando rapidamente para a máquina.

— Sim, — Oliver e eu dizemos ao mesmo tempo.

E conseguimos convencer a técnica a nos mostrar mais alguns minutos do bebê, mesmo que tecnicamente ela não precise, e absorvo cada momento da expressão reservada de

Oliver aberta e impressionada de admiração enquanto observa o coração de seu bebê pulsar na tela.

Não é até sairmos do consultório juntos, com várias impressões brilhantes de nosso bebê na mão, que cutuco o braço dele com meu ombro e digo: — Você é papai agora.

Sua boca linda afina no canto. — Às vezes serei, senhorita Lynch. Mas quando estivermos sozinhos, ainda sou seu professor.

Eu acho que posso flutuar de felicidade. — Sim, senhor, — eu digo, e sou recompensada por um beijo que rouba a respiração da minha boca e promete todo tipo de coisas sujas e palmadas por vir.

Desde que eu seja uma garota muito, muito boa.

EPÍLOGO

OLIVER

Um ano depois...

O ar quente do verão sopra pelas janelas do escritório, bagunçando meus papéis. Murmuro um xingamento frustrado, batendo a mão sobre a pilha e tentando ignorar Zandy, que está terminando sua tarefa usando materiais completamente digitalizados e está visivelmente satisfeita. Desde que ela decidiu frequentar a faculdade de biblioteconomia nas proximidades de Sheffield, estamos compartilhando meu escritório, e ela nunca parou de se preocupar com a minha afinidade com o papel. Ou melhor, com a maneira como o meu trabalho tende a se amontoar em pilhas e pilhas e a transformar nosso escritório organizado em um amontoado de livros descartados.

A brisa sopra novamente, brincando com seus cabelos e agitando as bordas de sua blusa, atraindo meus olhos para seu peito. O bebê e a amamentação explodiram a forma despojada de Zandy, transformando seu corpo de menina em algo maduro e irresistível. Olhá-la agora me faz sentir distintamente bárbaro; não consigo ver esses seios exuberantes, cheios de leite ou os quadris sugestivamente largos, sem querer jogá-la por cima do ombro e carregá-la para uma torre remota e acasalar com ela até que nós dois não possamos mais nos mover.

Penso em fazer isso agora - sem a torre, é claro - quando um pequeno chiado chama minha atenção. Olho para o pequeno berço ao lado da minha mesa, onde dois punhos gordinhos agitados e pernas lentamente chutando me alertam que meu homenzinho está acordado.

Zandy começa a se levantar, mas eu chego primeiro, pegando a fofura nos meus braços e beijando sua grossa e sedosa coroa de cabelo. Aos três meses de idade, Michael - em homenagem a seu pai - parece quase totalmente meu filho: seus olhos tão azuis ao nascer agora se transformando em manchas de verde e marrom, seu queixo pontudo e até suas pequenas carrancas e caretas. Mas o cabelo é todo da mãe dele, e às vezes me pego tão apaixonado pela ideia de que ele foi criado de maneira única e exclusiva de mim e da mulher que amo.

A mulher que vai ser minha esposa.

Após nossa conversa e minha tentativa frustrada de me casar com ela da primeira vez, decidi não correr riscos com minha segunda abordagem e, em um movimento muito Zandyzinho, fiz um plano. Parte do plano era estabelecer onde moraríamos e para que faculdade ela iria, porque eu posso morar em qualquer lugar, realmente, e sabia que ela gostaria de estar perto de seu pai. Eu a deixei escolher cada passo do caminho, lembrando-a de que eu a amaria e ficaria com ela, não importa o quê.

Ela escolheu a Inglaterra, o chalé e o rio e, em seguida, iniciou uma campanha de batalha emocional para convencer seu pai a encontrar um emprego aqui perto de nós. Uma

campanha que foi bem sucedida. Ele mora a apenas dez minutos do neto agora.

A outra parte do plano era simplesmente aproveitar o processo de ter Michael. Eu não queria apressá-la ou pressioná-la quando ela parecia tão feliz e iluminada com a chegada iminente dele, então decidi esperar até depois do nascimento dele para resolver isso de uma vez por todas.

A Zandy é minha.

Ela tem sido minha desde o momento em que cobri seu corpo com o meu e deslizei dentro dela. Inferno, ela tem sido minha desde o momento em que tropeçou em mim em uma noite chuvosa de Londres.

E não tenho intenção de deixá-la ir.

Zandy termina seu trabalho enquanto cuido de Michael, e quando ela encerra, ele está pronto para mamar. Sento-me na beira da minha mesa e vejo enquanto ela apoia os pés em uma pilha de livros e leva nosso filho ao peito.

Eu assisto apreciativamente, feliz, porque ela é uma visão assim - seus cabelos caídos sobre os ombros e seu lindo rosto inclinado com carinho... e seu peito perfeito disponível para visualização. Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, meu filho coloca a mão flexionada sobre o peito, como se o reivindicasse.

Eu sorrio, dando um beijo em sua cabeça enquanto me levanto para me preparar para esta tarde. *Mensagem recebida, pequeno senhor*, penso divertido. *Ela é toda sua por enquanto.*

Mas depois que ele cochila em seu habitual coma de leite e o deitamos em seu quarto no andar de cima, levo Zandy de volta ao escritório, porque durante a próxima hora ela é toda minha. E pretendo usar esse tempo muito bem.

No momento em que me sento na minha mesa e digo: — Venha aqui, Srta. Lynch, — meu pau incha contra minhas calças em resposta pavloviana[7]. E incha ainda mais quando vejo a evidência desenfreada de seu desejo estampada em todo o corpo - mamilos como balas duras, bochechas manchadas de rosa e seus dentes brancos mordendo o lábio inferior.

— Sim, professor, — ela murmura, andando na minha direção com um sorriso que não consegue esconder.

— Receio que você tenha sido uma garota má, — digo severamente, — e chegou a hora de fazer algo a respeito.

— Eu não fui uma garota má, — protesta quando finalmente me alcança, e ouço ressentimento verdadeiro em sua voz - minha Zandy sempre quer ser uma boa garota, a queridinha do professor, e mesmo sabendo que é um jogo, ainda não pode reprimir a estudante ansiosa dentro dela querendo me agradar completamente. Sua carranca perplexa é apenas meio fingida. — Eu sou uma boa garota, juro.

— Acho que não, — eu digo, dando-lhe o olhar de aço de professor que a faz derreter todas às vezes. — Precisamos conversar sobre seu comportamento, Senhorita Lynch. E sobre as consequências.

---

[7] Condicionamento **pavloviano**: Um método para causar uma **resposta** ou comportamento reflexo, treinando com ação repetitiva. O fisiologista russo Ivan Petrovich Pavlov condicionou os cães a responderem do que provou ser uma maneira previsível.

Levanto-me e os dentes dela afundam novamente em seu lábio em uma demonstração de contrição. O calor se agrupa na base da minha espinha, e tenho que controlar conscientemente minha respiração e diminuí-la. *Porra*, como eu preciso desse jogo. Como eu preciso *dela* para brincar. Somente ela, pelo resto da minha vida.

— Você acha que não percebi o que você tem feito para chamar minha atenção, senhorita Lynch? Ficando depois da aula? O 'estudo extra' no meu escritório? E você acha que não notei como mostra seu corpo descaradamente para mim?

Olhos azuis profundos olham para mim através de cílios escuros e esvoaçantes. — Eu não estava fazendo isso de propósito, — ela respira. — Eu juro, senhor.

Deslizo minha mão pelo cabelo solto e sedoso da sua nuca. — Eu acho que foi de propósito, — digo friamente. — Eu acho que você está deliberadamente tentando me provocar. E acho que está prestes a descobrir até que ponto pode provocar um homem antes que ele aja.

— Aja? — Ela pergunta, piscando para mim.

Eu a puxo perto o suficiente para que ela possa sentir a coluna quente do meu pau contra sua barriga. — Exatamente, senhorita Lynch. Está na hora de enfrentar as consequências do seu mau comportamento.

E então eu a inclino sobre a mesa.

Estou tremendo. Eu estou quase sempre tremendo nesse ponto, a pura imundície disso latejando profundamente na minha barriga e levando calor até a ponta do meu pau vazando. Algo sobre este jogo me impressiona profundamente,

me faz sentir como se toda vez fosse a primeira vez, e o fato de poder jogar com alguém que ama tanto quanto eu, é incrível. Eu fico honrado por isso todas as vezes.

Ela olha para mim por cima do ombro, fazendo seu beicinho mais inocente. — Mas senhor, não serei ruim. Serei boa, eu juro.

Levanto a saia, expondo uma bunda redonda e uma boceta doce que estão completamente nuas. Nada de roupas íntimas. — Não parece que você tenha quaisquer planos para ser boa em breve, — eu digo sombriamente, dando a sua boceta uma palmada dura. — Eu acho que você está mentindo. Acho que você não consegue resistir, e manterá essa boceta molhada e aberta para mim sempre que eu estiver por perto, porque não suporta que eu não te foda, hein?

Ela mói contra a minha mão, perseguindo a pressão e rolando a cabeça ao longo dos antebraços dobrados.

— Responda-me garota. Você vai começar a se comportar agora? — Eu combino minha pergunta com o deslizamento sujo e penetrante de um dedo profundamente em seu calor, e ela mia para mim.

— Não, professor, sinto muito. Eu simplesmente não consigo resistir...

— Então você terá que enfrentar as consequências do seu comportamento, — eu digo, injetando minha voz com o máximo de tristeza que consigo reunir através de toda a luxúria que atualmente bate em minhas veias. — Como você me para, senhorita Lynch?

— Vermelho, — ela geme, choramingando em protesto enquanto eu removo meu dedo. — Mas, por favor, nunca pare.

Plaft.

A primeira palmada dolorida na sua bunda a faz sacudir contra a mesa, um de seus pezinhos nus levantando reflexivamente. Movo meus próprios pés ao redor dos dela, apreciando muito a cena que fazemos - o tecido da minha calça contra as pernas nuas e as ondas xadrez amarrotadas de sua saia, o couro caro dos meus sapatos contra os adoráveis dedos pintados de vermelho e a pele pálida de seus pés. Dou-lhe outra palmada rápida e depois me sento na minha cadeira.

— Sobre o joelho, senhorita Lynch. Preciso ter certeza de que você não está ficando muito confortável.

O olhar que ela me lança é um prisma de todas as coisas que eu amo no nosso jogo, na nossa vida. É medo e excitação, e a fatia distinta de pesar carinhoso, e endurece meu pau ao mesmo tempo em que amolece meu coração. Eu a amo, e amo a maneira como nos encaixamos quando a puxo sobre meu colo, enquanto ela planta um leve beijo no meu antebraço, e quando dou um aperto rápido na sua coxa antes de regressarmos ao jogo.

Puxo a saia até a cintura e a espalmo até ela se contorcer. Eu a espalmo até que suas pernas começam a chutar e tenho que prendê-las debaixo da minha perna para continuar a castigá-la. Hoje mantenho a calma, minha mão trabalhando em uma área generosa e golpeando com força suficiente para queimar, mas não suficiente para realmente

machucar. E então, uma vez que ela está linda e rosa, separo suas pernas para inspecionar sua boceta.

— Molhada, — eu declaro severamente. — Vergonhosamente molhada. Acho que você não aprendeu a lição.

— Talvez não, — ela suspira quando minha mão controladora começa a esfregar sua boceta. — Eu posso precisar de mais punição.

— Uma pena, — eu digo, pegando-a e inclinando-a de volta sobre a mesa. Com uma mão, eu a mantenho curvada sobre a mesa enquanto minha outra mão mexe em minhas calças para liberar minha ereção dolorida. — Eu tinha tantas esperanças de poder transformá-la em uma boa garota.

— Eu posso começar a ser uma boa garota agora, — ela implora, levantando-se na ponta dos pés e deixando sua abertura molhada nivelada com meu pau. Eu esfrego minha ponta contra ela, aproveitando o calor e o roçar liso de sua carne contra a minha, aproveitando ainda mais seus gemidos necessitados. E finalmente, finalmente, depois de enfiar a cabeça túrgida na pequena costura e me acomodar lá, empurrei para casa.

Ela é tão apertada, tão quente, que a estática nubla os cantos da minha visão. — Eu mudei de ideia, — eu digo sem fôlego. — Você é uma garota muito boa. Totalmente perfeita.

Ela joga o cabelo por cima do ombro enquanto me envia o tipo de olhar atrevido que nenhuma boa garota de verdade jamais poderia usar. — Gosto quando você me fode, professor,

— diz ela, e se empurra contra mim para provar seu ponto de vista. — Você me faz sentir tão bem.

Dou-lhe uma palmada ardente e, em seguida, levo mão na frente dela para adicionar meus dedos ao seu prazer, sabendo o quanto ela gosta da pressão do meu toque em seu clitóris enquanto a fodo pressionando por trás. E não demora muito, comigo a montando contra a mesa e meu toque em seus segredos íntimos, e ela goza com um lamento surpreso, apertando tão forte em torno do meu pau que eu quase me perco.

Mas eu me seguro, com unhas e dentes, desesperado para executar meu plano. Porque uma coisa ficou clara para mim no ano passado, e é o quanto precisamos um do outro assim e o medo de Zandy de perder essa parte minha. Então, preciso provar-lhe agora que ela nunca perderá, que faz parte do nosso amor agora e para sempre.

Depois que seu clímax diminui, estendo a mão e deslizo um pedaço de folha de caderno na frente dela. — Eu me esqueci de mencionar essa tarefa muito importante, — digo, e a vejo olhar brevemente para a folha e depois de volta para mim, como se esperasse ver apenas o *vermelho habitual* rabiscado, já que é assim que geralmente a verifico durante nossos jogos.

Mas desta vez diz algo diferente.

Eu vejo o momento em que ela percebe isso, o momento em que sua cabeça recua para ler o papel novamente, e ela congela sob minha caricia agora em seus quadris.

Eu te amo, diz o papel. *Você quer se casar comigo? Você será minha esposa e me deixará ser seu professor?*

— Oliver, — diz ela, e sua voz está cheia de lágrimas.

Afasto-me o suficiente para poder girá-la e guiá-la de volta para a mesa, de costas desta vez, e rastejo sobre ela, entrando nela com um empurrão molhado de boas-vindas.

— Eu te amo. E eu te quero como você é — murmuro em sua boca, pontuando minhas palavras com beijos profundos. — Você vai me aceitar? Assim como sou?

— Sim, — diz ela, as lágrimas escorrendo pelas bochechas sorridentes. — Sim eu te quero. Sim, te aceitarei.

— Então está resolvido, — eu digo, sentindo como se tivesse engolido o sol e sorrindo como um idiota. — Você é minha.

Ela me dá um olhar desafiador. — E você é meu também.

— Muito.

E quando nos reunimos, quentes, bagunçados e escorregadios em cima da minha mesa, cercados pela biblioteca que ela construiu e com o nosso bebê dormindo no andar de cima, não é o começo de algo incrível - o começo foi em uma noite encharcada há mais de um ano. Mas é uma confirmação.

Uma confirmação e uma conclusão, e mesmo eu sendo o professor, tenho que admitir que a mulher debaixo de mim me ensinou mais do que eu jamais poderia ter imaginado. Não poderia ter planejado melhor a lição, embora quando começamos a nos beijar e a abrir caminho para uma segunda rodada, decido que não há como admitir isso para ela.

Eu sou o professor nesta casa, afinal.